



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
Escola Superior de Educação



# **Tradição em transformação**

Representações Sociais de Tradição em  
Associações Culturais

**Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária**

**Ana Filipa Oliveira Cordeiro**

**Lisboa 2012**



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA

Escola Superior de Educação



# **Tradição em transformação**

Representações Sociais de Tradição em  
Associações Culturais

**Dissertação conducente à obtenção do grau  
de Mestre em Educação Social e Intervenção  
Comunitária, sob orientação do Prof. Doutor  
Luís Manuel Costa Moreno**

**Ana Filipa Oliveira Cordeiro**

**Lisboa 2012**

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho foi apenas possível graças a um conjunto de pessoas que, no decorrer do percurso, apoiaram e colaboraram de forma preciosa.

Ao meu namorado, amigos e família, pelas conversas intensas, paciência, força, ânimo e diversão, por acreditarem em mim e me encorajarem a levar os meus objetivos à prática.

Ao meu orientador pela disponibilidade e apoio ao longo de um caminho repleto de cruzamentos. A todos os que participaram em entrevistas e questionário, pelo tempo, interesse, ideias e reflexões concedidas, e aos que, ajudando em ocasiões e conteúdos específicos, contribuíram para levar o projeto avante.

Foi graças a todas estas pessoas que me foi possível concluir a presente dissertação, e a encarar as trocas e companhia como essenciais à feliz concretização de um percurso intenso. A todos: muito obrigada.

**Resumo**

Na sociedade atual, o fenómeno da globalização parece ter encolhido o planeta. Emergem hoje referências culturais a nível mundial que vêm atestar as teorias defensoras da tendência para uma cultura global, promotora de homogeneidade. Por conseguinte, destaca-se hoje a importância da ligação a culturas específicas – em particular às práticas reconhecidas pelas comunidades, grupos, e indivíduos que as criam, mantêm e transmitem como ferramentas essenciais do seu próprio desenvolvimento – como é o caso das que se inserem no âmbito da cultura tradicional.

Propomos neste projeto um aprofundamento dos significados da cultura popular, especificamente, aquela tida por tradicional portuguesa. Isto, considerando um grupo específico, particularmente no que respeita à música e dança, através da exploração das representações sociais do conceito-processo de tradição.

Devido à complexidade do domínio em estudo, apresentada no enquadramento teórico, optou-se por uma abordagem metodológica de carácter plural. Assim, a investigação com fundamentação empírica passou pela realização inicial de entrevistas a atores de diferentes associações culturais com ligação à música e/ou dança tradicional portuguesa. De modo complementar, um inquérito por questionário foi aplicado a vários grupos de interesse, nomeadamente, participantes em eventos vários, relacionados também, com a música e dança popular/ tradicional portuguesa. Procedeu-se assim à análise de diferentes elementos da representação social de tradição, entendida aqui como produto de um pensamento singularmente construído, mas coletivamente orientado.

Da análise de conteúdo das entrevistas foram distinguidas várias dimensões que posteriormente serviram de orientação para a abordagem quantitativa. Assim, optou-se pela análise direta das dimensões assinaladas, e pela análise linguística/ semântica. Com base na pesquisa e discussão dos resultados cristalizaram-se alguns elementos pertencentes à representação social de tradição do grupo analisado. Estes assumiram alguns contornos específicos: paradoxos; influência da profissão; processos de institucionalização e divulgação; preocupações e investimentos para o futuro da música e dança tradicional portuguesa.

**Key words**

Culture, Tradition, Social Representation

**Abstract**

In today's society, the phenomenon of globalization seems to have shrunk the planet. Emerging worldwide cultural references seem to attest to the theories that support the trend towards a global, homogenous culture. Therefore, the importance of binding to specific cultures – in particular, to practices recognized by communities, groups and individuals that create, maintain and transmit them as essential tools of their own development – is now highlighted. This is the case of traditional culture.

This project aims to scan the meanings of popular culture, specifically, the one considered traditional Portuguese. This, considering a specific group, particularly with regard to music and dance, through the exploration of the social representations of the concept-process that is tradition.

Due to the complexity of the subject, a plural methodological approach was chosen. Initially, interviews were conducted with members from different cultural associations linked to traditional music and/or dance, specifically Portuguese. As a complement, a survey composed of different techniques was applied to various interest groups, mostly of individuals that participate in various events, also related to traditional Portuguese music and dance. This allowed for an analysis of various elements of the social representation of tradition, here perceived as the product of a singular-owned idea, however, collectively driven.

In the content analysis of the interviews, several dimensions were distinguished, that later served as guidance for the quantitative approach. Consequently, direct analysis of those dimensions that were signaled (answered in multiple choice questions) was opted for, as well as a linguistic/semantics analysis. Based on the research and discussion of results, some elements belonging to the social representation of tradition (regarding the analyzed group) were revealed. They assumed specific contours: paradoxes; influence of professions; processes of institutionalization and media release; and concerns and investments for the future of Portuguese traditional music and dance.

# ÍNDICE

Índice .....	iv
ASPETOS INTRODUTÓRIOS E ESTRUTURA ADOTADA.....	1
1. QUADRO TEÓRICO .....	5
1.1. Caminho para a Questão .....	5
1.2. Entre a Educação Social e a Animação Sociocultural .....	7
1.3. Ideia(s) de cultura .....	10
1.3.1. Cultura Popular .....	12
1.4. Tradição .....	14
1.4.1. Transmissão, tempos, e mudança social .....	15
1.4.1.1. Identidade, Legitimidade e Poder Coercivo .....	17
1.4.1.2. Inovação e invenção .....	19
1.4.2. O caso da Música e Dança.....	19
1.4.2.1. Panoramas da música tradicional em Portugal.....	20
1.4.2.2. Processos de institucionalização em Portugal .....	21
2. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	25
2.1. Origem e Definição.....	26
2.1.1. Construção de um objeto e expressão de um sujeito .....	28
2.1.2. Sociabilidade das representações.....	29
2.2. Estruturas e Processos de formação de Representações Sociais .....	30
2.2.1. Objetivação .....	31
2.2.2. Ancoragem.....	33
2.2.3. Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais .....	35
2.3. Funções das representações Sociais.....	36
2.3.1. Aspectos da construção social e pressão para a hegemonia .....	38
2.3.2. Comunicação .....	40
3. METODOLOGIA .....	41
3.1. Especificamente para a Educação Social e Animação Sociocultural .....	41
3.2. Abordagem psicossocial: pesquisa em Representações Sociais e opções metodológicas correntes .....	42
3.3. Metodologia Qualitativa .....	43
3.3.1. Decisões de Amostragem (Entrevistas).....	44
3.3.2. Instrumentos Qualitativos de Coleta de dados.....	45

3.4. Metodologia Quantitativa .....	50
3.4.1. Decisões de Amostragem (inquéritos por questionário).....	50
3.4.2. Técnicas de recolha de dados .....	52
3.4.2.1. Escolha múltipla.....	52
3.4.2.2. Análise Linguística.....	53
3.4.2.3. Validação do instrumento.....	54
4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TRADIÇÃO .....	55
4.1. Caracterização da amostra .....	55
4.1.1. Entrevista .....	55
4.1.2. Questionário.....	56
4.2. Conceito e Definição de Tradição .....	56
4.2.1. Dificuldade de definição.....	57
4.2.2. Processo de transmissão .....	58
4.2.3. Dimensões da passagem do tempo .....	62
4.2.3.1. Reutilização de registos.....	65
4.2.3.2. Invenção .....	67
4.2.4. Dicotomia Rural - Urbano .....	68
4.3. Valorização e Identidade .....	70
4.4. Institucionalização de práticas .....	73
4.5. Acesso e Divulgação.....	76
4.6. Preocupações e investimentos na música e dança tradicional .....	79
4.6.1. Rede .....	79
4.6.2. Educação e Formação .....	79
4.6.3. Arquivos e registos .....	80
4.6.4. Compreensão do conceito.....	81
4.6.5. Ações e eventos .....	82
4.7. Núcleo e periferia das Representações Sociais de Tradição.....	83
4.7.1. Associação Livre de Conceitos.....	84
4.7.1.1. Análise de correspondência.....	90
CONCLUSÕES .....	93
BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA .....	98
Índice de figuras .....	100
Índice de quadros.....	101
ANEXOS .....	- 1 -

## ASPETOS INTRODUTÓRIOS E ESTRUTURA ADOTADA

O progresso científico e tecnológico, a crescente tendência para uma cidadania global, baseada no encontro multinacional, e a influência cada vez mais alargada dos meios de comunicação e informação (principalmente de massas), favorecem a emergência de uma série de efeitos que, transformando expectativas e estilos de vida de populações vastas, vieram criar um novo conjunto de problemáticas sociais. Sob fundamentos de uma constante melhoria das condições de vida e generalização do bem-estar, constituem-se valores de referência cultural, com influência a nível mundial. Existem assim, efetivamente, argumentos válidos a favor da tese que defende a atual transformação, a nível planetário, numa cultura global, promotora de homogeneização. Contudo, reconhece-se que não obstante as tendências culturais para a homogeneidade, se mantêm profundas diferenças entre comunidades (nacionais, regionais, locais), apresentadas ao nível das formas de vida, relação do indivíduo com a comunidade e suas representações da sociedade (Crespi, 1997).

Desta forma, o universo complexo que constitui a cultura tradicional de um país é objeto meritório de atenção, no debate sobre esta questão. Segundo a UNESCO, a nossa “herança cultural não se encerra somente nos monumentos ou coleções de objetos. Esta inclui também tradições ou expressões vivas, herdadas dos nossos antepassados e passadas aos nossos descendentes...”. Constitui ainda “um importante fator na manutenção da diversidade cultural, face à crescente globalização” (tradução própria, UNESCO, 2009<sup>1</sup>).

A importância do património cultural não é, portanto, somente a sua manifestação *per si* mas o conhecimento que representa, e as competências que se transmitem através de gerações. O valor social e económico desta troca é relevante não só para os grupos minoritários de determinado contexto social, mas também para os grupos principais. O conhecimento da herança cultural de diferentes comunidades acresce assim na sua importância, contribuindo para o diálogo intercultural e encorajando o respeito mútuo, seja entre nações ou pequenos grupos.

A cultura é uma dimensão constitutiva da identidade dos indivíduos, sendo construída através da interiorização de modelos e valores funcionais, que propiciam a manutenção

---

<sup>1</sup>Fonte: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), acessado em 03.09.2012 em: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&pg=00002>

de determinada realidade social. Por sua vez, um importante constituinte dos processos através dos quais determinada realidade social se constrói, consiste nas imagens simbólicas, convicções e definições que os indivíduos partilham em relação às suas posições sociais, aos grupos a que pertencem e, em geral, à sociedade. “Conhecer tais representações sociais é, assim, essencial para explicar-compreender as dinâmicas em ato num dado contexto social” (Crespi, 1997, p.223).

As representações sociais são constituídas por um conjunto de informações, crenças, opiniões e atitudes a propósito de dado objeto, formando um conjunto organizado e estruturado. Estas são construídas em concordância com a sociedade, pertencendo a determinado grupo social, cuja necessidade de se posicionar a respeito de certos elementos propicia a negociação e criação destas representações que não são comumente iguais às representações constituídas por outros grupos (Abric, 1994).

Verifica-se certamente, em produções científicas várias, um interesse especial pela herança cultural, em particular a tradicional, expressa em vários estudos sobre diferentes dimensões: música, dança, artefactos específicos, património imaterial em geral, entre outros. Todavia, identificou-se aqui, ao longo de um percurso de exploração multidimensional, no contexto específico português (em particular, lisboeta), a heterogeneidade das perspetivas sobre o que consiste *na realidade* tradição e as práticas tradicionais de música e dança. Empreendeu-se desta forma uma análise das representações sociais de tradição (focando os elementos abstratos da representação do conceito), com base em agentes sociais de associações culturais com especificidade neste campo.

Aprofundar, na medida do possível, o conhecimento sobre diferentes dimensões constituintes da representação social de tradição, ajudará a compreender de forma mais específica, embora aproximada ao grupo referenciado, as principais razões que condicionam a utilização de elementos próprios da cultura tradicional, na intervenção social de associações. Efetivamente, segundo os padrões ideais, a simples descrição do conteúdo cognitivo de uma representação social, sem o relacionar com as condições socioculturais que caracterizam a sua emergência e sem uma reflexão sobre a sua natureza epistemológica não representa uma pesquisa completa (Sá, 1998).

Importa aqui lançar um olhar sobre como os atores sociais agem para, e no cerne da mudança, todavia assentes num quadro de intercâmbio com o(s) seu(s) passado(s) (Silva, 2000). Foi também neste sentido que a investigação se intitulou com base numa expressão sensivelmente paradoxal – tradição em transformação – na medida em que se

propõe a sua exploração. A princípio considerados conflituosos ou mesmo antagónicos, estes dois substantivos e toda expressão em si pretendem inspirar uma visão sobre o que é tradição enquanto conceito vivo, numa sociedade em constante mudança.

A análise do tema organiza-se em quatro capítulos fundamentais. O primeiro capítulo trata do enquadramento teórico do conceito-processo de tradição, nas suas várias dimensões intrínsecas e extrínsecas. Isto é, num primeiro momento (pontos 1.1, 1.2 e 1.3) faz-se uma contextualização do aparecimento desta questão específica, nos domínios pessoal e científico de referência, enquadrando-se as preocupações gerais, presentes neste projeto, com os fundamentos que orientam a área científica da Educação Social e, de modo complementar, da Animação Sociocultural, às quais o aprofundamento da questão está vinculado. Num segundo momento, enquadram-se as questões relacionadas de modo interno com o conceito de tradição, explorando-se as várias ideias de cultura, e investigam-se as múltiplas dimensões que integram o conceito-processo de tradição, cujas produções teóricas se desdobram em várias matrizes conceptuais. Finaliza-se abordando determinados elementos teóricos que se referem especificamente ao quadro português, na área da música e da dança.

Contudo, não se pretende neste capítulo realizar um inventário do que são as práticas musicais e coreográficas específicas, tidas por tradicionais portuguesas. Esta decisão foi tomada com base em várias razões. Em primeiro lugar, pois realizar este inventário seria por si só um trabalho extremamente extenso, mas também, não sendo este o principal foco de estudo, estar-se-ia a propor à partida a realização de um trabalho com pouca profundidade.

No segundo capítulo é feito um aprofundamento das representações sociais. A análise deste conceito da psicologia social é especialmente relevante para este estudo, sendo que este adota aqui duas funções essenciais. As representações sociais são aqui, tanto o sistema construído pelo indivíduo, sob o qual se explica e compreende o conceito de tradição, quanto o instrumento que nos permite percebê-lo. Isto é, ao fazer uma exploração das estruturas e processamentos das representações sociais podemos, por um lado, visualizar as componentes sob as quais se constrói e organiza o conceito-processo de tradição no pensamento social do grupo específico aqui em questão<sup>2</sup>, e por outro, perceber o melhor método e instrumentos para investigar o conceito. Deste modo, aborda-se a origem e definição essencial das representações sociais, as estruturas e

---

<sup>2</sup> Focando os elementos abstratos da representação do conceito.

processos a partir dos quais se formam e gerem, e as suas principais funções sociais. (Abric, 1994).

Depois do geral emolduramento teórico, os capítulos três e quatro são relativos aos dados recolhidos no campo. Sustentando-nos nos conhecimentos teóricos de base, os nossos objetivos implicaram uma aproximação plurimetodológica da análise das representações, organizada em diferentes secções. No terceiro capítulo abordam-se as opções metodológicas que permitiram uma operacionalização analítica das representações sociais de tradição, em particular: a identificação do conteúdo; estudo das relações entre elementos, sua importância relativa e classificação hierárquica; e a delimitação e organização do núcleo central. Assim, considerou-se que o estudo das representações sociais implica a utilização de métodos que, em parte, busquem identificar e fazer emergir os elementos constitutivos da representação, e por outro lado, permitam conhecer a organização desses elementos, identificando, de forma consequente, o núcleo central da representação, sendo que só assim se poderá verificar a centralidade e hierarquia manifestada (idem, 1994). Especificam-se ainda as opções na definição do público-alvo, abrangido pelos diferentes instrumentos, começando pelo qualitativo, partindo-se posteriormente para as técnicas de recolha e de análise, e ferramentas utilizadas para a análise quantitativa.

No capítulo quatro são apresentados e analisados os dados adquiridos a partir das duas principais metodologias utilizadas: de carácter qualitativo, as entrevistas semiestruturadas; e quantitativo, o inquérito por questionário. Analisam-se de forma cruzada e transversal a todas as dimensões mais relevantes – relativas à definição do conceito e processo, valorização e identidade, institucionalização de práticas, e preocupações e investimentos – desenvolvendo-se sequencialmente interpretações teóricas e resultados derivados dos apuramentos obtidos. Adicionalmente, foca-se isoladamente uma das técnicas utilizadas, pela sua ligação específica ao núcleo da representação social de tradição – a associação livre (escrita) de palavras.

Num último momento apresentam-se as considerações finais decorrentes de todo o processo de investigação. Como epílogo geral de todo um percurso, faz-se referência às análises e conclusões relevantes, descobertas várias, e às possíveis implicações para futuras investigações.

# 1. QUADRO TEÓRICO

## 1.1. Caminho para a Questão

Cada investigador e cada investigação fazem parte de uma determinada época, com os seus desafios e acontecimentos marcantes, com as suas específicas e fervorosas discussões, sensibilidades, e linhas de pensamento, sempre em evolução. Desta forma, os estímulos, preocupações e necessidades que originaram a questão aqui presente, são únicos, gerados num particular contexto, traduzindo-se no sumo retirado de uma combinação de vários fatores, pessoais e profissionais (Serrano, 2007; Flick, 2005).

No caso presente, depois de alguns entroncamentos na linha de estudos da autora, esta ingressou no ensino superior, numa Licenciatura no campo da Educação/ Ciências Sociais e Humanas - Animação Sociocultural. Dentro desta formação, várias oportunidades surgiram. Através de colegas, amigos e contactos vários, foi natural a participação, pela primeira vez, em eventos de música e dança, descritos pela organização e participantes como: “de cariz tradicional” ou de “inspiração tradicional”. A participação nestes eventos integrou-se nas rotinas semanais, tornando-se alvo de curiosidade, interesse, procura e participação em eventos de diferentes índoles.

No âmbito do curso de Animação Sociocultural, o programa Erasmus levou a autora à Bélgica, onde estudou durante quatro meses. Encontrando-se obrigatoriamente suspensa a participação nestes eventos em Portugal, mas conhecendo (com as colegas que a acompanharam) bandas de cariz tradicional com origens belgas, procedeu-se à busca de atividades semelhantes, nesse país. Desta forma, foi contextual a participação em vários eventos ligados às tradições belga e francesa, pela música e pela dança. Aqui se começou a instalar e solidificar a curiosidade sobre estas práticas. Sobre a forma como estes eventos são vividos, organizados, pensados, estudados, replicados e/ ou apropriados nos diferentes contextos. De regresso a Portugal, uma renovada e solidamente instalada vontade de participar e compreender as origens e particularidades deste tipo de eventos, levou a autora a participar como voluntária num festival de verão, de música e dança. Este festival tem a particularidade de dar ênfase às músicas e danças populares, inspiradas em tradições portuguesas, principalmente, mas também

estrangeiras, trazendo a uma pequena aldeia no centro de Portugal, bandas de várias nacionalidades<sup>3</sup>. Após o festival, a aproximação à organização, que o trabalho voluntário proporcionou, causou uma indispensável e constante participação em eventos de tal cariz. Para tal contribuiu também o facto de ter contado com a companhia de um grupo de amigos, e adicionalmente, a forma específica e singular como nestes espaços a música se sente e se dança, inspirando a reflexão sobre temas, principalmente no que respeita às práticas musicais e coreográficas, tidas por tradicionais, da própria nação, região, localidade.

Após completar a licenciatura, surgiu uma oportunidade profissional, num projeto de Intervenção Comunitária. No entanto, não foi obtida plena satisfação: absorvida pelos objetivos que a profissão exigia, foi possível perceber que um certo conformismo se instalava. Completando as tarefas exigidas e sem tempo nem motivação para muito mais, crescia o sentido da necessidade de voltar a participar em condições estimulantes, para que se desenvolvesse a capacidade de mais e melhor conseguir e exigir, da própria ação enquanto agente. Foi assim reconhecida uma necessidade de aprender mais mecanismos que conduzissem à exploração aprofundada dos próprios caminhos da Animação Sociocultural, e que ao terem um papel estimulante, “inflamassem” também a criatividade e inovação da atividade pessoal, e os caminhos adequados para a levar avante. Fez assim todo o sentido a inscrição neste curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, conhecendo as suas componentes. Aqui, temas como “mudanças sociais”, “projetos de intervenção comunitária” e “educação social” levaram a recair constantemente sobre questões relacionadas com a cultura em geral e, particularmente com o que comumente se considera a cultura tradicional.

Simultaneamente à frequência deste curso, e na sequência do percurso acima descrito, a formação pessoal foi enriquecida com aulas de concertina, facultadas pela associação organizadora de grande parte dos eventos de música e dança tradicional na zona de Lisboa<sup>4</sup>. Pelos contactos adquiridos através das aulas, novos e semelhantes eventos se revelaram. Uma grande parte destes eventos é inspirada em tradições relacionadas com diferentes pontos do mundo - desde a Irlanda ao Brasil, passando por Cabo Verde.

---

<sup>3</sup> Consultar detalhe do evento no site da Associação Cultural organizadora, acedido em 17.03.2012, em: <http://www.pedexumbo.com/index.php?m=35>

<sup>4</sup> Consultar website da associação com detalhes, acedido em 6.04.2012: <http://www.tradballs.pt/>

Utilizando a dança e a música, diferentes grupos animam a noite de Lisboa (cidade onde se tem materializado o grosso da participação pessoal da autora) em diferentes dias da semana, atraindo muitas pessoas, que se juntam para conviver, ouvir e dançar.

Este percurso pessoal liga-se a interesses que encaram o atual panorama cultural como algo complexo e desafiador, em constante evolução. O fenómeno da globalização parece ter encolhido o planeta, e numa sociedade renovada, com fácil acesso a informação, bens e serviços, emerge uma panóplia de novas oportunidades e problemáticas (Baptista & Carvalho, 2004). Graças à evolução ocorrida nos meios de comunicação e informação, aumentaram os movimentos que evidenciam o panorama do “cidadão do mundo” (por exemplo, a solidariedade com os países em crise ou movimentos de ajuda às vítimas de catástrofes naturais), alienando o cidadão das questões que ocorrem no perímetro mais próximo, da sua rua, bairro, cidade, país (Carneiro, 2001). De forma decorrente, muitos dos “consumos culturais” que fazemos, considerando diversos meios, ganharam um forte carácter global, e perderam a sua ligação ao espaço próximo que habitamos (nacional, regional, local). Este é o contexto em que a investigadora, tendo participado em eventos que de forma clara se relacionavam com a música e a dança tidas por tradicionais portuguesas, desde cedo constatou uma necessidade em enfatizar o valor específico deste tipo de eventos, por parte das associações (consultar quadro da pág. 46), organizadores e participantes. Em grande parte, isto sucede face a uma considerável perda de conteúdos (de práticas tidas por tradicionais), resultante da escalada do fenómeno da globalização principalmente nas últimas duas décadas, aliada a um sentimento de envolvimento de massas nas práticas culturais *mainstream*.

## **1.2. Entre a Educação Social e a Animação Sociocultural**

No campo das Ciências Sociais, a Educação Social e a Animação Sociocultural, que estão na base conceptual deste projeto, pertencem ao que se pode considerar a mesma família. Partilhando fundamentos, objetivos e significados semelhantes, são caracterizados e definidos numa polissemia, acrescendo na complexidade quando se procura desenvolver a tarefa de os definir.

Primeiramente definida como ciência da educação social, a Pedagogia Social, serviu, durante muito tempo para designar o campo da educação “não escolar”, em todas as suas dimensões. Mas com o passar do tempo, esta prática cresceu, transformou-se, e tornou-se mais complexa e diversificada em campos específicos, deixando de fazer sentido enquanto nomenclatura para todo o âmbito socioeducativo (Carvalho & Baptista, 2004). Hoje, enquanto ciência pedagógica, centra-se no processo de sociabilização do sujeito, considerando o panorama escolar institucional, e os aspetos educativos enquadrados no trabalho social. Inclui assim, no seu conteúdo global a Educação Social, enquanto ciência de estudo e intervenção junto de pessoas e grupos, dentro e fora do domínio escolar. Até porque, considerada contínua a educação do indivíduo, feita em todos os momentos de sociabilização (daí, social) seria redutor retirar deste universo a parcela existente em espaços escolares (Díaz, 2006).

A Animação Sociocultural e a Educação Social inscrevem-se portanto na disciplina da Pedagogia Social, enquanto linhas de intervenção distintas, todavia partilhando eixos conceptuais e metodológicos. O leque de formas distintas de conceber a Animação Sociocultural ou a Educação social relaciona-se com as diferentes caracterizações que se podem tomar como base. Definir-se-ão então como ação, atividade, metodologia, instrumento, processo ou programa/ projeto? (Trilla, 2004). Adicionalmente, a dificuldade de definição destes conceitos relaciona-se ao facto de esta se encontrar claramente ligada e dependente do contexto social e cultural, formas políticas dominantes, modelos económicos e sistemas educativos, logicamente em relação a espaços e tempos concretos.

A agudização da fragilidade social de alguns grupos, aliada a uma tendência para o desenvolvimento economicista nas sociedades atuais, entre muitos outros fatores, levaram à necessidade de novas estratégias de ação com, e para a sociedade. A Educação Social surge como o domínio integrador de múltiplas estratégias, metodologias, e aglomerado de instrumentos que permitiram, numa sociedade em mudança, transformar igualmente a forma como é vista a intervenção junto das comunidades (Baptista & Carvalho, 2004). Por sua vez, a Animação Sociocultural, ciência recente e com um rápido desenvolvimento, agrega-se à Educação Social, de forma complementar, com base no teor integrador dos atores no seu próprio desenvolvimento. A prática da Animação Sociocultural baseia-se no “objetivo principal

de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural” (Trilla, 2004).

Contrariando um sentido instrucional, estas ciências dirigem-se ao indivíduo e à sua presença enquanto ser socializante. Como forma de promoção comunitária, incidem em iniciativas que fomentem o desenvolvimento humano, a participação e a transformação social. Atendendo às necessidades, interesses e potencialidades do grupo em questão, atua no âmbito social e pedagógico, impulsionando uma consciencialização dos indivíduos para uma participação ativa no seu próprio desenvolvimento. (Baptista & Carvalho, 2004).

O conjunto que resulta das tentativas de definir as finalidades da Animação Sociocultural é igualmente complexo e ambicioso, composto por uma grande variedade de dimensões. Trilla (2004), fazendo referência aos “enunciados que enfatizam a dimensão cultural”, refere como um dos objetivos “dar a conhecer o folclore e as tradições populares”, aliada à “procura da identidade cultural” e “facilitar a expressão cultural” (p.27).

De facto, à luz dos principais antecedentes particularmente para a Animação Sociocultural, em Portugal, são abundantes as referências feitas à *educação popular*. A educação popular surge no seguimento dos ideais republicanos da liberdade, igualdade e fraternidade, emblemas da revolução francesa, que visavam uma “educação do povo, para o povo e com o povo” (Lopes, 2008, p.102). Utilizando vários métodos de intervenção, tais como: universidades populares, centros de ensino, sociedades de cultura e recreio, sindicatos, cooperativas, sociedades recreativas e dramáticas; procurava-se (neste primeiro modelo) fazer chegar às classes mais desfavorecidas a possibilidade de acesso às áreas do saber e da cultura.

De 1926 a 1974, sob a tríade absoluta “deus, pátria e família”, sob o governo do Estado Novo o povo foi “colocado na situação passiva diante dos acontecimentos culturais”, e a cultura popular, assim como outros setores, foi posta ao serviço do estado principalmente para efeitos de propaganda (aprofundado no ponto 1.4.2.2., adiante), e quando promovidas para as pessoas, serviam unicamente o propósito de distrair (Lopes, 2008, p.107).

Efetivamente, um dos conceitos mais preponderantes em torno do qual orbitam a Animação Sociocultural e a Educação Social é o de cultura. Sendo que a cultura popular se baseia em relações de maior proximidade, responde a contextos de maior especificidade (em relação à cultura oficial e de massas), é característica de “classes subalternas” e apresenta um certo nível de organização própria (apesar da dependência relativa à cultura dominante), esta constitui-se como a realidade cultural de maior ênfase enquanto referente da ação sociocultural.

### **1.3. Ideia(s) de cultura**

O conceito de cultura é, de facto, rico em diferentes definições que se desdobram em várias matrizes conceptuais. Estas podem ser encontradas em várias disciplinas e ciências (Antropologia, Biologia, Etnologia, Sociologia, Filosofia, História, Biologia, Psicologia, entre outras).

No sentido de compreender na Humanidade uma unidade, mais do que a apresentada pela biologia e genética, a definição de Cultura procura inicialmente limitar coerências, apresentando-se desta forma, um utensílio adequado para melhor compreender determinados fenómenos e comportamentos humanos. Características humanas que são claramente biológicas (sexo, idade, necessidades fisiológicas, etc.), não são impermeáveis às influências da cultura, daí divergirem de uma sociedade para outra (divisão sexual e de papéis consoante a idade, diferentes respostas para diferentes necessidades). Nada se coloca, então, como “pura natureza”, daí que a cultura se tenha desenvolvido como uma ferramenta importante para a quebra de arcaicas explicações naturalistas dos comportamentos humanos (Cuche, 2003; Crespi, 1997).

Etimologicamente, cultura refere-se ao trabalho de uma área de terra, o cultivo<sup>5</sup> e era, em tempos remotos, unicamente utilizada com tal significado. Aplicada à análise do espírito humano, quando nos finais do séc. XVII, um geral movimento existencialista se começou a distinguir, a palavra metaforizou-se à consideração do trabalho do espírito. Esta inicial consideração do “cultivo do espírito”, enquanto prática erudita, aludia

---

<sup>5</sup>*Colere* no latim significa cultivar (Dicionário universal de língua portuguesa. (1999) (5ª edição) Lisboa: Texto.

principalmente à prática religiosa, rotina de pessoas instruídas, originando uma embrionária distinção entre os cultos e os simples. O molde inicial da definição de cultura destina-se desta forma, a definir o espírito do homem individual, contudo, apresentando uma forte componente unitária. Ao Homem competia a tarefa de cultivar o espírito, de forma a atingir um patamar de esclarecimento, clareza, luz. Posteriormente, várias correntes de investigação em diferentes áreas reconhecem, em diferentes sociedades, a existência de coerências simbólicas, ou de representações, de um conjunto de práticas (religiosas, políticas, sociais, económicas, etc.) de conjuntos particulares ou grupos de indivíduos (Cuche, 2003). Nos finais do séc. XIX, o estudo de Ciências Sociais floresce e procura-se então delimitar de um modo suficientemente rigoroso o domínio dos fenómenos culturais enquanto objeto de análise. Em 1871, Edward Tylor, um etnólogo americano, delineou o que viria a ser a primeira e embrionária definição científica de cultura: “conjunto de elementos que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, usos e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem, enquanto membro de uma sociedade” (Crespi, 1997, p.13).

Com o aprofundamento da análise dos parâmetros e variáveis dos quais depende em determinado contexto social, o conceito de cultura acresceu na sua complexidade. A acentuação da homo ou heterogeneidade dentro de um contexto social, ou seja, a existência de elementos unitários e/ ou diversificados, inseriu-se nos discursos científicos (principalmente da antropologia e sociologia), nomeadamente no que respeita as teorias do universalismo e relativismo cultural. “Sobretudo a partir dos anos setenta, foi-se sempre afirmando, de modo crescente, a tendência para se sublinhar o carácter variado dos significados culturais presentes numa determinada sociedade, e a pluralidade das suas origens” (Crespi, 1997, p.30).

Em particular, considerando sociedades ocidentais atuais, é clara a variedade de circunstâncias onde grupos culturalmente diversos se cruzam e/ou encontram. Tal multiplicidade de situações origina naturalmente uma pluralidade de resultados. O processo de mudança que ocorre numa sociedade, mediante tal contacto entre culturas, é designado de aculturação. Coabitam, desta forma, noções que consideram este processo como resultados finais de dominação social e cultural, e outras, como um processo onde se fundem elementos, um contacto com trocas de dados culturais, com resultados subsequentes de mudança e de evolução cultural de cada sociedade (idem, 1997).

Contemporaneamente, depois de uma natural evolução do conceito ao longo dos diferentes paradigmas históricos, a tónica coloca-se na heterogeneidade existente em grande parte dos contextos sociais<sup>6</sup>. A definição científica do conceito altera-se assim em conformidade, abrangendo atualmente um maior espectro de contextos:

A cultura surge então como um conjunto polivalente, diversificado e frequentemente heterogéneo de representações, códigos, leis, rituais, modelos de comportamento, valores que constituem, em cada situação social específica, um conjunto de recursos, cuja função própria surge diferentemente definida consoante os momentos. (...) Um pouco como a caixa de ferramentas (*tool kit*) ou um repertório, contendo símbolos, narrações, rituais e conceções do mundo, que os indivíduos, selecionando instrumentos diversos para a construção da sua linha de ação, possam utilizar em configurações específicas, que variam no tempo (Crespi, 1997, p.30).

Contudo, há que pensar estes contactos entre grupos, não só a uma escala global, como também entre elementos de diferentes grupos sociais que partilham uma cultura explícita, pertencentes a uma sociedade complexa. Nas relações entre diferentes classes sociais, poder-se-ão encontrar paralelamente laços entre os dados culturais que as caracterizam. Existindo hierarquias sociais entre os grupos, estas transcrevem-se na cultura (Cuche, 2003).

### **1.3.1. Cultura Popular**

Considerar uma distinção entre grupos culturais com diferentes relações de dominação, remonta para a análise da noção de cultura popular. A oposição entre cultura popular e cultura erudita é considerada produto das relações entre as classes sociais. No início da Idade Moderna (entre os séculos XV e XVII), o conhecimento erudito, exclusivo da elite, contrapunha-se ao conhecimento da maior fração de população, considerada obsoleta, superada, chamada de cultura popular. A elite definia então, subliminarmente,

---

<sup>6</sup>Falando de globalização, e das transformações sociais e culturais que o fenómeno implica, torna-se importante um entendimento dos conceitos aculturação e transculturação. Importa aqui, principalmente, uma consideração da vitalidade e dinâmica do encontro entre culturas, de onde podem ultimar vários resultados. Diferentes grupos perdem e ganham dados culturais com diferente intensidade, resultando em novos grupos culturais singulares ou em grupos transformados com a presença de dados de X quadro de origem (Cuche, 2003; Giddens, 1991).

a cultura popular, e esta antítese erudito-popular, transfere para a dimensão cultural a oposição entre as classes sociais (Cuche, 2003). Todavia, a definição de cultura popular está longe de ser linearmente definida, caracterizando-se a produção teórica sobre o tema pela hetero/multidisciplinaridade.

Neste seguimento, há de facto uma linha que tende a considerar a definição de cultura popular de forma subjacente à cultura oficial ou dominante, esta última caracterizada por reter a capacidade de realizar abrangentes elaborações como, por exemplo, sistemas científicos, políticos, filosóficos, religiosos, estabelecendo-se na sociedade como a “regra geral” ou o senso comum, recebendo, estruturando ou determinando até o valor de contribuições individuais (especialistas, artistas). Retém, adicionalmente, o poder de estabelecer “padrões estéticos, legais, religiosos e económicos que dirigem a atividade de outros sectores”. Em suma, possui, pré-estabelecido, poder de decisão e prestígio legítimo (Trilla, 2004, p.21).

Duas enunciações opostas podem, assim, ser encontradas. A primeira não reconhece na cultura popular nenhuma criatividade própria, classificando-a apenas como uma cópia empobrecida da cultura dominante (a única legítima), relacionando a alienação social das classes populares, à sua falta de autonomia. Desta forma, a cultura autêntica seria a das elites sociais, sendo as culturas populares apenas seu subproduto inacabado. Por oposição, outra tese considera as culturas populares iguais ou mesmo superiores à cultura dominante. Alegando que nenhuma relação hierárquica pode ser encontrada entre culturas diferentes, este enunciado dissocia as culturas de grupos populares e de elite, caracterizando-as como totalmente independentes e autónomas. Contudo a realidade é mais complexa. As culturas populares não se encontram em nenhum dos polos acima assinalados: não são totalmente dependentes, nem completamente autónomas das culturas dominantes. Na sua origem existem elementos copiados e elementos inteiramente criados, reunindo dados originais e importados, constituindo porém um conjunto heterogéneo, mas coerente. As práticas e valores culturais populares assumem funções integradoras, contendo simultaneamente fragmentos originais independentes, e outros, associados ao grupo dominante (Cuche, 2003). Não obstante a possuir uma organização característica, e por essa razão se poder identificar como cultura, a sua vida e manutenção estão intimamente dependentes da cultura oficial.

Como resultado, está constantemente sujeita a ser alterada e manipulada de acordo com os interesses da cultura oficial.

Desta forma, considera-se que, numa perspetiva mais tardia, quando conhecimentos com grande permanência no tempo ganham “estatuto” enquanto tradição, começa-se a transferir para um enunciado científico o termo cultura popular, que identificava os saberes preservados pela transmissão oral, principalmente em contextos rurais. Esta noção foi posteriormente aglutinada no termo folclore, que veio substituir outras denominações utilizadas com o mesmo objetivo, como por exemplo “antiguidades populares” e “literatura popular” (Catenacci, 2001).

## **1.4. Tradição**

A noção de tradição é complexa e ambivalente, podendo conseqüentemente ser aplicada a várias situações, geralmente associadas a práticas e/ou métodos passados e ancestrais de comum utilização. Embora o seu significado, do ponto de vista cultural, seja sensivelmente do senso comum e a sua definição esteja sistematizada em diversas fontes, englobar a totalidade dos aspetos desta conceção, remete para mais do que apenas a condensação das suas linhas gerais. Desta forma, pretende-se nesta secção, apresentar variadas dimensões que se consideram pertencentes à ideia de tradição.

Etimologicamente, a palavra tradição deriva do latim *traditio*. Dos vários sinónimos que lhe são atribuídos (como por exemplo: transmissão, consignação, ensinamento e narração), um elemento permanece invariável: “a passagem de um conjunto de dados culturais de um antecedente a um conseqüente” (sejam estas famílias, grupos, gerações, classes ou sociedades) (Romano, 1997, p.166).

A acumulação de significados que nascem, se enriquecem, e dissolvem, proporciona de facto à tradição um cunho histórico, com ambas vitalidade atual e solidez no passado. Neste sentido, tradição pode ser facilmente confundida e/ ou utilizada como sinónimo de cultura. No entanto, apenas ignorando o carácter globalista de cultura, que engloba o conjunto das “obras do Homem” na sua totalidade, é que se poderão considerar sinónimos os conceitos de tradição e cultura (Romano, 1997; Silva, 2000; Hobsbawm & Ranger, 2003)

### **1.4.1. Transmissão, tempos, e mudança social**

Sendo o Homem um ser social, construiu, de forma a possibilitar a comunicação (essencial à interação com os outros), um sistema de sinais, partilhado por todos os elementos participantes numa atividade comum. Por meio deste sistema, em grande medida linguístico, todas as experiências partilhadas por um mesmo grupo tornaram-se facilmente transmissíveis. Assim, segundo Berger e Luckmann (1976), “se vários indivíduos participaram da experiência, ficará sedimentada intersubjetivamente, podendo até talvez formar um profundo laço entre esses indivíduos” (p.96). A linguagem fornece, desta forma, um meio decisivo, no sentido em que a oralidade permite a partilha e a valorização da experiência, mesmo àqueles que por ela nunca passaram “fisicamente”, promovendo um meio para a objetivação de novas experiências, ou seja, a incorporação de novos conhecimentos naqueles já existentes (o processo de objetivação será aprofundado, enquanto processo de formação de representações sociais).

Segundo Silva (2000), “as tradições (...) funcionam como textos, mensagens autorizadas, detentoras de realidade e legitimidade próprias, que servem de referência comum” (p.14). Este vetor de realidade pode muitas vezes, vindo a sua origem demasiado remota, criar raízes no imaginário comum, isto é:

tendo a origem real das sedimentações perdido importância, a tradição pode inventar uma origem completamente diferente, sem com isso ameaçar o que foi objetivado. Em outras palavras, as legitimações podem seguir-se umas às outras, de vez em quando outorgando novos significados às experiências sedimentais da coletividade em questão (Berger, 1976, p.97).

Consideremos o facto do conceito de tradição oferecer uma ligação entre diferentes tempos: o tempo extenso da história, o tempo das circunstâncias em contexto X e o tempo curto dos acontecimentos. Estes diferentes tempos não se alternam, nem se continuam, eles coexistem, interligados em determinado contexto espaço-tempo. No entanto, esta concomitância de tempos não implica que a tradição seja um processo apenas cumulativo. A utilização das tradições está assim, longe de ser inerte ou passiva, e este processo de obtenção, desenvolvimento, recriação, adaptação, dissolvença, etc., é

de facto, verdadeiramente dinâmico e ativo, como a generalidade dos processos sociais. Por conseguinte, e adotando as palavras de Silva (2000): “também as tradições estão instaladas na mudança” (p.14).

Vários comportamentos, tidos como tradicionais, funcionam como uma ponte ao longo do tempo e, deste modo, no decurso de processos de conservação e inovação, compreendem múltiplas possibilidades para uma interação entre o passado e o presente. Fará, então, sentido reconhecer que:

Não existem sociedades sem tradições: não existe sociedade na qual os conteúdos culturais e estruturais que caracterizam as suas dinâmicas históricas não se manifestem como a intersecção permanentemente mutável entre um património marcado pelo passado e as constantes exigências de inovação que surgem a todos os níveis da vida coletiva (Romano, 1997, p.191).

Não existem sociedades absolutamente inertes nem histórias ou tradições imóveis, embora a diferença entre conservação e mudança, tradição e modernidade, seja apenas determinável especificamente para cada caso, ponto de vista e/ou contexto, visto a orientação e intensidade das mudanças sociais ser relativa (Silva, 2000). Até mesmo as sociedades que se fundamentam na modernização anti tradicionalista criam tradições, por meio e no processo da sua estruturação e consolidação ao longo do tempo. Desta forma, “a tradição representa uma combinação entre tempos que, (...) conjugando diacronicamente vários registos e medidas de tempo, assegura um certo controlo da temporalidade” (idem, p.12). Isto permite um pensar e agir presente, no entanto, pensando a vida como um quadro de ação com significância a longo prazo.

De forma similar, podemos indagar sobre a possibilidade de se verificar, na história, alguma revolução (no sentido de transformação profunda) que, alterando a sociedade a todos os níveis, tenha extinguido a totalidade das tradições. Excluindo os acontecimentos que levaram à extinção de comunidades na sua totalidade (pois revolução implica consequentes), tal nunca aconteceu, nem parece possível que aconteça futuramente. Isto, pela simples razão que, como já foi exposto, tal acontecimento implicaria uma obliteração total de determinada cultura. Assim, parte-se do pressuposto que, “revoluções e ‘movimentos progressivos’ que quebram com o passado têm, por definição, o seu próprio passado relevante” (Hobsbawm & Ranger,

1992, p. 2; Romano, 1997). Desta forma, assim como a tradição se instala na mudança, também a mudança está embebida pelas permanências às quais chamamos tradição.

#### **1.4.1.1. Identidade, Legitimidade e Poder Coercivo**

Derivado do quadro de ação significativa para o indivíduo, as tradições a que o sujeito se encontra vinculado, enquanto ator social, constituem referência central da sua identidade pessoal e enquanto membro de um grupo. A construção destas identidades (pessoal e social) pressupõe certas continuidades e reconhecimentos: continuidade na rota pessoal e grupal de formação/ construção do Eu, e reconhecimento deste (Eu) por si próprio e pelos outros. Isto, num contexto de interação com um grupo concreto, num espaço e tempo específicos. A ligação à tradição, sobretudo, a tradições coletivamente partilhadas influencia, de forma evidente e favorável, a construção social de identidades (Silva, 2000). Inscritos na consciência de determinado grupo, os comportamentos tidos enquanto tradição podem comportar-se como normas implícitas ou direitos adquiridos no tempo e, como tal, virtualmente impossíveis de anular. Tal solidez conceitual confere a estes dados uma legitimidade automática dificultando em simultâneo qualquer tentativa de transformação:

A herança da tradição tenta muitas vezes transformar-se na representação vinculativa e compulsiva, da ‘verdade’. (...) Pondo-se como garantia de crenças, enunciados, visões do mundo, comportamentos cuja persistência parece torná-los inatacáveis, e quanto mais eles remontam a épocas remotas mais reclamam um direito quase automático à legitimação (Romano, 1997, p.166).

A conceção geocêntrica de Aristóteles e Ptolomeu (em que o sol, tal como todos os outros corpos celestes, giram em torno do planeta Terra) constituiu, certamente, uma das tradições mais ricas em poder coercivo, derivado o seu prestígio intelectual. Esta tese, defendida tanto pelas leis da física, matematicamente calculáveis, e em coerência com ideais religiosos, conferiu ao modelo geocêntrico uma rigidez que, continuamente sistematizada lhe concedeu a sua legitimidade quase inabalável.

Tratou-se (...) de uma tradição vivida pela sociedade do tempo na sua globalidade, respondendo a exigências diversas e contudo controlada e dirigida

pelos níveis hegemônicos. A institucionalização de determinados agregados culturais e a sua conversão em tradição respondem pois, às vezes, quer a problemas de poder, quer a outros mais subtis de um equilíbrio que, uma vez posto em crise num dos seus pontos de apoio, se arrisca a esboroar-se. Foi certamente este o motivo que levou o colega paduano de Galileu a recusar olhar a lua através do óculo (Romano, 1997, p.173).

Através de afirmações científicas, aliadas ao poder histórico e religioso, o pensamento científico, potencialmente fecundo no que respeita o conhecimento do universo, viu-se “preso na gaiola de ferro de uma tradição que fossilizou o espírito da investigação científica ao longo de quase dois milénios” (Romano, 1997, p.174)

Decerto, a religião e a nação apresentam-se como os paradigmas onde as tradições são mais comumente aceites enquanto aquisições inconscientes ou não deliberadas. O sistema coletivo, não é facilmente posto em causa, sendo que as condições de vida são fortemente interiorizadas, pelas gerações que se sucedem, como dados “naturais”, mesmo quando se traduzem em situações de sofrimento (por vezes coletivo) ou de manifesta injustiça. Nesta linha, um dos exemplos extremos deste tipo de autoridade legitimada (quase) como natureza, é a mística da tradição pagã, justaposta aos ideais do nacionalismo racista, antissemita e anticomunista do partido Nazi:

A religião nazi despertou as forças elementares de um passado remoto (...). Assim a esplêndida tradição inaugurada por Goethe, Herder, Novalis sob a insígnia do mistério, da Idade Média cristã, das fábulas populares, e dos *Lieder*, sob a insígnia, em suma, da chamada “humanidade da Germânia” – encerrava tragicamente a sua parábola confluindo nas doutrinas que iriam produzir os fornos crematórios de Dachau (Romano, 1997, p.181).

A tradição representa, nesta perspetiva, uma repetição de um caminho já antes percorrido, tratando-se da renovação de um modelo ou evento referente ao passado, que encontra neste a sua origem (mesmo que inventada), e nesta última a sua legitimação (ou mesmo autoridade coerciva). São assim estabelecidas crenças, comportamentos, implicitamente compartilhados, que na resposta de uma interpretação, muitas vezes se obtêm respostas “alegóricas” ou que pouco ou nada têm a ver com as motivações reais (como por exemplo: “sempre se fez assim”) (idem, 1997).

#### **1.4.1.2. Inovação e invenção**

Na perspectiva de Hobsbawm (1992), “‘tradições’ que parecem ou alegam ser antigas, são comumente recentes no que respeita a sua origem e, por vezes inventadas”. Fazendo uma definição dualista do conceito de “tradição inventada”, este autor abrange nesta definição tanto factos largamente reconhecíveis, como aqueles específicos para determinado contexto:

Inclui tanto as tradições efetivamente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, como aquelas que emergiram de uma forma menos localizável, dentro de um breve e determinado período – em questão de poucos anos, talvez – e se instituíram rapidamente (trad. própria, Hobsbawm e Ranger, 1992, p.1).

Admitem-se assim manifestações culturais que sofreram transformações, juntamente com aquelas que se institucionalizaram fortemente. Por exemplo, este último caso é ilustrado na forma do “Royal Christmas Broadcast”, uma transmissão por rádio instituída, em Inglaterra, em 1932, e o primeiro pelas (atualmente, mundialmente reconhecidas) tradições Escocesas serranas (Trevor-Roper *in* Hobsbawm & Ranger, 1992).

Este conjunto de práticas, que viram a sua origem legitimada numa “invenção”, são normalmente regidas por regras abertamente ou implicitamente aceites, na globalidade do grupo social em questão, ou, por outro lado, podem ser ritualizadas ou adquirir grande simbolismo, no sentido de inculcar determinados valores e/ou normas de comportamento (Hobsbawm & Ranger, 1992).

#### **1.4.2. O caso da Música e Dança**

Para cada estilo musical, o conjunto preciso de determinados padrões e características (instrumentos singulares, a sua afinação particular, o tempo da melodia e os temas e textos das canções, etc.) circunscrevem um conjunto estético em particular. Pelas constantes verificadas em cada estilo de música, seria então possível reconhecer determinado estilo musical, separado dos restantes, baseando-nos na marca das suas particularidades. Juntamente, com uma profunda ligação às práticas musicais, somos

capazes de conferir a determinadas combinações coreográficas, designações específicas, claramente diferenciáveis das demais.

De forma similar, todo o agregado estético que associamos a determinado estilo musical ou coreográfico, arrasta consigo uma série de aspetos históricos, onde essa cultura sustenta as suas origens. Estes são comumente designados de “aspetos tradicionais” das práticas culturais associadas àquele estilo de música ou prática coreográfica.

A essência da tradição, na sua finalidade, estabeleceria acima de qualquer discórdia as práticas em si baseadas. Resistindo ao fluxo das mudanças, estabelecendo fortes permanências, as práticas tradicionais estariam como que localizadas fora do percurso da história e fortemente legitimadas e consolidadas na referência à sua origem. No entanto, sabemos que tal não se processa de modo tão simples. A tradição e, conseqüentemente, os processos de transmissão, são ambivalentes, contraditórios e complexos. A obtenção, desenvolvimento, recriação, adaptação, decomposição, e reconstrução de quaisquer dados culturais fundam-se em vários aspetos, simultaneamente de permanência e mudança. Logicamente, o mesmo acontece para os processos de transmissão no que respeita em particular a música e a dança.

#### **1.4.2.1. Panoramas da música tradicional em Portugal**

Inventariar toda a herança musical e coreográfica do povo português é uma tarefa plenamente ingrata e/ou mesmo impossível. No entanto, existem alguns autores que se lançaram na missão de reunir o maior número de práticas culturais (musicais e coreográficas) consideradas património (com origens no passado) de carácter nacional. Assim, são recolhidos espécimes cujas estruturas, estilos, géneros e funções são diversificadas, mas que desenham uma “paisagem” com traços fisionómicos de tradição, contudo apresentando raízes polissémicas e simultaneamente, contínuo rejuvenescimento, considerando as trocas implicadas na passagem do tempo (Giacometti, 1981).

Sendo tal património caracterizado pela diversidade e plasticidade dos seus padrões estéticos, importa apurar os âmbitos e pesos de determinados fatores, tais como: a especificidade geográfica de Portugal; a presença árabe antes da consolidação das fronteiras; as miscigenações proporcionadas pelos Descobrimentos e pela manutenção e

independência colonial, etc., entre muitos outros momentos históricos que promoveram encontros, trocas e transformações múltiplas, com diferentes amplitudes (Giacometti, 1981). Os programas de recolha e registo de práticas da cultura popular várias, caracterizam-se igualmente pela polissemia metodológica, resultando num conjunto rico de materiais de registo inventário, com diferentes lacunas e potencialidades.

#### **1.4.2.2. Processos de institucionalização em Portugal**

Apesar da distinção entre a cultura das elites e a cultura popular das “classes subalternas” existir desde a Revolução Industrial – quando, pela crescente concentração urbana da população, se começa a perceber esta nova dinâmica social na forma de classes e consequentes diferenciados consumos culturais – é nos finais do século XIX que o estudo do povo assume um carácter científico. Tendo em consideração o panorama nacional, a institucionalização do folclore<sup>7</sup> tem as suas primeiras manifestações ainda no período de consolidação dos alicerces da democracia liberal, por exemplo, na “Campanha do Reaportuguesamento de Portugal” em 1910 (Castelo-Branco & Branco, 2003).

No entanto, relativamente aos grandes períodos históricos do século XX é inegável e evidente a relevância que o período estado-novista (1933-1974) compreende. O fenómeno cultural de folclorização surge precisamente, em Portugal, no final dos anos 30, provido de mecanismos e instrumentos cuja principal finalidade consistia em “fabricar exposições públicas (música, dança, traje)”. Surge da necessidade de transpor para um enunciado científico “o fascínio pelo povo”, adotando-se uma estratégia de recolha de conhecimentos empíricos sobre cultura popular, utilizados para a sistematizar e divulgar, autenticando-a. Considera-se assim folclorização como o “processo de construção e de institucionalização de práticas performativas, tidas por tradicionais, constituídas por fragmentos retirados da cultura popular, em regra, rural. O objetivo é representar tradição duma localidade, duma região ou da nação.” (Castelo-Branco e Branco, 2003, p.1).

---

<sup>7</sup>Este neologismo acontece na aglutinação das palavras inglesas *folk* (povo) e *lore* (saber), com a autoria do arqueólogo inglês William John Thoms, pela necessidade de designar um novo saber - tradições, costumes e superstições das classes populares, dando, mais tarde, ao folclore o estatuto de “história não escrita” de um povo ou mesmo ciência das tradições (Catenacci, 2001)

Com base na convicção de que uma identidade remota, e de certa forma, superior a interesses particulares, era capaz de unificar os cidadãos, o governo eleva o folclore a assunto de estado. São criados organismos de regulação política e estética do folclore (FNAT, SNI, Casas do Povo, etc.), transferindo as tradições para um enunciado científico com propósitos políticos.

Na orgânica do Estado Novo, a política específica para a cultura popular convocou uma miríade de instituições, nomeadamente as câmaras municipais, juntas de província/juntas distritais, Secretariado de propaganda Nacional/ Secretariado Nacional de Informação, Cultura popular e Turismo (SNI), Instituto Nacional do Trabalho e Providência (INTP), FNAT, junta central das Casas do Povo (JCCP) Junta de Acção Social (JAS) e Ministério da Educação Nacional (MEN) (Melo, 2003, p.38)

Os “saberes do povo” ganham para o estado um peso estratégico, numa prolongada campanha para descobrir a identidade cultural da nação. A reabilitação da tradição cultural é instrumentalizada pelos poderes políticos, como mecanismo de afirmação de uma cultura nacional e nacionalista. Todavia, no desempenho de tal estratégia, são visíveis os paradoxos presentes no método das instituições. Por exemplo, se por um lado a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) desempenhava um papel importante na divulgação cultural (parte de um programa oficial de cultura popular) em Portugal, por outro, estimulava uma orientação rígida e limitativa para a moral oficial e “aprovada” pelos ideais políticos vigentes. “[A] orientação da FNAT era determinada pela perspectiva oficial de cultura popular, assente na filtragem dos valores do ruralismo, do tradicionalismo e do historicismo por um estado autoritário, nacionalista e confessional católico” (Melo, 2003, p.38; Castelo-Branco & Branco, 2003).

A intervenção dos programas do Estado Novo no domínio cultural foi regulada pela intenção de integrar uma componente etnográfica no projeto nacionalista, funcionando em grande medida “através de um impulso de recriação e manipulação de estruturas da tradição popular ou por via de um efeito de alusão a estas” (Melo, 2003, p.56). No entanto, a instrumentalização e sobrevalorização da genuinidade das práticas tradicionais criou tensões em relação às práticas “reais” e ao próprio dinamismo cultural, mesclado e ativo, da sociedade portuguesa da altura. Isto foi possível, “uma

vez que esta se fazia grandemente pelo processo de homogeneização/ formalização de iniciativas culturais e era condicionada pela interação de intuítos ideológicos, propagandísticos, lúdicos e turísticos”. Adicionalmente, muitas das propostas do programa cultural correspondiam a tradições inventadas (por exemplo, as festas do trabalho), acrescentando o esforço do estado em lhes dar credibilidade, pela impossibilidade de referência à origem “genuína” portuguesa, nestes casos inexistente (idem, 2003, p.56).

Após a revolução de 1974, esta regulação passa a ser realizada no quadro do regime democrático, de forma voluntária. Devido à sua institucionalização, as práticas culturais populares deixam o seu contexto social original, no qual toda a comunidade participava, para obter um carácter performativo, com um transmissor e um recetor, instrumento de divulgação de práticas tradicionais locais, fazendo com que as manifestações culturais baseadas em património tradicional saiam do meio rural, ligando a localidade ao exterior. Nesta perspetiva forma-se em 1977 a Federação do Folclore Português (FFP) que, preocupada com a “desfiguração patente” na prática de folclore em grande escala durante o período ditatorial, adquire um papel determinante na definição de linhas de autenticidade e métodos a aplicar. Nos anos 80, após intervenções comunitárias ao nível da população estudantil<sup>8</sup>, e num “período de efervescência revolucionária”, surge entre os jovens a “vontade de construir ‘outro folclore’, mais ‘autêntico’, liberto do que era visto como herança estado-novista”, instaurando uma visão crítica sobre a “autenticidade até aí encenada pelos ranchos” folclóricos. Nascem os Grupos Urbanos de Recriação (GUR) que iniciam um processo de (re) folclorização, com base num “modelo distinto”, onde aspetos como o traje e a dança são excluídos das exibições, ou seja, performances musicais, em maioria, com fim a dar maior ênfase ao debate crítico sobre as práticas tradicionais ditas autênticas (Castelo-Branco & Branco, 2003, p.8-11).

Especialmente no período do Estado Novo, “o folclore instituiu-se mais um modo de produção cultural na sociedade por meio do qual se realizou a integração política das populações rurais na nação” (Kirshenblatt-Gimblett, 1998 *in* Castelo-Branco & Branco, 2003, p.20). Posteriormente, pela divulgação a várias camadas populacionais, o

---

<sup>8</sup> “O Plano Trabalho e Cultura (PTC), lançado em 1975 por Michel Giacometti no âmbito do Serviço Cívico Estudantil (...)” (Castelo-Branco & Branco, 2003, p.10).

património cultural tradicional passa a ser utilizado como instrumento de emancipação política. Formam-se grupos urbanos de recriação que “apresentavam um património musical rural de todo o país para uma assistência também urbana”, caracterizando a crítica à real autenticidade do tradicional, pela sua origem em camadas citadinas. Com base nestas razões, surge um paradoxo, estabelecido pela dicotomia rural-urbano na criação de produtos de património tradicional, pois “a essência ruralista do seu conteúdo cria-se, institucionaliza-se e reproduz-se a partir de um quadro urbano” (idem, 2003, p.10).

Do mesmo modo, ocorre na sociedade uma espécie de “seleção social” das práticas, algumas instituindo-se como tradicionais e outras depuradas, reduzidas a resquícios da cultura popular. Os grupos dominantes da sociedade que, de início, selecionaram, construíram e instituíram manifestações da cultura popular (as folclorizaram) fizeram-no segundo as suas normas, dominantes também e por eles aceites. Desta forma construíram e restauraram, apropriaram e transformaram as práticas que, posteriormente foram institucionalizadas, ou seja, submetem essas práticas a uma alteração, de onde resultaram expressões culturais transformadas, apropriadas num quadro distinto do de origem. Como exemplo desta “seleção social” (que acontece de forma inconsciente ou propositada) é pertinente examinar a evolução conceptual de um grupo de música tradicional/ associação cultural portuguesa<sup>9</sup>. Originados com base na necessidade de preservar e divulgar a cultura mirandesa, e com a adicional preocupação nascida das mudanças socioculturais provocadas pela globalização, o grupo constitui-se inicialmente impermeável, utilizando trajes fiéis aos costumes antigos (dos gaiteiros) e reproduzindo também, justamente a música herdada de um meio culturalmente específico. Atualmente metamorfoseou-se, utilizando a herança cultural (em particular a música tradicional e língua) mirandesa como recurso de (re)criação do seu património, adaptando-se às exigências de um novo público e de um novo contexto social (Alge, 2009).

---

<sup>9</sup>O grupo musical/associação cultural em questão, foi criado/a em 1996 por quatro habitantes do concelho de Miranda do Douro. A principal intenção deste grupo assenta na recolha e disseminação do património musical e linguístico desta região” (Alge, 2009).

## **2. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

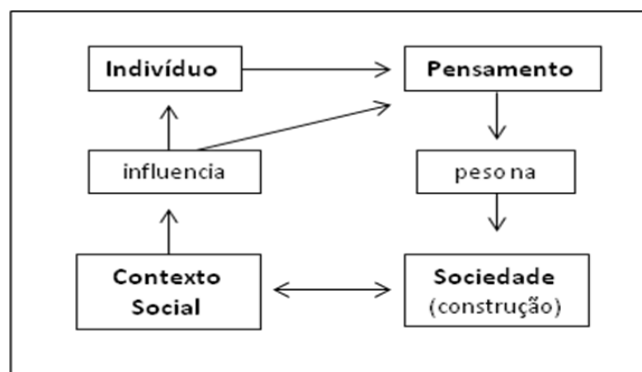
Em determinado contexto social, somos e agimos de acordo com uma base de comportamentos, que estão subjacentes ao modo como percebemos os outros, como nos vimos a nós próprios, e na forma como interagimos. A cognição social, essa base de comportamentos, é uma forma de conhecimento e de relação com o mundo social. Para processarmos toda a informação relativa à nossa vivência social complexa, temos a necessidade de recorrer a esquemas que representam o nosso conhecimento sobre nós, sobre os outros e sobre os nossos papéis. São esses esquemas, sistemas de significados e saberes, que nos servem de ponto de partida para processarmos e interpretarmos informação sobre o mundo social, para nos comportarmos dentro de uma coerência socialmente estabelecida e para formarmos opiniões sobre nós, sobre os outros e sobre os variados fenómenos do nosso contexto (Vala & Monteiro, 2010).

Interação significa, precisamente, ação entre, pelo menos, dois sujeitos, apontando imediatamente para a ideia de resposta a um estímulo, leitura e interpretação, no fundo, uma troca com base na análise de situações, e construção de classificações. Deste modo, o estudo das representações sociais apresenta-se como uma ferramenta relevante para a análise de uma classificação social – as tradições – na medida em que permite compreender um conjunto organizado de significados, e conhecer os papéis que os agentes sociais representam, na sua interação social, na criação e manutenção deste (conjunto) (idem, 2010).

A ideia de que os indivíduos e grupos pensam, e de que estes pensamentos, organizados em teias, influem e se englobam nas várias estruturas de dada sociedade, representa uma nova forma de compreender a construção dessas mesmas estruturas e o comportamento dos indivíduos e grupos. Os indivíduos, mais do que agentes passivos na receção de informação, constroem significados e teorizam a sua realidade social. Assim sendo, os julgamentos e os comportamentos sociais não podem ser compreendidos, se ignorados os processos básicos de cognição social (forma como os indivíduos pensam, e como estes pensam que pensam). Partindo desta premissa, a teoria das representações sociais, contrariamente a precedentes teorias, admite como fundamental os pensamentos dos indivíduos, e o peso destes na construção da sociedade. Adicionalmente, de forma

circular, dá conta da importância do contexto social do indivíduo, e a influência deste na construção do próprio pensamento (figura 1) (Vala & Monteiro, 2010; Abric, 1994).

**Figura 1 - Sociedade, Contexto, Indivíduo e Pensamento**



São vários os fatores a considerar quando se trata de estudar representações sociais. Como já foi relatado anteriormente, a dinâmica sociocultural em que se constituem as representações sociais influi fortemente no processo. Assim, considerando as sociedades contemporâneas, nas quais cada indivíduo pertence a variadas e simultâneas redes sociais e tem contacto com outros diversos meios culturais, o estudo das representações sociais torna-se extremamente complexo (Cabecinhas, 2009).

Através de diversas significações, as representações sociais refletem os seus criadores (indivíduos ou grupos) e dão ao objeto representado uma definição específica. Estas definições, partilhadas pelos membros do grupo, constroem para este uma visão consensual da realidade. Podem desta forma entrar em conflito com outros grupos, não deixando de guiar a ação e as trocas quotidianas. Representar, ou autorrepresentar-se, corresponde à formulação de um pensamento no qual o sujeito se relaciona com um objeto. Este pode tomar várias configurações, ser abstrato ou concreto, real ou imaginário. A representação é, assim, o representante mental do objeto que constitui simbolicamente, contudo, carregando sempre a marca da individualidade do sujeito, sua ação e/ou contexto (Vala & Monteiro, 2010).

## **2.1. Origem e Definição**

O estudo das representações sociais é inaugurado por Serge Moscovici, em 1961, no campo da psicologia social, aquando da publicação da sua tese de doutoramento, A

*Psicanálise, a sua imagem e público* (tradução própria). O seu estudo abrangia dois âmbitos de carácter diferente. Numa problemática de cariz específico investiga a difusão e apropriação de conhecimentos, em matérias da psicanálise, pelo homem comum – especificamente, as representações sociais da psicanálise, em França, na viragem entre os anos 50 e 60. Numa problemática abrangente, procura compreender como os indivíduos, em interação social, constroem a realidade, através de teorias sobre objetos sociais, viabilizando desta forma processos de comunicação e comportamento, no seu dia-a-dia. Ou seja, a forma como determinado grupo social produz realidade através das representações que admite (Vala & Monteiro, 2010; Cabecinhas, 2009).

No seu primeiro trabalho relativo às representações sociais, Moscovici (1961), situa a sua abordagem no campo de conhecimento de uma forma pioneira, relativamente ao quadro vigente. Ele considera que recorrendo à noção de representações sociais, apela a um produto da tradição clássica, o que por sua vez o impele a considerar a psicologia social como uma ciência social por si só, tal como a sociologia e a antropologia. Entende assim as teorias simultaneamente como abordagens aos fenómenos sociais, e sistemas de descrição e explicação. Por estas razões se abstém, neste primeiro trabalho, de definir mais especificamente as representações sociais (*in* Castro, 2002).

As representações sociais serão um somatório de dados que o sujeito adquire de vários domínios: de teorias científicas (como, por exemplo, Moscovici discute, na sua linha de investigação mais específica), de grandes eixos culturais, de ideologias formalizadas, das experiências e comunicações desenvolvidas no quotidiano. Poderá, nesse caso, definir-se representação social como “uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989 *in* Vala & Monteiro, 2010, p.458).

Moscovici (1984) clarifica ainda a importância do contexto específico em que são produzidas, assumindo que as representações sociais da *sua* atualidade são apenas os equivalentes dos sistemas de crenças, ou representações, de outras sociedades:

As representações sociais de que me ocupo não são as das sociedades primitivas, nem o que delas resta no subsolo da nossa cultura. São as da nossa sociedade atual, no nosso solo político, científico e humano, e que nem sempre

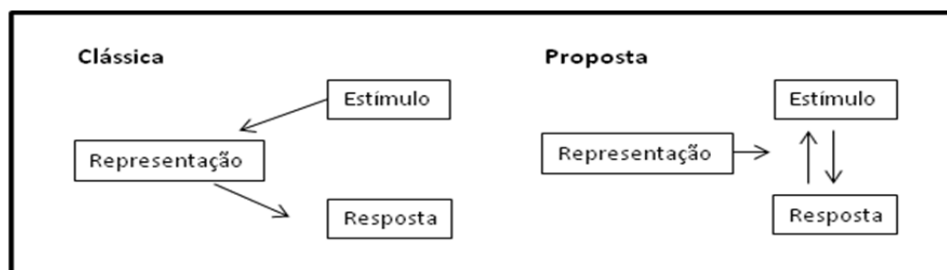
tiveram o tempo para permitir a sedimentação que as tornaria (...) imutáveis (Moscovici, 1984 in Vala & Monteiro, 2010, p.458).

O principal antecedente, autor de referência no que respeita a definição deste conceito, foi Durkheim (1898), com a proposta de “representações coletivas”, vinculando as bases para a existência de pensamento organizado à vida social. No entanto, a sua proposta não tem em conta a diversidade e constante transformação das representações, não compreendendo igualmente a coexistência de uma grande multiplicidade de perceções e modos de organização do pensamento. Centrando-se apenas nas representações que dizem respeito a significados largamente partilhados por membros de um grupo estruturado, torna-se equivalente à posterior noção de representações sociais hegemónicas<sup>10</sup> de Moscovici (Castro, 2002).

### 2.1.1. Construção de um objeto e expressão de um sujeito

Como já foi referido, de acordo com o paradigma atual, os indivíduos não são apenas recetores passivos de informação, mas sim, criadores de significados. Desta forma, e no percurso da compreensão do conceito de representação social, procurou-se posicionar as representações, relativamente a dois conceitos tradicionais da Psicologia – estímulo e resposta. A conceção clássica vigente atribuíra às representações estatuto de mediadoras. Mas em 1961, Moscovici formulou, no seu projeto, uma nova proposta na relação estímulo, resposta e representações. Estas perdem a sua função apenas de mediadoras, considerando-se aqui como constituintes do estímulo e modeladoras da resposta, ocupando todo o processo (figura 2) (Vala & Monteiro, 2010)

Figura 2 - Relação: representação, estímulo e resposta



<sup>10</sup>Abordadas abaixo

As representações sociais perdem a sua qualidade de mediadoras apenas, adquirindo um papel holístico em todo o processo cognitivo: “a representação não é um reflexo de um objeto, mas um produto do confronto da atividade mental de um sujeito e das relações complexas que mantém com o objeto” (Abric, 1987 *in* Vala & Monteiro, 2010, p.461)

### **2.1.2. Sociabilidade das representações**

Em que medida é então uma representação, social? Em que critério reside a base para o enunciado de uma representação, enquanto social? Moscovici considera as representações pertencentes ao indivíduo, contudo, apontando a existência de características que nos permitem chamar-lhes também sociais. De facto, são expressas por grupos sociais e partilhadas por um número de pessoas. Contudo, assumindo apenas este *critério quantitativo*, nada se refere quanto à sua construção e idiosincrasia que a caracteriza (cada indivíduo é único, inclusive na especificidade da representação que constrói). Utilizando um *critério genético*, assume-se que uma representação é social, no sentido em que é fabricada coletivamente: “as representações sociais são um produto das interações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, refletindo a situação desse grupo, os seus projetos, problemas e estratégias e as suas relações com outros grupos”. Finalmente as representações possuem funcionalidades sociais, contribuindo para os processos de estabelecimento de comportamentos, de orientação das comunicações e ações sociais, resolução de problemas e para dar forma a relações sociais - *critério funcional* (Vala & Monteiro, 2010, p.461; Castro, 2002; Cabecinhas, 2009).

Existem também vários usos correntes para o termo social, inclusive, especificamente na sua caracterização das representações. Entende-se, por Moscovici (1961) a caracterização *social* das representações, para referir a sua génese em interações sociais, em contraste com as que nascem pela experiência individual apenas, e de forma a delimitar o que se inclui na comunicação pela interação pessoal, por oposição às estruturas profundas da orientação pessoal. De igual forma o *género social* das representações remete, embora de forma mais ambígua, para a diferenciação entre as representações coletivas, ao contrário de individuais, enquanto ferramentas reguladoras e garantia da ordem social, e ainda quanto à sua “transcendência” relativamente aos

indivíduos – como por exemplo em forma de sistema de sinais, como a língua – algo que existe exteriormente aos indivíduos. (Vala & Monteiro, 2010)

Considerando esta polissemia, no que respeita o uso do conceito de social associado às representações, Moscovici apresenta uma distinção quanto à sua tipologia. Este distingue entre 3 tipos de representações: as acima referidas representações hegemónicas, as representações emancipadas, e as controversas ou polémicas (Vala & Monteiro, 2010; Cabecinhas, 2009)

As *representações hegemónicas*, semelhantes ao conceito de representações coletivas de Durkheim (1898), referem-se a formas de entendimento, e significados largamente partilhados por um grupo fortemente estruturado, e que estrutura o grupo, reciprocamente (nação, partido, igreja, entre outros). São uniformes, indiscutíveis e coercivas (representação do homem como uma entidade autónoma e livre, por exemplo).

As *representações emancipadas* são produto da cooperação entre os grupos e da circulação e partilha de ideias e significados diferentes sobre um mesmo objeto. Deste modo, caracterizam-se tendo alguma autonomia relativamente aos grupos que as originam.

Por último, as *representações controversas* ou *polémicas* têm a sua génese em contextos conflituosos, sendo estabelecidas pelas relações antagónicas ou de diferenciação de grupos sociais. Não são por isso partilhadas por grandes grupos no seu conjunto. (Vala & Monteiro, 2010; Cabecinhas, 2009).

## **2.2. Estruturas e Processos de formação de Representações Sociais**

Importa, para aprofundar o conhecimento sobre este fenómeno, analisar os processos que traçam a elaboração e o funcionamento das representações sociais (figura 3, p.34). Moscovici (1961) apresenta os processos de objetivação e ancoragem enquanto “sistemas” que permitem ao indivíduo formular representações como conhecimentos socialmente construídos e partilhados, que contribuem para a perceção de uma realidade comum ao grupo – “se objetivação explica como os elementos representados de uma teoria, se integram em todos os termos da realidade social, a ancoragem permite

compreender como eles contribuem para expressar e construir as relações sociais” (figura 3) (trad. própria, Moscovici, 1961, p.318). De forma subsequente, o autor caracteriza estes processos como sociocognitivos, no sentido em que mostram interdependência entre a atividade psicossociológica e as condições sociais de exercício. Ou seja, os desenvolvimentos que tornam funcional uma representação social dependem naturalmente da situação particular, relacionada com as necessidades de um grupo (idem, 1961).

### **2.2.1. Objetivação**

O primeiro processo diz respeito ao processo de organização dos elementos constituintes da representação, e ao percurso através do qual estes materialidade e se tornam expressões de uma realidade natural para o sujeito (figura3) (Vala & Monteiro, 2010). Sucintamente, é o “processo que permite tornar real um esquema conceptual” (Castro, 2002, p.953). No seu estudo sobre a representação social da psicanálise, o autor analisa o processo de objetivação, dividindo o seu percurso em três momentos: (a) construção seletiva, (b) esquematização e (c) naturalização.

#### **a) Construção Seletiva**

Neste primeiro momento as informações, crenças e ideias acerca do objeto da representação são filtradas, selecionadas e descontextualizadas, para depois serem reorganizadas. O sujeito seleciona os elementos que lhes são mais relevantes, com o objetivo de formar um todo relativamente coerente, implicando que apenas parte da informação disponível acerca do objeto será útil na construção da sua representação. Afastando estes elementos do seu contexto científico, o sujeito apropria-as pessoalmente, inteirando-as no seu universo. Da mesma forma que elementos são reduzidos, atenuados, ou mesmo esquecidos, de modo a tornar o objeto mais claro e preciso, outros sofrem uma acentuação, que pode tornar determinados aspetos, nucleares na compreensão do objeto. (Vala e Monteiro, 2010). Este processo de acentuação-redução não se realiza aleatoriamente, mas sim com uma forte dependência do contexto sociocultural, dos valores e normas do grupo social em que se insere o indivíduo (Castro, 2002)

### **b) Esquematização**

Esta segunda etapa da Objetivação corresponde à organização dos elementos (noções básicas que compõe a representação social) num esquema estruturante, ou nó figurativo, constituindo uma teia de relações estruturadas (Vala & Monteiro, 2010). Esta fase permite assim ao sujeito melhor compreender o objeto individualmente, bem como as relações entre os elementos constituintes, recorrendo a um padrão estruturado, gráfico e coerente.

### **c) Naturalização**

Esta última etapa confere novidade à teorização de Moscovici, em relação a outras reflexões feitas nesta área. Os conceitos retidos no esquema figurativo, e as respetivas relações tomam forma, transformando-se em realidade para o sujeito. Os elementos constituintes do objeto, estruturados num padrão mais ou menos coerente, estabelecem-se como categorias naturais, adquirindo materialidade. O abstrato torna-se concreto, e a perceção, realidade, através da sua expressão em imagens e metáforas (Hilger, 2009; Vala & Monteiro, 2010). Ou seja, os conceitos retidos e as relações entre cada fragmento “constituem-se como categorias naturais, tornando-se equivalentes à realidade (...) através da sua expressão em imagens e metáforas” (Cabecinhas, 2009, p.7).

Esta transformação da perceção em realidade pode, contudo, ser processada de diferentes modos: personificação, figuração e ontologização. O processo de personificação consiste em materializar num nome ou num rosto uma determinada ideia (por exemplo, Gandhi como símbolo de luta pacífica ou Einstein como símbolo de genialidade). A figuração ou metaforização, diz respeito ao processo através do qual as imagens e metáforas substituem conceitos complexos, constituindo em determinados casos, o elemento central na produção de conhecimento sobre um objeto específico. De forma semelhante a estes últimos processos, quando são dadas características humanas ou de outros seres, a conceitos ou seus elementos, dá-se a ontologização (Casto, 2002; Vala & Monteiro, 2010). Na aceção de Wagner, Elejabarrieta e Lahnteiner (1995), a difusão de uma nova ideia num dado grupo depende da sua figuração em imagens e metáforas que transmitam o essencial do seu conteúdo de uma forma compatível com o quadro de valores desse grupo (*in* Castro 2002).

### 2.2.2. Ancoragem

Esta etapa refere-se aos processos através dos quais o não-familiar se torna familiar, e com base no qual uma representação, uma vez formada, se torna parte organizadora nas relações sociais (figura 3) (Vala & Monteiro, 2010). Ou seja, concerne ao enraizamento social da representação e do seu objeto, instrumentalizando um saber. No processo existem dois aspetos que são mais frequentemente referidos no que respeita a função social associada às representações: a significação e a utilização. No entanto, a ancoragem inclui um outro aspeto importante, descoberto em investigações no domínio dos processos cognitivos. “Este aspeto trata a integração cognitiva do objeto representado, no sistema de pensamento pré-existente e transformações que decorrem de um lado ou de outro” (nas representações, ou no sistema) (trad. própria, Jodelet, 1984, p.371).

Podemos assim decorrer que o processo de Ancoragem se decompõe em três modalidades que permitem compreender: como o significado é conferido ao objeto representado – (a) significação; como a representação se utiliza, enquanto sistema de interpretação do mundo social, quadro e instrumento de conduta – (b) utilização; e como a representação é integrada num sistema atualizado e como se convertem os elementos deste último, aí incluídos (na representação) – (c) integração (Jodelet, 1984).

**a) Significação:** a aquisição de significado de uma nova informação depende diretamente da localização da prática analítica e do sistema de valores e ideias às quais adere o grupo. Esta ligação a uma sociedade e cultura particulares permite a sua avaliação numa específica linha de valores, dando-lhe um sentido, e inserindo-o numa rede de significados. Assegurando uma interdependência dos elementos de uma representação, a significação constitui um aspeto relevante para tratar as relações existentes entre os conteúdos de um campo de representação.

**b) Utilização:** o objeto medeia as relações entre o indivíduo e o meio, e entre os membros de um grupo social. Desta forma, adquire valor funcional, tornando-se um instrumento capaz de compreender e comunicar a realidade, afirmando a identidade do grupo.

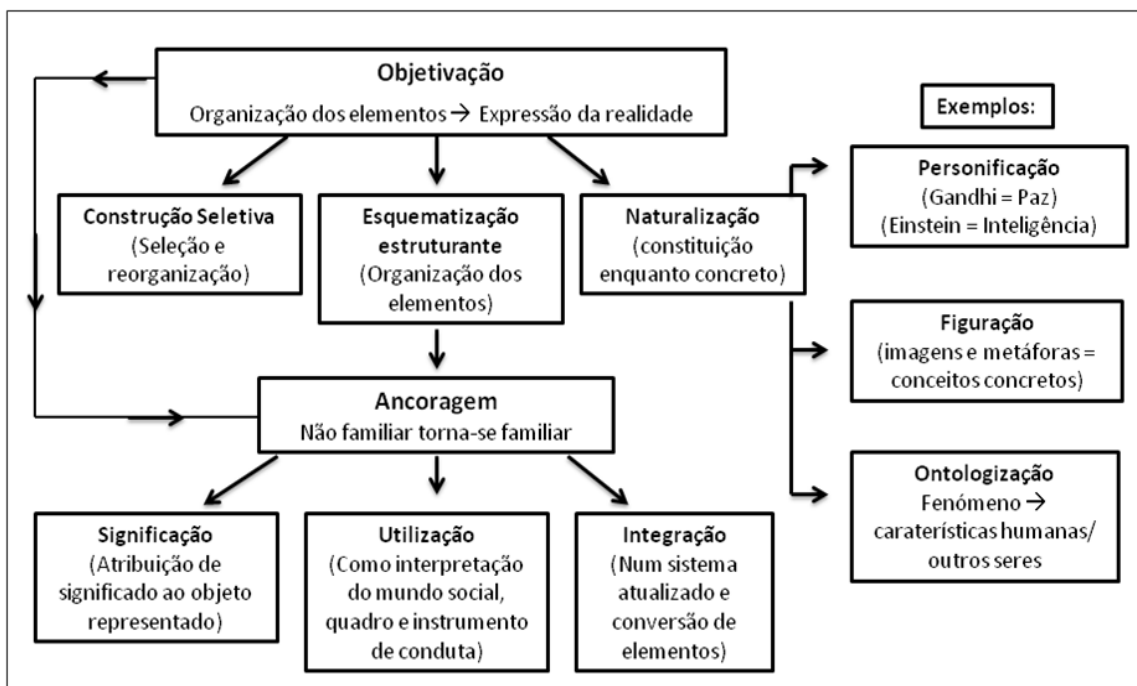
**c) Integração:** Pela manutenção de posições preestabelecidas através de processos de classificação, categorização e explicação que detêm uma lógica própria, o novo

conhecimento integra-se no sistema de referência. Quando entra em contacto com outros sistemas de interpretação e formas representativas, o novo objeto explica-se a partir de sistemas familiares ao sujeito (Hilger, 2009; Jodelet, 1984, p.372).

De forma distinta do processo de Objetivação, o processo de Ancoragem não trata da construção formal de um conhecimento, mas da sua inserção orgânica num pensamento já constituído – assimila-se o objeto novo através de objetos já presentes no sistema cognitivo (Jodelet, 1984; Vala & Monteiro, 2010).

Vala e Monteiro (2010) referem a proximidade dos processos de ancoragem e categorização. As representações são o quadro, no interior do qual os sistemas de categorização obtêm sentido. Classificar uma pessoa num grupo específico (liberal, racista, pobre, etc.) não é a constatação de um facto, mas sim a atribuição de uma posição, num sistema de categorias, que decorre de várias representações, tais como a natureza humana e das relações sociais. As representações oferecem uma rede de interpretações, que permitem a fundamentação da ação e a atribuição de significados a acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos, factos sociais, etc. Este último processo de estruturação estabelece-se como um código de tradução social, no qual se ancora o desconhecido. Desta forma, é este processo que conduz, de modo final à produção de transformações nas representações constituídas (idem, 2010).

**Figura 3 - Processos-chave na formulação e funcionamento das Representações Sociais**



### 2.2.3. Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais

Uma linha de pesquisa aberta posteriormente ao aprofundamento sobre representações sociais foi a teoria do Núcleo Central. Esta teoria, proposta inicialmente por Flament (1982), mas abordada posteriormente por outros autores, sugere dois sistemas: um central e um periférico; presentes na estruturação das representações sociais (*in* Vala & Monteiro, 2010).

Aqui, é adicionalmente importante perceber as relações de partilha de representações, num grupo social. Tendo em conta que as representações sociais são coletivamente produzidas, é importante ter em mente a heterogeneidade patente que existe num conceito/ representação que se considera homogéneo/a. Podem-se incluir, numa representação social, divergências individuais que se encontram, simultaneamente organizadas em torno de um núcleo central, coletivamente partilhado. Neste ponto, é altamente perceptível a relevância desta teoria, pois permite-nos perceber as constantes conexões manifestas entre todos os pequenos elementos e estruturas que formam uma representação (Vala & Monteiro, 2010).

O sistema central, ou núcleo central é rígido, coerente, estável, e consensual no que respeita ao grupo social que produz a representação. Este define a homogeneidade do grupo, e portanto caracteriza-se na ausência de uma hierarquia, ligando-se à história coletiva do grupo. Flament (1989) considera que é o núcleo central que atribui coerência e sentido à representação, oferecendo resistência à mudança, e garantindo assim a sua permanência e continuidade. Em torno do núcleo organizam-se os elementos periféricos, que por sua vez permitem a sua flexibilidade. Os elementos periféricos, mais flexíveis, são mais sensíveis ao contexto circundante e suas “influências”. Sendo suscetíveis à mudança, são estes elementos que integram as experiências individuais e manifestam a heterogeneidade do grupo. Os desacordos entre representações inscrevem-se nos elementos periféricos e portanto modificam-se durante algum tempo, sem influência para o núcleo central. Todavia, com o tempo, as contrariedades podem ocorrer em situações irreversíveis, alterando o núcleo central, e originando uma nova representação (Hilger, 2009; Cabecinhas, 2009; Vala & Monteiro, 2010).

## 2.3. Funções das representações Sociais

A abordagem à funcionalidade das representações sociais toma vários formatos, sendo, por exemplo, correlacionada com as funções sociais de estereótipos (por Tajfel, 1982), incluída em diferentes linhas de investigação, como, por exemplo, no estudo das relações intergrupais (Doise, 1982), ou mesmo pela confluência e sumarização das várias principais perspectivas vigentes (Abric, 1994). Não se pretende aqui realizar um relato extensivo dos trabalhos realizados no campo das funções das representações sociais, mas sim, abordar os modelos, considerados mais pertinentes e claros na explicação destas matérias (Cabecinhas, 2009; Vala & Monteiro, 2010; Abric, 1994).

Abric (1994) sistematiza as funções sociais das representações, atribuindo-lhes quatro funcionalidades práticas, elementares: funções de **saber, orientadoras, identitárias e justificantes**. As **funções de saber** “permitem compreender e explicar a realidade”. Estas relacionam-se com a prática de senso comum, explicada por Moscovici (1961), que permite aos atores sociais adquirir conhecimentos e integrá-los num quadro por eles absorvível e compreensível, em conformidade com o seu funcionamento cognitivo e sistema de valores. Por outro lado, adicionalmente, a prática de senso comum facilita e condiciona a comunicação social. Definindo um quadro de base, permite a troca social, a transmissão e difusão de saberes (Abric, 1994, pp. 15-16).

As **funções orientadoras** referem-se à ação das representações enquanto guias comportamentos e práticas. As representações sociais constituem-se num sistema de codificação que opera como um guia para a ação. Este processo resulta, essencialmente, de três fatores. (1) A representação atua diretamente na definição da finalidade da situação, determinando à partida o tipo de relações pertinentes para o indivíduo e, perante uma ação, o tipo de abordagem cognitiva (linha de comportamento) que este vai adotar. (2) Esta produz também um sistema de antecipações e expectativas – o sujeito seleciona e filtra informações, concebendo interpretações que visam tornar a realidade coerente com a representação. Por fim, (3) por ser definida como social, a representação reflete a natureza das regras e leis sociais, logo, prescreve comportamentos e práticas básicas, definido o que é lícito tolerável ou inaceitável em dado contexto social (Abric, 1994).

As **funções identitárias** “definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos” (Abric, 1994, p.16). Para além da função de compreender e explicar, as representações permitem localizar os indivíduos e grupos no campo social. Decorrente da sua compatibilidade com os sistemas normativos socialmente e historicamente estabelecidos, desenvolvem uma coerente identidade pessoal e social. Esta sua função identitária concede às representações um lugar de destaque nos processos de “comparação social”, assumindo um papel central nas relações entre grupos sociais. Agrega-se assim a funções de orientação das condutas e comunicações, e de justificação antecipada e/ou retrospectiva das interações sociais ou relações intergrupais (Cabecinhas, 2009).

Adicionalmente, assim como a especificidade do contexto de cada grupo social contribui para a especificidade das suas representações, a especificidades das representações promovem por sua vez a diferenciação dos grupos sociais. As representações podem-se considerar expressões das diferenciações no tecido social, assimetrias e conflitualidade social, refletidas a partir das diferentes inserções dos indivíduos nas estruturas económicas e socioculturais (Cabecinhas, 2009; Vala & Monteiro, 2010).

Decorre da **função justificativa** uma nova e interessante circunstância para estudar as relações entre representações e práticas, em que a representação é determinada na prática das relações. Por conseguinte, “nasce um novo papel das representações: o de manter ou reforçar a posição social de um grupo específico” (trad. própria, Abric, 1994, p. 18). A representação do grupo é marcada por uma sobrevalorização e centralidade de características e conteúdos selecionados, com o objetivo e salvaguardar uma imagem positiva do primeiro. A referência a representações definidoras da identidade de um grupo, joga igualmente um papel importante no controlo social por este exercido nos seus membros, especialmente nos processos de sociabilização. É veiculada uma imagem que justifica um comportamento hostil em relação a outros grupos, e a sua posição mais ou menos desfavorável, no contexto da interação. Adicionalmente, no desenvolvimento da relação entre os grupos, a representação vai-se constantemente adaptando, intervindo na sua determinação (das relações), antecipando ativamente os comportamentos interativos. Assim, nas relações intergrupais, a dinâmica das relações entre grupos conduz por vezes a modificações adaptativas nas representações, e a uma atribuição ao

outro grupo de características que justificam e permitem comportamentos discriminatórios (Abric, 1994; Cabecinhas, 2009; Vala & Monteiro, 2010).

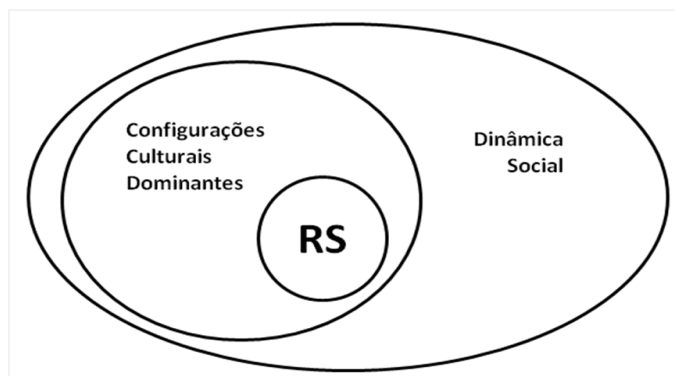
Em suma, Moscovici (1961), Abric (1994), Jodelet (1984), Vala e Monteiro (2010) consideram que as representações têm como principal função social, o suporte de uma análise da realidade social, transformando dados estranhos em conhecidos, e dando-lhes sentido e tangibilidade. O saber daí decorrente tem como função o desenvolvimento do comportamento e comunicação entre indivíduos, permitindo a construção de conhecimentos práticos que se relacionam com o quotidiano social, que por sua vez produzem e condicionam comportamentos. Cabecinhas (2009), reforça que as representações sociais são teorias sociais práticas, pois sendo um meio de interpretação do real, servem de orientador para a ação, permitindo a validação da conduta dos atores sociais, atribuindo-lhes sentido e aceitando que o conhecimento social seja partilhado de forma consensual. A dimensão explicativa da representação prevê a emissão de opiniões, de decisões, de atitudes e de escolhas que determinam os comportamentos dos sujeitos, estabelecendo uma interpretação do real e fundamentando a ação. Por fim, a autora refere que, enquanto sistemas de interpretação, as representações sociais regulam a nossa relação com o outro e orientam comportamentos em sociedade. Intervêm também em processos de difusão, comunicação e assimilação de conhecimentos, de construção de identidades pessoais e sociais, regulação de comportamentos intra e intergrupais, e em quaisquer ações de resistência ou/e mudança social.

### **2.3.1. Aspetos da construção social e pressão para a hegemonia**

A compreensão do conteúdo de representações sociais remete para a sua ligação a um contexto social e cultural específico. Diferenças sociais e relações de dominação, refletem-se na sua construção, originando, em diferentes contextos, representações distintas de um mesmo objeto. Associado ao facto de emergirem em diferentes dinâmicas sociais, todos os atores sociais têm um papel ativo na produção e transformação de representações. A análise destes dois fatores conjugados: configurações culturais, por um lado, e a dinâmica social no seu conjunto, por outro (figura 4); ajudará à compreensão de pressões hegemónicas, e processos de mutação de representações sociais. Estas são as linhas de força que nos permitem compreender

aquilo que podemos designar por pressões para a Hegemonia e Homogeneidade (Cabecinhas, 2009; Vala & Monteiro, 2010).

**Figura 4 - Linhas de força que pressionam no sentido da Hegemonia e Homogeneização de determinadas Representações Sociais (RS)**



À luz destes aspetos será mais fácil compreender o facto de se verificar uma maior permanência no tempo de determinadas representações (por exemplo a representação do trabalho como um dever, aspeto central na vida em sociedade), e a profunda transformação profunda de outras (por exemplo, a representação de criança) tendo em conta o quadro de transformações sociais mais vasto (Vala & Monteiro, 2010).

Um dos fatores com maior visibilidade, responsável pela consensualidade alargada de certas representações, e/ou seu possível carácter hegemónico, é o papel dos meios de informação e comunicação social – os media. No entanto, se por um lado:

contribuem para a consensualidade alargada de algumas representações sociais, isto é, para o seu carácter hegemónico, (...) os meios de comunicação social podem ser também excelentes instrumentos para a visibilidade das minorias ativas, permitindo a difusão de representações polémicas e contribuindo assim para a mudança social (Cabecinhas, 2009, p.3).

Noelle Neumann propõe a teoria da “espiral do silêncio para referir a dificuldade das pessoas em expressar outros pontos de vista que não os dominantes, sendo que a televisão é representada como correspondendo aos gostos, opções e pontos de vista da maioria.” Quando os meios de comunicação difundem determinada mensagem, e esta se torna dominante no universo social que atinge, as vozes discordantes (minoritárias) terão tendência a desaparecer gradualmente, aumentando esse emudecimento (*in* Vala &

Monteiro, 2010, p.493). No entanto, apesar de existir uma classe dominante e produção de representações sociais hegemónicas, o homem é um ser reflexivo, o que se opõe aos pressupostos na teoria do “sonambulismo social” de Varela (1984 e 1990 *in* Vala & Monteiro, 2010, p. 494). Contrariamente à ideia de recetores passivos, os indivíduos pensam por si próprios, produzindo e comunicando incessantemente.

De forma paralela, pela ideia de consenso e de partilha generalizada que uma representação adquire através do ecrã, torna-se mais fácil uma adesão conformista. Face à veiculação imagética, este conformismo vê-se ainda fortificado pois incute, de certo modo, visualização, figuração e experimentação. Sendo possibilitada e facilitada a associação de ideias a imagens (caras/ figuras, objetos, países, etc.), torna-se consequentemente mais fácil a metaforização de conceitos. De igual forma, pela clareza e pormenorização no relato de situações, somos expostos a experiências com que, de outro modo, não contactaríamos. Esta visualização rica permite uma sensação de experimentação de situações (totalmente, ou não) externas aos nossos contextos (Vala & Monteiro, 2010).

### **2.3.2. Comunicação**

Enquanto sistemas de categorização e interpretação, as representações sociais instituem-se como linguagem partilhada, criando as condições necessárias ao processamento da comunicação. Quando comunicamos, descrevemos, avaliamos e explicamos determinada realidade. Assim, os atos de comunicação podem-se considerar atos de partilha de consensos e igualmente de debate, discussão e argumentação dentro de, e entre grupos (Vala & Monteiro, 2010). Moscovici (1976) apresenta três principais modalidades de comunicação, as quais determinam o conteúdo e a forma que as mensagens adquirem: difusão, propagação e propaganda. De forma resumida, a comunicação enquanto difusão de ideias tende a favorecer a eclosão de opiniões sobre problemas específicos, por sua vez, a propagação é construída através de um foco generalizado da representação da conduta hegemónica, e por fim, a propaganda, não se limita à transmissão ou disseminação de ideias, mas tende mesmo a criar ou reforçar determinada atitude (Castro, 2002).

## **3. METODOLOGIA**

### **3.1. Especificamente para a Educação Social e Animação Sociocultural**

A investigação científica especificamente nos campos da Educação Social, como na Animação Sociocultural é ainda escassa. Isto deve-se a uma geral priorização da ação por parte dos seus agentes profissionais. Não obstante, esta lacuna já se tornou bastante visível pelos próprios profissionais, sendo crescente a preocupação e esforços para a existência de investigações orientadas, sobretudo à melhoria das práticas, no sentido de qualificar a ação. Assim, através da investigação científica aproximamo-nos do conhecimento de determinada realidade, através de uma aproximação sistemática à mesma. Esta aproximação é realizada através de uma sequência de escolhas, escolhas estas que controlamos, projetando a investigação com ordem e método. Desta forma os métodos têm um papel singularmente importante pela sua capacidade de condicionar os resultados (Serrano, 2007).

No presente trabalho, projetado continuamente, de forma simultânea com a própria execução, tomou-se uma linha de orientadora que levou a optar pelo pluralismo metodológico, integrando aspetos dos paradigmas positivista (baseado em métodos quantitativos) e naturalista (baseado em métodos qualitativos). Face a uma realidade complexa, que beneficia de um espectro variado de aproximações, apoiámo-nos na complementaridade das técnicas, de forma a abranger as mais-valias de cada método:

Basta decidir que não existe nada (...) que impeça o investigador de misturar e acomodar atributos dos dois paradigmas [qualitativo e quantitativo] para alcançar a combinação que resulte mais adequada ao problema da investigação e ao meio com que se conta. Não existe razão para os investigadores se limitarem a um dos paradigmas... quando podem obter o melhor de ambos.” (trad. própria, Cook e Reichardt, 1986, *in* Serrano, 2007, p.24).

### **3.2. Abordagem psicossocial: pesquisa em Representações Sociais e opções metodológicas correntes**

Do ponto de vista metodológico, o conceito de representações sociais surge como reunificador das ciências sociais. Situado na interseção entre o psicológico e o social, este conceito oferece variadas possibilidades de articulação entre a psicologia, a sociologia e as ciências vizinhas (antropologia, história, linguística, ciências políticas, etc.). O conceito caminhou para a atual diversidade no que respeita a sua utilização nas ciências sociais e humanas estabelecendo-se como um campo de investigação rico e dinâmico, sendo aplicado no estudo de questões diversas, como por exemplo (inclusive no nosso caso) quanto à sua função social e eficácia. Isto é, o estudo da figuração das representações na prática, sua utilização enquanto ferramenta e mecanismo de interação social, e dos seus efeitos progressivos enquanto “onda de choque” social, abrangendo o estudo da atividade representativa dos indivíduos enquanto reprodutores de ideologias dominantes e reflexo dos seus posicionamentos sociais. (Cabecinhas, 2009; Vala & Monteiro, 2010).

Ao longo do processo de origem/ formação da teoria das representações sociais, foi-se constantemente impondo a ideia de que as metodologias utilizadas no seu estudo não teriam de corresponder obrigatoriamente a um tipo específico. Segundo Moscovici (1989) estas devem ser ajustadas à especificidade dos objetivos de estudo, considerando importante, devido à complexidade e multiformidade do fenómeno, uma inicial preocupação com descrição, antes de se embarcar numa via explicativa (*in* Castro, 2002). Este autor salienta adicionalmente a importância do “politeísmo metodológico” no estudo das representações sociais, sendo que: “nenhuma metodologia por si só é suficiente para investigar estes complexos fenómenos”. Na mesma linha de ideias, diversos autores têm salientado a necessidade de triangular diferentes tipos de metodologias, de recolha e de tratamento de dados, uma vez que cada técnica apresenta as suas potencialidades e limites específicos. Contudo, não obstante à delimitação de um programa de pesquisa e instrumentos completos e sofisticados, importa analisar os resultados não esquecendo o seu momento histórico e contexto sociocultural específicos (Cabecinhas, 2009, p.12).

Podemos destacar duas orientações das pesquisas e estudos em representações sociais: uma volta-se para os processos (que geram e mantêm as representações vivas nas interações sociais, relacionadas com questões culturais e históricas) e outra centrada nas estruturas (organização das representações sociais nos níveis cognitivo e linguístico). Assim, posicionamos a presente pesquisa na primeira linha de orientação, embora abordando alguns níveis de organização cognitiva (nomeadamente, semântico/linguístico) no que respeita a recolha de dados. Focam-se os processos que estão na génese das representações sociais, recorrendo a metodologias que permitam a descrição de como tais sistemas se iniciam e operam no contexto em questão. Considerando que o fenómeno em estudo é complexo, buscou-se dar atenção ao contexto em estudo, e também à diversidade de olhares e vozes do grupo social aqui relevante para o estudo das representações sociais de tradição, especificamente para a música e dança, nomeadamente na recolha de dados quantitativos. (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000).

Para compreender o porquê das escolhas metodológicas para o presente trabalho, importa identificar as diferentes abordagens metodológicas eleitas nas pesquisas em representações sociais: escolhemos como instrumentos fundamentais para a recolha de dados, a entrevista e o inquérito por questionário. Tais procedimentos permitiram ultrapassar algumas das fragilidades de cada um dos métodos, agindo como mútuo complemento, beneficiando assim das potencialidades que cada um proporciona.

### **3.3. Metodologia Qualitativa**

A utilização de abordagens de carácter qualitativo em Educação Social não se ocupa da formulação de teorias científicas *per si*, dando sim prioridade à compreensão pessoal, dos motivos, valores e circunstâncias que fundamentam as ações humanas. Se procuramos compreender determinada situação social, devemos partir de como a vivem, sentem e expressam os implicados:

O que verdadeiramente caracteriza os processos qualitativos é o seu foco e finalidade mais do que o procedimento de investigação. Com esta metodologia consegue-se uma aproximação aos diretamente implicados e ver o mundo pela sua perspectiva, isto constitui o seu principal atrativo (Serrano, 2007, p.29).

A escolha em utilizar o método da entrevista na recolha de informações incidiu de forma prioritária sobre as representações dos entrevistados. Adotámos aqui um processo incremental na obtenção de informação qualitativa de resposta às nossas interrogações essenciais: primeiro foi realizada uma entrevista exploratória, com abrangência em profundidade, mas mais generalista. Realizou-se uma análise de conteúdo a esta entrevista, da qual surgiu o guião para um segundo instrumento mais consolidado – entrevistas semiestruturadas, com uma abordagem mais “cirúrgica”, com maior especificidade.

### **3.3.1. Decisões de Amostragem (Entrevistas)**

No que respeita a definição da amostra a ser incluída nas entrevistas deste trabalho, foi adotada uma conceção gradual, seguindo as linhas fundamentais do processo de amostragem teórica:

A amostragem teórica é o processo de coleta de dados para o desenvolvimento de uma teoria, em que o analista regista, codifica e analisa os dados, decidindo quais vai registar a seguir e onde pode encontrá-los, a fim de elaborar a sua teoria, à medida que ela vai emergindo. O processo de coleta de dados é comandado pela teoria emergente (Glasser e Strauss, 1967 *in* Flick, 2005, p. 66)

Desta forma, a estratégia de uma decisão gradual não garante a representatividade da amostra nem pelo modo aleatório nem pela estratificação, aliás, a nossa amostra não pode assumir mais que um carácter ilustrativo, não representativo. Os intervenientes são seleccionados de acordo com a expectativa de gerar novas ideias para a elaboração da teoria, face à produção até aí realizada. Com base nos instrumentos e resultados, extraídos até à data, a orientação faz-se segundo o material do qual se esperam resultados mais pertinentes. Assim, face às numerosas possibilidades de integração de sujeitos na amostra, definem-se critérios que a permitam limitar e estruturar, fundamentadamente. A teoria em desenvolvimento teve como ponto de referência as dimensões que se foram obtendo da análise dos dados recolhidos. De forma decorrente, de acordo com o princípio fundamental da amostragem teórica, as pessoas entrevistadas foram seleccionadas com base em critérios relacionados com o assunto, em oposição à utilização de técnicas de amostragem abstratas (estratificação ou aleatoriedade).

Consequentemente, estes “critérios de pertinência”, na determinação dos sujeitos a incluir na amostra (abrangida pelas entrevistas), estabeleceram-se com base nos indivíduos dos quais se esperava obter dados mais relevantes. Estes (critérios) relacionaram-se fundamentalmente com a sua atividade<sup>11</sup> em domínios variados (quadro 1), relacionados com práticas musicais e coreográficas tidas por tradicionais, nomeadamente:

- Associações;
- Grupos Musicais;
- Ensino;
- Produção independente (eventos, vídeo, etc.).

Desta forma, podemos qualificar os sujeitos inquiridos relativamente ao seu envolvimento em vários domínios relacionados com a música e dança tradicional (quadro 1).

### **3.3.2. Instrumentos Qualitativos de Coleta de dados**

O processo de formulação das questões, posteriormente aplicadas nas entrevistas semiestruturadas, teve por base informações que alguns contactos no campo revelaram. Estes contactos iniciais moldaram-se em diferentes tipologias:

- Observação no meio, e participação em eventos de diversas formas relacionados com práticas musicais e coreográficas, tidas por tradicionais na generalidade, mas particularmente portuguesas<sup>12</sup>.
- Através de voluntariado junto da associação promotora de um dos maiores festivais portugueses, com ligações à música e dança popular e tradicional do mundo e portuguesa, especificamente<sup>13</sup>.
- Na participação em três edições de um encontro para músicos e outros interessados no tema da música e dança tradicional portuguesa<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Importa referir que no sentido de aprofundar a caracterização dos entrevistados de onde foram recolhidos os dados para esta pesquisa, se enquadraram áreas que não são associações culturais.

<sup>12</sup> Por exemplo, aqueles promovidos pela A3 (adiante, quadro 1).

<sup>13</sup> Consultar especificações e objetivos em: <http://www.pedexumbo.com/index.php?m=35> (acedido a 23.08.2012)

<sup>14</sup> Consultar informações do segundo encontro em: <http://www.rodobalho.com/divulgacao/encontro-identidades-210411.html> (acedido a 12.07.2012)

**Quadro 1 – Caracterização dos entrevistados quanto à sua relação com a música popular/ tradicional portuguesa**

Entrevista (E)	Atividade(s)	Relação com a música e dança popular/ tradicional portuguesa
E1	Associação Cultural (A1) (1997 – 2006)	<p>“O principal objetivo artístico da [A1] é a criação de um corpo profissional que trabalhe músicas e coreografias de bailes, permitindo à Associação continuar a promover as danças do mundo, especialmente as danças tradicionais portuguesas.”</p> <p>“Ainda no que diz respeito aos aspetos artísticos, importa à [A1] que a recuperação das tradições signifique sobretudo evitar perder ideias e soluções musicais e coreográficas amiúde com grande complexidade, simplesmente porque vão desaparecendo os respetivos atores.”<sup>15</sup></p>
	Produção Independente (Evento) (B1)	<p>“A [B1] (...) surge na sequência de (...) conversas sobre o estado atual da cultura musical de raiz tradicional em Portugal, do vasto património que constitui, e das novas perspetivas que atualmente se revelam. Da constatação da necessidade de troca, de informação e de experiências, entre todos aqueles que, unidos pela música, pertencem a diferentes gerações e vivências, surgiu o desafio de construção de um espaço de encontro musical regular, para potenciar a marca folk em Portugal, intercambiar experiências e disseminar eficazmente a informação entre todos os intervenientes.”<sup>16</sup></p>
	Grupo Musical (C1)	<p>“(...) grupo de música trad-folk-rock [C1]. Malhão, Viras, Corridinhos, círculos, mazurcas, chotiças, e muito mais (...)”<sup>17</sup></p>
E2	Ensino	Direção Coral e Canto
	Associação Cultural (A2) (1974 – 1978)	<p>“(...) que fez história no seu tempo e influenciou musicalmente muita gente que veio depois para a via da música tradicional feita em meio urbano.”<sup>18</sup></p>
E3	Produção Independente	Video Jokey <sup>19</sup>
E4	Associação Cultural (A3) (desde 2005)	<p>“um dos objetivos do [A3] é promover as danças e a música tradicional..”<sup>20</sup></p>
E4	Ensino	Professor de danças europeias

<sup>15</sup> Fonte Associação Cultural1 (A1): [http://www.pedexumbo.com/items/pdf/carta\\_de\\_compromisso\\_px.pdf](http://www.pedexumbo.com/items/pdf/carta_de_compromisso_px.pdf)

<sup>16</sup> Fonte Produção Independente (B1): <http://www.rodobalho.com/divulgacao/encontro-identidades-210411.html>

<sup>17</sup> Fonte Grupo Musical (C1): <http://uxukalhus.blogspot.pt/>

<sup>18</sup> Fonte Associação Cultural 2 (A2): <http://www.youtube.com/watch?v=UDCm9o3yD78> (texto) e <http://pt.wikipedia.org/wiki/GAC>

<sup>19</sup> Fonte Produção Independente de E3: <http://amusicaportuguesaagostardelaproprias.org/> (exemplo)

<sup>20</sup> Fonte Associação Cultural 3 (A3): <http://www.tradballs.pt/conteudo.php?pag=associacao>



- Consultando fóruns de debate online e as posteriores discussões que foram surgindo nas recentes redes sociais<sup>24</sup>

No entanto, todos estes contactos não foram feitos de forma estruturada, não existindo registos sistemáticos e devidamente organizados. Contudo, nomeio-os aqui pois considero que, apesar de não ter sido adotada nenhuma técnica metódica especial (apenas procedimento indutivo), as informações adquiridas proporcionaram, em grande medida, a linha de orientação que a pesquisa acabou por tomar. Foi com base nos dados passíveis de observar nestas embrionárias pesquisas no terreno que realizei uma primeira **entrevista exploratória**.

Na aplicação deste primeiro instrumento pretendeu-se perceber as dimensões que poderiam ser atingidas pelo entrevistado sem que, no entanto fosse dada nenhuma direção pelo entrevistador. Ou seja, pretenderam-se revelar aqueles aspetos do fenómeno em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar a linha orientadora do trabalho a seguir. Desta forma, esta primeira entrevista, de carácter totalmente não dirigido (realizou-se apenas uma pequena introdução para localizar o entrevistado no tema, sendo colocada apenas uma pergunta de carácter geral, que pretendeu a exploração das dimensões componentes do conceito de tradição). De forma decorrente, e em conformidade com quadro teórico, definiram-se 8 dimensões principais (quadro 2), para as quais se direcionaram as questões das seguintes entrevistas, estas de cariz semiestruturado:

1. Contextualização (pessoal e profissional) do entrevistado;
2. Conceito/ definição de tradição;
3. Valorização (pessoal e profissional da tradição enquanto recurso para intervenção social);
4. Potencial pedagógico;
5. Institucionalização (período sob o Estado Novo e atualmente);
6. Relação Tradição – Tempo (passado/presente);
7. Divulgação (meios de comunicação e informação);
8. Pertinência, Investimentos e Preocupações.

---

<sup>24</sup> Exemplo de discussão sobre música tradicional portuguesa, consulte-se em: <http://forum.dancastradicionais.net/viewtopic.php?f=2&t=752&start=10>

Voltamos a realçar que, sendo a entrevista de carácter semiestruturado, foi dada aos entrevistados alguma liberdade no discurso, sendo que a intervenção da entrevistadora (com perguntas) foi realizada no sentido de reorientar (dar pontos de referência), ou de modo a aprofundar as respostas relativas a aspetos não abordados no discurso livre. Isto foi possível, devido a se verificar um encadeamento natural no discurso dos entrevistados, paralelo ao encadeamento das questões do guião, mostrando-se por vezes desnecessário realizar a pergunta, sendo que a resposta a esta surgiu espontaneamente.

**Quadro 2 - Delimitação do problema em estudo: grelha de entrevista semiestruturada**

<b>DIMENSÕES</b>	<b>SUB CATEGORIAS</b>	<b>TÓPICOS</b>
Contextualização	Pessoal/ Profissional	História pessoal e/ou percurso profissional e sua relação com práticas tidas por tradicionais
Conceito/ Definição	Conceito teórico	Elementos gerais de uma definição Representações sobre o conceito Conceito multidimensional
	Práticas	Limitação do que entende por práticas da cultura popular/tradição
Valorização	Pessoal	Valorização pessoal das práticas da cultura popular/tradicional
	Profissional	Análise dos benefícios, estratégias, potencial e fragilidades do recurso
Potencial pedagógico		Desenvolvimento intelectual, afetivo, criativo, social, corporal/físico Consciência, identidade pessoal e grupal Coesão de grupo Mecanismos de aprendizagem
Institucionalização		Processo de institucionalização Influência do Estado Novo, na institucionalização de práticas da cultura popular/tradicional Institucionalização atualmente
	Autoridade	Autoridade, legitimidade e genuinidade de práticas instituídas
Passado e Presente	Legitimidade Genuinidade/ Autenticidade	Relação entre antiguidade e legitimidade e genuinidade de determinadas práticas Autenticidade e legitimidade dos registos e das (re) criações atuais Relação entre o registo (passado) e a sua (re) utilização no presente
Divulgação	Media	Presença nos media
	Acesso	Relação entre a divulgação e o acesso a estas práticas
Pertinência e Investimentos/ Preocupações		Pertinência social, cultural, política e/ou académica Reflexão sobre o futuro

### **3.4. Metodologia Quantitativa**

Apesar do paradigma qualitativo apresentar benefícios quanto à profundidade da reflexão sobre temas, o seu cruzamento com metodologias quantitativas tende a promover uma visão mais geral, de determinada realidade social. Consideradas mais objetivas, as metodologias quantitativas permitem compreender as grandes tendências num grupo social. “A combinação das duas [metodologias] pode proporcionar uma grande riqueza de interpretação, de tal forma que se pode aproveitar o melhor de cada modelo, para obter uma visão mais global e aproximada da realidade” (Serrano, 2007 trad. própria, p.25).

Adicionalmente, considera-se que uma representação – enquanto objetos/ conjunto de conhecimentos compartilhados – é social, pelo facto de haver repetição de elementos, sua estruturação entre si, e nos membros pertencentes a determinado grupo. Assim, “na maior parte das vezes, a economia da quantidade de participantes nos estudos de representações sociais pode prejudicar a qualificação de ‘social’ ao tipo de pensamento estudado” (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000, p. 296). Deste modo, de forma a perspetivar de forma mais realista, a uniformidade da recorrência de elementos numa representação que se considera socialmente estabelecida, decidiu-se sobre a aplicação de um instrumento quantitativo a um mais largo número de indivíduos, pertencentes a um grupo com características homogéneas.

#### **3.4.1. Decisões de Amostragem (inquéritos por questionário)**

Após a consolidação do instrumento quantitativo (linha de execução lógica, inexistência de ‘orientações inconscientes’, tempo médio de execução plausível, não desencorajador) foram escolhidos intermediários para a aplicação do questionário, ambos com ligações específicas à música e dança tradicional portuguesa:

- Quatro grupos de uma rede social na Internet (que considerámos bastante abrangente);

- Endereços eletrónicos da base de dados de um encontro relacionado com a música tradicional portuguesa<sup>25</sup>.

A decisão sobre a amostra foi igualmente feita tendo em conta critérios de pertinência semelhantes. Isto é, houve à partida um esforço para direcionar o questionário de modo a obter respostas enquadradas num quadro de caracterização relativamente homogéneo, relativo especificamente à participação em eventos/ atividades com base em práticas tidas por tradicionais. Assim, as decisões tomadas na aplicação do inquérito por questionário a grupos específicos de uma rede social na Internet com claras ligações a eventos de cariz variado, relacionados com a música e dança popular/tradicional portuguesa, foram realizadas no sentido de estratificar uma amostra cuja expectativa de obtenção de dados relevantes era mais elevada. Desta forma seguimos, também para o instrumento qualitativo, as orientações que fundamentam a amostragem teórica.

Em aproximadamente dois meses de disponibilidade online, foram recolhidas 95 respostas. No entanto, procurámos adicionalmente filtrar as respostas dos inquiridos, de forma a constituir um grupo amostral com características homogéneas. Para tal foi considerada uma questão relativa à participação em práticas tidas por tradicionais, e a sua especificação: **Considera ter participado em práticas relacionadas com a música e dança tradicional? Se sim, especifique.** Foram excluídos da análise 6 participantes, cuja resposta foi negativa. Desta forma, permaneceram 89 respostas cujos âmbitos de participação se resumiram aos seguintes campos:

- encontros/festivais,
- músico/a,
- organização de eventos,
- rancho folclórico,
- aluno/a de práticas relacionadas (instrumento e/ou dança tradicional),
- voluntariado.

---

<sup>25</sup>Base de dados de um encontro sobre música tradicional, cedida por um dos promotores/ organizadores do evento.

Adicionalmente, foi colocada uma questão relativa à relação da atividade profissional com práticas tradicionais, na qual obtivemos 40 respostas positivas, que dividimos nos seguintes campos<sup>26</sup>:

▪ associação cultural.....	4	▪ músico.....	6
▪ docente (dança).....	8	▪ projeto de associação cultural	2
▪ docente (instrumento).....	1	▪ arquitetura.....	2
▪ docente (instrumento e dança)....	2	▪ jornalismo .....	1
▪ execução de recolhas e registos..	2	▪ designer.....	1

### 3.4.2. Técnicas de recolha de dados

Assim, a decisão de formular um questionário aconteceu após a execução das entrevistas e analisados os parâmetros coincidentes nas respostas. Isto, visando o aprofundamento dos dados recolhidos das entrevistas semiestruturadas e o esclarecimento de determinadas questões da investigação. Desta forma, foram pesquisados diferentes tipos de técnicas de recolha e de análise de dados, considerados conciliáveis (escolha múltipla, análise linguística, etc.). Assim, depois de alguma ponderação sobre métodos e técnicas, formulou-se um questionário dividido em três diferentes momentos/ seções, contudo passíveis de aglutinar em duas diferentes tipologias de pergunta: escolha múltipla (de opções previamente sintetizadas) e análise linguística. Para a analisar os dados (quantitativos) foram utilizados os programas de computador Excel (Office 2007) e SPSS 17, através de diferentes técnicas (tabelas de contingência, correlação de Pearson, níveis de significância, análise de correspondência)<sup>27</sup>.

#### 3.4.2.1. Escolha múltipla

O primeiro mecanismo de recolha teve origem na análise de conteúdo feita às 7 entrevistas semiestruturadas. Desta análise foram condensadas várias dimensões principais, que se traduziram na secção de questões de escolha múltipla. Para

<sup>26</sup> Esta contabilidade reflecte apenas o número de pessoas (das 40 mencionadas) que especificaram a área da sua ocupação profissional.

<sup>27</sup> Em anexo (4) apresenta-se uma exposição das bases teóricas das diferentes técnicas.

determinadas categorias foram criados conjuntos de opções, sintetizadas com base nas respostas às entrevistas, por sua vez, para questões relativas ao conceito/ definição ou à valorização (pessoal e profissional), não houve discriminação de subcategorias em diferentes questões, sendo estas articuladas no mesmo conjunto de opções (quadro 3).

**Quadro 3 - Dimensões e subcategorias nas questões de escolha múltipla**

<b>Indicadores do Conceito/ Definição</b>	<b>Justificação da participação</b>	<b>Divulgação</b>	<b>Preocupações/ Investimentos</b>
Tempo → Presente/ Passado Legitimidade em relação ao Passado/presente Transmissão e (permanência no) Tempo Cultura Dicotomia Rural/Urbano Importância do Registo e/ou Prática Diversidade em relação com o Passado/presente Origem (de práticas) no Passado/presente Contexto (s)	Família Nação Sociabilização Profissão Responsabilidade social	Área minoritária Duas realidades (Lisboa e restante país) Crescente (nos órgãos habituais) Crescente (Internet)	Comunicação intragrupo: Rede (associações, músicos, etc.) Discussão de conceitos e preconceitos Educação e Formação (na área) Arquivo generalizado de acesso livre Processos de recriação Promoção (realização de eventos)

### 3.4.2.2. Análise Linguística

A segunda técnica metodológica baseia-se na análise linguística/ semântica. Esta realizou-se a partir da utilização de dois diferentes testes complementares: **associação livre** (escrita), e a **avaliação numérica** de conceitos. Ambos os mecanismos permitem a participação de um grande número de pessoas e a análise estatística dos dados obtidos. Ainda, esta estratégia metodológica é bastante simples de aplicar, tendo sido utilizada em diferentes áreas de estudos (Hilger, 2009).

A técnica de **avaliação numérica de conceitos** possibilita aceder a uma estrutura escondida entre os termos fornecidos, permitindo determinar o quanto são similares ou diferentes do ponto de vista do indivíduo. Avaliação numérica da relação entre conceitos/ expressões. Dados dois conceitos, esta técnica tem como objetivo a avaliação da sua relação como menos ou mais próxima, numa escala de 1 a 5 valores (1 – muito pouco/ nada relacionados; 2 – pouco relacionados; 3 – relacionam-se mais ou menos; 4

– claramente relacionados; 5 – muito/intimamente relacionados). A utilização de uma escala numérica fornece uma matriz que permite mapear as relações entre os conceitos/expressões e assim, fornecendo uma representação mais visual, perceber de forma mais clara as suas ligações. Foram 20 os conjuntos de relações escolhidos para este teste que tiveram por base as principais relações que se figuraram na análise das entrevistas (apresentados na secção da avaliação numérica de conceitos, no questionário - anexo 2). Esta técnica apresenta assim vantagens no que respeita a obtenção direta de uma medida de proximidade entre conceitos, mas no entanto, apresenta igualmente desvantagens, pois mesmo que as palavras dadas não apresentem significado para o sujeito, estarão de qualquer forma associadas a um valor de relação (Hilger, 2009).

De modo a minimizar a desvantagem do distanciamento às palavras dadas, utilizámos, de modo complementar, o teste de **associação livre de conceitos**, sendo que este possibilita a determinação da sua aproximação semântica. Dada uma série de conceitos, foi pedido aos inquiridos que associassem 5 palavras ou frases (no mínimo, preferencialmente, ou mais) a cada um deles. Esta técnica permite que o acesso aos elementos que constituem o universo semântico do termo ou objeto estudado seja realizado de forma mais direta e fácil do que em entrevista. “A associação livre permite a atualização de elementos implícitos ou latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas”(Abric, em Sá, 1998, p.91). Todavia, a associação livre apresenta também algumas limitações, pelo facto de se basear apenas em representações linguísticas, e por estimular um processamento mínimo de informação (fazendo com que os inquiridos não explorem totalmente a sua capacidade de externalização). De forma a minimizar as desvantagens identificadas optámos pela não existência de tempo limite para a finalização do questionário, a não exigência de uma ordem das palavras para associação e a possibilidade dos participantes em escrever frases sem limitar o número de caracteres.

### **3.4.2.3. Validação do instrumento**

No sentido de testar e validar o questionário, contámos com a ajuda de 10 pessoas que, respondendo às questões e comentando extensivamente sobre dificuldades, incoerências, complexidade das explicações, nos orientaram para o formato final que o instrumento apresentou.

## 4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TRADIÇÃO

A análise dos dados foi realizada paralelamente para cada dimensão relevante. Desta forma, a análise do conteúdo das entrevistas é apresentada de forma paralela ou complementar em relação aos dados recolhidos nos inquéritos por questionário.

### 4.1. Caracterização da amostra

Os indivíduos junto dos quais recolhemos dados sobre as suas representações sociais de tradição dividem-se em dois grupos principais: os participantes em entrevista (instrumento qualitativo) e os participantes em inquérito (instrumento quantitativo).

#### 4.1.1. Entrevista

Dos 7 participantes em entrevista (não considerando para a análise mais profunda a entrevista de carácter exploratório), 5 são naturais do distrito de Lisboa, sendo que apenas dois residem no centro (E4 e E7). No caso de E7, a associação cultural da qual faz parte encontra-se igualmente na zona centro, por sua vez, a associação com a qual E4 colabora situa-se em Lisboa (quadro 4 - consultar em complementaridade o quadro 1, página 46). Considera-se desta forma uma concentração da amostra em Lisboa. Quanto às idades dos entrevistados, esta encontra-se maioritariamente, entre os 35 e os 44 anos (4 entrevistados), existindo 2 entrevistados com idades entre os 25 e os 34 anos e apenas 1 com idade compreendida entre os 55 e os 64 anos. Circunstancialmente, todos os entrevistados são homens.

**Quadro 4 – Atividade(s), idades e naturalidade dos entrevistados**

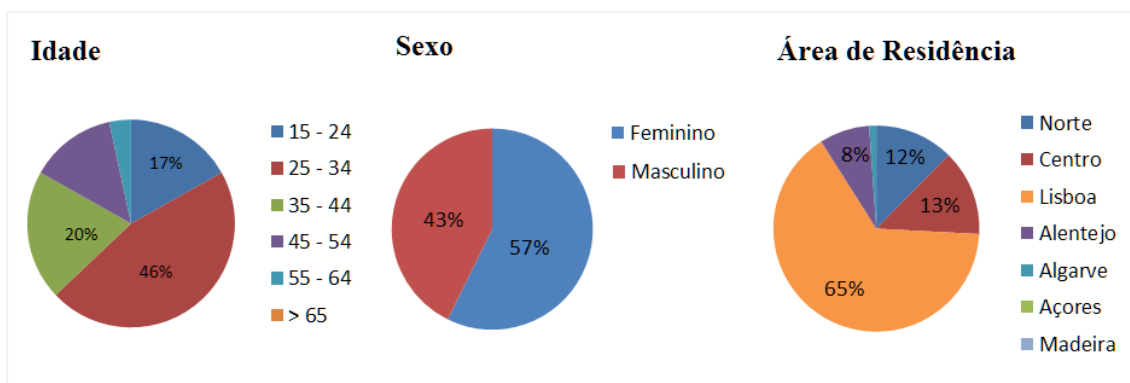
Entrevista (E)	Atividade(s)	Idades	Naturalidade
E1	Associação Cultural (A1) (1997 – 2006)	35 - 44	Lisboa
	Produção Independente (Evento) (B1)		
	Grupo Musical (C1)		
E2	Ensino	55 - 64	Lisboa
	Associação Cultural (A2) (1974 – 1978)		
E3	Produção Independente	25 - 34	Lisboa
E4	Associação Cultural (A3) (desde 2005)	35 - 44	Figueira da Foz
	Ensino		
E5	Associação Cultural (A1) (2008 – 2011)		Lisboa

Entrevista (E)	Atividade(s)	Idades	Naturalidade
	Associação Cultural (A4) (desde 1998)	25 - 34	
	Ensino		
	Grupo Musical		
E6	Associação Cultural (A3) (desde 2005)	35 - 44	Oeiras
E7	Associação Cultural (A5)	35 - 44	Águeda
	Grupo Musical (C2)		

#### 4.1.2. Questionário

Podemos caracterizar a população abrangida pelo questionário como relativamente jovem, sendo que a maior faixa dos participantes têm entre 25 e 34 anos, com um total de 64% dos participantes entre os 15 e os 34 anos de idade. Quanto ao sexo, 57% dos participantes foram mulheres, e os restantes 43% homens. Realça-se novamente a participação maioritária de pessoas residentes na capital, perfazendo 65% dos inquiridos. Assim, podemos acentuar o peso de uma amostra (qualitativa e quantitativa) predominantemente lisboeta, tendo presente na pesquisa este contexto base no qual assentam as considerações realizadas.

**Figura 5 – Idade, Sexo e Área de Residência dos participantes no inquérito por questionário**



#### 4.2. Conceito e Definição de Tradição

A caracterização do conceito de tradição realizada pelos entrevistados passa por aspetos vários, tais como a sua dúbia e complexa noção, localização temporal e espacial, os seus processos de manutenção, os seus momentos de continuidade e quebra, e as categorias

ou tipos de tradição que se podem encontrar. De forma decorrente, a complexidade e pluralidade do conceito de tradição espelha-se, de facto, nas suas respostas.

#### 4.2.1. Dificuldade de definição

São vários os momentos em que, no discurso dos entrevistados é possível identificar a dificuldade que estes têm em sintética e diretamente definir o conceito de tradição. Por conseguinte, procurámos de seguida destacar as estratégias, metáforas e explicações adotadas, nas quais esta dificuldade se apresenta mais claramente.

Em primeiro lugar podemos referir a sua arbitrariedade, isto é, o facto de ser mais correta e especificamente definido, em relação a um contexto específico. Quando não associado a determinada ideia ou âmbito específico, as respostas tendem (de forma quase “circular”) a referir a sua condição abstrata, vastidão e/ou complexidade (quadro 5). No quadro 5 ao referirmos a sua condição abstrata estamos a considerar as respostas em que o entrevistado parte da premissa: “a tradição não existe”; por exemplo E1 e E5. No caso de E1, este qualifica a tradição como inexistente no sentido em que a sua prática remete para uma localização temporal que na realidade já não existe, é apenas representada. Por sua vez, E5, refere-se a esta “inexistência” da tradição, no sentido em que esta é socialmente construída.

**Quadro 5 - Dificuldade de definição**

<b>Dificuldade de Definição</b>	<b>Abstrato</b>	<b>E1</b> “Genericamente a tradição não existe como tal. Ou seja, a música tradicional o que quer que seja tem, reporta-se a uma época que já não existe, portanto não... só no contexto que não sei quê das vivências é que seria tradição.”
		<b>E5</b> (abaixo)
	<b>Vago</b>	<b>E2</b> “É um conceito tão vago, tão...”
	<b>Arbitrário</b> (tem de ser definido de acordo com um contexto específico)	<b>E3</b> “As pessoas usam a tradição como querem. Cada um dá o nome áquilo que lhe convém (...) uns usam a tradição para um lado, uns usam para o outro. Cada um dá a definição como quer...”
		<b>E5</b> “...o conceito de tradição... só pode ser usado de forma arbitrária (...) A tradição para todos os efeitos não existe. É uma construção social... nenhum trabalho científico, na minha opinião, pode usar o conceito de tradição, sem primeiro definir cabalmente o que é que significa para os agentes que estão a ser analisados.”  “Todas as práticas musicais devem ser (...) sempre analisadas dentro do contexto em que são criadas e vividas. Não faz sentido isolar uma prática musical do contexto em que é criada. Se uma pessoa canta de determinada maneira toca de determinada maneira há uma razão para o fazer. Porquê? É preciso analisar isso.”

### 4.2.2. Processo de transmissão

Um dos aspetos unânimes relativamente ao conceito de tradição, é a sua constituição num processo de transmissão: uma série de dados culturais que se vão transmitindo ao longo do tempo, e se instituem junto dos grupos (família, gerações, etc.) (quadro 6).

**Quadro 6 - Transmissão**

Transmissão	<b>E2</b>	“...em relação àquilo que é dado (...) anteriormente...”
	<b>E3</b>	“...tradição, para mim, vem do termo grego, vem da transmissão. (...) É algo que se transmite e que se vai transmitindo, e por se ir transmitindo está-se sempre a alterar.”
	<b>E4</b>	“É manter, preservar aquilo que os antigos, os de antigamente, aquilo que havia (...) Seja mesmo de vestuário, seja mesmo a forma como se alimentavam, por exemplo, a forma de trabalhar, também é mesmo uma tradição, a forma de dançar, a forma da música...”
	<b>E5</b>	“(...)Ou seja, a maneira como tu atas os atacadores dos sapatos, ou frites um ovo, ou fazes um bolo, ou cozinhas bacalhau, ou fazes um café, ou cantas um fado, ou tocas uma guitarra, ou tocas uma gaita de fole, pode ser entendido e classificado como tradição a partir do momento em que a prática de como tu fazes as coisas se sedimenta de tal forma que tu a transmites para as outras pessoas como sendo a maneira correta de as fazer. Ou a maneira como tu fazes. E esta se institucionaliza num grupo de pessoas.”
	<b>E6</b>	“Para mim é qualquer coisa que é transmitida para outra pessoa. Portanto (...) a questão da antiguidade não se coloca. (...) Coisas mais antigas ou que são passadas, é tradição, costumes ou sei lá, modos de estar que são passados de geração em geração...”
	<b>E7</b>	“Se entendermos num sentido mais formal, que é aquilo que se tornou uso, que se tornou prática ao longo de gerações, se quisermos.”

De forma análoga, com base nos inquéritos por questionário, podemos verificar que 44% dos participantes escolhem “é um processo de transmissão, constantemente em curso” como parte da definição do conceito. Esta é, de facto, a dimensão com maior peso, para a sua determinação do significado de tradição (figura 6).

Desta forma, sendo a tradição um processo de transmissão, são vários os processos de manutenção aos quais está vinculada. Estes variam entre o acompanhamento natural e constante das mudanças sociais, a mutação, construção e invenção (intencionais ou não) das tradições, as fusões decorrentes de diversos contactos, etc. Paralelamente à manutenção, ou mesmo como resultado desta, são identificados momentos de continuidade e quebra, nos processos mais globais da transmissão de dados, estes

podendo ser traduzidos nas diferenciações estéticas que encontramos em diferentes espaços e tempos. Ou seja, os momentos de continuidade/ permanência, manutenção e quebra, podem-se figurar ao nível micro das tendências atuais, ao nível meso das diferentes práticas sedimentadas, que associamos a diferentes gerações, e ao nível macro da continuidade histórica, adquirindo em cada situação, diferentes níveis de legitimidade. As diferentes atribuições de legitimidade que os entrevistados concedem a cada situação são igualmente complexos, divergindo principalmente, consoante a sua condição de permanência no tempo, isto é, práticas com continuidade histórica adquirem maior legitimidade por parte dos indivíduos, que as validam enquanto tradição. Por sua vez, a perda de aplicabilidade prática pode resultar na sua configuração apenas enquanto um registo ou retrato museológico de determinada época.

**Figura 6 - Opções de escolha múltipla para a definição do conceito de tradição**



\*Havendo mais do que uma resposta/ opção possível as percentagens somam mais de 100%

No que respeita aos dados quantitativos relativos à definição do conceito, foi possível identificar vários cruzamentos significativos (em relação ao valor do qui-quadrado) em diferentes dimensões relativas ao conceito: conceito anacrónico (não tem diferenças quanto ao tempo, encontra-se no presente, no passado e no futuro); processo de transmissão, constantemente em curso; conjunto de dados que se reportam unicamente ao passado, mas que são representados hoje. E relativamente às práticas tradicionais: é importante fazer registos/ recolhas como garantia da sua prática no futuro (quadro 7);

**Quadro 7 - Correlação entre diferentes dimensões da definição do conceito de tradição e práticas tradicionais, utilizando o valor da correlação de Pearson (C.P.) e significância qui-quadrado ( $\chi^2$ )**

		Anacrónico	Dados que remetem para o passado	Registo como garantia do futuro
Transmissão	C.P.	,225*	-,426**	,242*
	$\chi^2$	,037	,000	,026

**Legenda:**

\* Valor de correlação (2-tailed) significativo ao nível de 0.05

\*\* Valor de correlação (2-tailed) significativo ao nível de 0.01

  Relação significativa

Com base no quadro 8 (adiante) podemos observar que a relação entre a definição do conceito de tradição enquanto um processo de transmissão constante, e a sua condição anacrónica é relevante ( $\chi^2=0.037$ ), com 92,6% das pessoas que consideram a tradição pertencente ao espaço temporal passado, presente e futuro (anacrónica), a caracterizá-la como um processo de troca, constantemente em curso. Tal ligação parece-nos clara, na medida em que a tradição se estabelece como intemporal, através do veículo da transmissão, isto é, pela passagem de dados culturais ao longo do tempo é que se “constrói” a sua permanência neste. Contudo, julgamos que não obstante à sua intemporalidade, as práticas tradicionais adquirem diferentes graus de legitimidade nos grupos, dependendo da sua permanência e continuidade.

De forma complementar, e sujeita a uma interpretação baseada em lógica, podemos observar a relação inversamente proporcional (pela correlação de Pearson negativa, com um nível de significância  $\chi^2$  muito elevado) entre a definição da tradição enquanto processo de transmissão constante e a definição enquanto um conjunto de dados pertencente somente ao passado (quadro 7). Logo, considera-se que algo em transmissão constante não se refere, de modo algum, somente ao passado.

**Quadro 8 - Tabela contingência entre a tradição enquanto processo de transmissão e sua condição anacrónica**

			Processo de transmissão constante		Total
			Não	Sim	
Conceito anacrónico	Não	N	16	43	59
		% Anac.	27,1%	72,9%	100,0%
	Sim	N	2	25	27
		% Anac.	7,4%	92,6%	100,0%

\*Três inquiridos não sabem/ não respondem

Podemos verificar ainda a existência de uma relação significativa ( $\chi^2=0.026$ , quadro 7) entre a tradição enquanto um processo constante de transmissão e a necessidade de fazer registos como garantia da continuação das práticas no futuro. 85,7% das pessoas que respondem que é importante registar para garantir a prática futura, considera a tradição um processo de transmissão constante (quadro 9). Logicamente, podemos considerar qualquer tipo de recolha/ registo, como uma ferramenta substancial para a passagem de quaisquer dados culturais. Em tempos mais antigos, a oralidade, de facto representava uma condição essencial para a troca de informações, mas hoje em dia os instrumentos à nossa disposição aumentaram exponencialmente, promovendo de forma paralela as possibilidades de registos que poderão perdurar durante grandes períodos de tempo.

**Quadro 9 - Tabela contingência entre a tradição enquanto processo de transmissão e a realização de registos como garantia da prática no futuro**

			Registos como garantia da prática no futuro	
			Não	Sim
Processo de transmissão constante	Não	N	8	9
		% Registos...	36,4%	14,3%
	Sim	N	14	54
		% Registos...	63,6%	85,7%
Total*	N	22	63	
	% Registos...	100,0%	100,0%	

\*Quatro inquiridos não sabem/ não respondem

### 4.2.3. Dimensões da passagem do tempo

Assim, existe alguma diversidade no que respeita a posição dos entrevistados relativamente à relação entre o tempo (na sua continuidade) e o conceito de tradição. As linhas principais que podemos distinguir neste conteúdo são (quadro 10):

- Intuito de preservação *versus* a utilização de práticas tradicionais<sup>28</sup> enquanto recurso (E1), que remete para a **reutilização de registos** (adiante, p. 65).
- Anacronia (não tem diferenças quanto ao tempo/ linha cronológica) (E3), que se relaciona com a coexistência de práticas remetentes para o passado e práticas atuais/ relativamente recentes que se podem intitular de tradicionais (aquelas que, pela permanente utilização/ presença ativa, se instituem em determinados grupos enquanto tradição) (E7).
- Valorização decorrente do respeito pelo passado (E4);
- Impossibilidade de uma herança histórica pura, pois a continuidade das práticas encontra-se mergulhada na mudança (E5), e por vezes a sua origem pode ter sido o produto de uma **invenção** (adiante, p. 67).
- Diferentes ritmos de mudança (no passado as mudanças ocorriam mais demoradamente, hoje acontecem de forma mais rápida) (E6);

**Quadro 10 - Relação da tradição com a passagem do tempo**

Passagem do tempo	
<b>Preservação vs. Recurso</b>	<b>E1</b> “... há pessoas que querem realmente preservar de alguma maneira, musealizar essa tradição e há pessoas que utilizam essa tradição com recurso. Eu pertenço a esse segundo grupo de pessoas, portanto utilizo como recurso, sem problema nenhum de utilizar naquilo que me apetece...”
<b>Anacronia</b>	<b>E3</b> EA: “...quais são as diferenças entre as tradições mais antigas e as tradições mais recentes?” E3: “Não existe. Não tem. É anacrónica. O tempo não interessa. Está sempre a transformar-se.”  “O tempo é um vértice. Estão lá os pontos todos. Na tradição então é absoluto. Tá lá o presente, o passado e o futuro. (...) Sabes as piadas... há sempre as piadas dos etnomusicólogos. (...) Um dia (...) o Jorge Dias foi pedir a uma senhora qualquer para cantar uma música e ela foi buscar... como ela não se lembrava da letra foi abrir o próprio cancioneiro do próprio Jorge Dias que estava a gravar. Para cantar a música...”

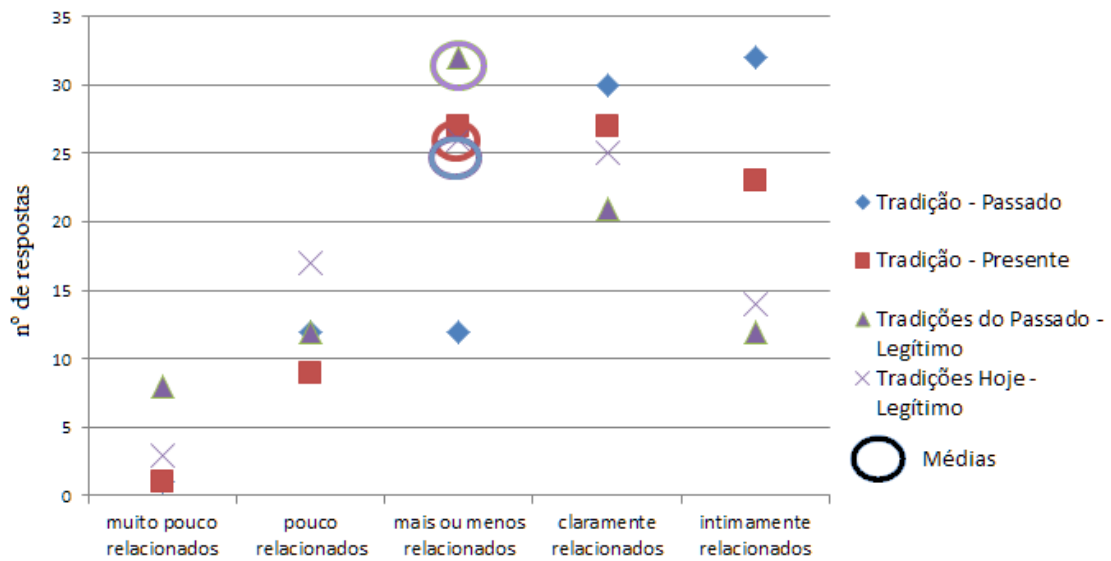
<sup>28</sup>Utiliza-se aqui a expressão *versus*, pois os entrevistados colocam estes dois elementos do conceito em oposição. Consideram **preservação** com tendência para a produção de dados culturais museológicos, e **utilização** como a transferência para o presente (pela sua aproximação a correntes culturais vigentes) de dados culturais fortemente remetentes para o passado.

<b>Passagem do tempo</b>	
	“...na tradição não há a questão pura, nem do que é genuíno, nem do que é autêntico, porque ninguém sabe qual é o paradigma, ninguém sabe onde é que começou...”
<b>Respeito pelo passado</b>	<b>E4</b> EA: “...quais são as principais diferenças ou há diferenças entre as práticas tradicionais mais antigas e as mais recentes? E4: Sim, tem que haver, tem que haver. Até porque há sempre o tal respeito.”
<b>Mudança imperativa</b>	<b>E5</b> “(...) mas não é de facto algo que corresponda a uma continuidade histórica pura – entre aspas - ou herdada de forma direta de práticas musicais de matriz rural, não é, de todo.”
<b>Diferentes ritmos</b>	<b>E6</b> “A única questão é a rapidez com que as coisas agora... passam. Antigamente imagina, se alguém inventasse uma dança muito bonita no interior de Portugal, até que alguém, a cinco quilómetros de distância aprendesse essa música ou ouvisse pela primeira vez essa música ia demorar muito tempo. Agora as coisas são tão rápidas...”
<b>Coexistência</b>  <b>Pode ser recente</b>	<b>E7</b> EA: “E na tua opinião, há diferenças entre as tradições mais antigas e as tradições atualmente? E7: O quão tradição algo é, é a forma como se vive nesse momento (...) Elas podem coexistir hoje, se as mais antigas tiverem perdurado. Mas podem ter findado.” “...a sua utilização é que vai tornar, que aquilo é tradicional, que aquilo é valido enquanto tradição. Portanto é nessa perspetiva também e nessa filosofia que se pode entender que, no caso da música, a música tradicional não é necessariamente a música de há 100 anos, pode ser a música de hoje, só que entretanto vai-se tornando tradição.”

Com base nos dados recolhidos a partir da **avaliação numérica** de relações entre conceitos (figura 7, adiante), podemos verificar, que a proximidade da relação da tradição com o passado é posicionada, pelos participantes, de modo consistente, entre *claramente relacionada e intimamente relacionados*. Por sua vez, a relação tradição-presente concentra-se em *mais ou menos relacionados*, no entanto, com uma tendência para uma relação média-alta de proximidade. Por outro lado, considerando as avaliações relativas à legitimidade, podemos verificar que a média da relação com ambas as tradições do passado e hoje, se posiciona em *mais ou menos relacionados*.

Assim, a relação que de forma mais clara se caracteriza por uma maior proximidade é a das tradições com o tempo passado. Desta forma, considera-se que, apenas da existência de múltiplas perspetivas sobre os momentos de continuidade e/ou mudança temporal que caracterizam o conceito, existe uma tendência para a associar, de forma mais direta, tradição ao tempo passado.

**Figura 7 - Avaliação numérica de relações entre conceitos: tradição, passado, presente e legitimidade**



Adicionalmente, uma relação interessante relativa à localização da tradição no tempo, destaca-se no cruzamento da relação da atividade profissional dos inquiridos com práticas tradicionais, e a definição de tradição enquanto um conjunto de dados que se reportam unicamente ao passado, mas que são representados hoje (com um valor de qui-quadrado ( $\chi^2$ ) = 0.039, significativo – quadro 11, adiante). 90,2% do total dos participantes *não* concorda que a tradição é um conjunto de dados que remetem unicamente para o passado, e são apenas representados hoje. De forma independente da relação da sua profissão com práticas tradicionais, é contradita a ligação ao passado, distinguida no teste de associação numérica acima apresentado.

Identificamos assim um paradoxo, sobre o qual são várias as reflexões possíveis. Verifica-se que existe uma tendência para associar/ avaliar de forma mais intensa a relação direta do conceito de tradição com um tempo passado. Contudo, quando dada uma premissa concreta onde se situam os dados tradicionais somente no passado, os participantes tendem a não atestar esta posição. Deste modo, considera-se que apesar de conceptualmente, possivelmente pelo fator da permanência no tempo, existir uma clara associação da cultura tradicional ao passado, existe também uma ligação presente que se traduz na “não escolha” dos diferentes protagonistas. Esta, consideramos, pela

localização presente e ativa dos vários atores sociais, com base em práticas tradicionais antigas, mas no tempo presente/ hoje.

**Quadro 11 - Tabela de Contingência entre a ocupação profissional relacionada com práticas tradicionais e a ligação da tradição ao passado**

			Dados que remetem para o passado, unicamente representados hoje		Total
			Não	Sim	
<b>Profissão relacionada com práticas tradicionais</b>	<b>Sim</b>	N	39	1	40
		% Ocupação Rel.	97,5%	2,5%	100,0%
	<b>Não</b>	N	44	8	52
		% Ocupação Rel.	84,6%	15,4%	100,0%
<b>Total</b>	N	83	9	92	
	% Ocupação Rel.	90,2%	9,8%	100,0%	

#### 4.2.3.1. Reutilização de registos

Perseguindo o intuito de clarificar as perspetivas sobre a autenticidade e legitimidade de práticas tidas por tradicionais em relação à passagem do tempo, foi colocada uma adicional questão, relativa à “reutilização de registos” (nomeadamente, musicais) para a criação de novos produtos. Ou seja, qual a posição dos entrevistados, relativamente à legitimidade de produtos resultantes da reutilização de registos musicais, tidos por tradicionais. De forma complementar, foi-nos possível aprofundar a relação entre as práticas do passado (ou registadas neste) e aquelas produzidas hoje (com base nas primeiras, principalmente). Para o caso específico da “reutilização” ou “recriação” de práticas, os principais pontos referidos foram (quadro 12):

- A importância de realizar registos e de os disponibilizar, aliada a uma imprescindível utilização/ prática, para que esta se mantenha “viva” (E1) e disponível para qualquer um (E6);
- A função essencial dos registos é a sua utilização ou – visto nunca se conseguir definir a seu primeiro uso – reutilização (E3, E4);
- A utilização de registos tidos por tradicionais para criar um produto atual, é imprescindível para a sua permanência, pois é fundamental a valorização e ligação das práticas às pessoas de hoje (E7).

- A tradição, como todas as práticas que pertencem ao meio social estão intrínseca e inevitavelmente sujeitas a mudanças e/ou transformações, parte destas proporcionadas através de processos de reutilização de registos (E1, E2, E6).

**Quadro 12 - Relação tradição e a reutilização de registos como recurso para novas criações**

<b>Reutilização</b>	
<b>Matéria-prima para (re)utilização</b>	<p><b>E1</b> “...não vejo (...) da tradição como uma coisa intocável mas como um repositório de matéria-prima. E tu podes ou não utilizá-la, no caso utiliza mais na questão musical e da dança, mas é isso, é um património que nós temos”</p> <p>“Eu acho que é completamente legítimo, eu acho que aí a preocupação deve ser disponibilizar o máximo de coisas possíveis.” “...o ideal é conservar as plantinhas e não ter um bando de sementes. O que está a fazer com um arquivo que, por muito bom que seja, é um bando de sementes. O importante é que as plantas continuem vivas nos seus sítios. E neste caso a música e a dança continuem vivas de alguma maneira. Seja do folclore, seja no folk, seja no que for, seja na dança contemporânea. O importante é que esse recurso exista e que nós saibamos sempre que somos diferentes dos outros países e que temos coisas diferentes, que nos enriquecem...”</p>
<b>Transformação constante e gradual</b>	<p><b>E2</b> “Eles estão a trazer a tradição e, eventualmente, a transformá-la porque é assim, não tem de ser uma coisa estática... mas isso acontece de forma tão gradual...”</p>
<b>Propósito</b>	<p><b>E3</b> “Façam como quiserem. É para isso que serve. É para isso que sempre serviu.”</p> <p><b>E4</b> EA: “E quanto à reutilização? E4: Isso tem de haver sempre.”</p>
<b>Matéria-prima para (re)utilização</b>	<p><b>E6</b> “Ah isso a reutilização, as pessoas que usem e abusem disso. Eu só tenho pena é de não estarem disponíveis e de haverem pessoas que os guardam lá nas suas gavetas. Isso devia estar tudo online para toda a gente usar. Todas essas gravações.”</p>
<b>Transformação</b>	<p>“...a tradição não, a tradição está sempre a evoluir...”</p>
<b>Transformação, condição da sua permanência</b>	<p><b>E7</b> “Sim, nenhum estigma em relação a isso. Utilize-se, reutilize-se porque isso é que fará... É mais importante (...) atualizar para que seja gostado, e portanto continue tradição. Apesar de diferente, apesar de modificada. A tradição é a mesma mas modificada para caber num tempo atual, ou num tempo futuro, se quisermos ser ousados. É preferível isso, sem pensar que é desvirtuar, do que a tradição ter existido, ter morrido porque era daquela forma, se não fosse daquela forma não podia ser. É preferível ela existir ao nosso gosto, à nossa maneira, e da forma que hoje concebemos as coisas.”</p>

### 4.2.3.2. Invenção

Existem de facto bastantes evidências de práticas que, pela sua permanência no tempo, aliada a uma forte legitimidade concedida pelos praticantes, parecem ou alegam ser antigas e, conseqüentemente, instituídas como tradicionais mas, na realidade, são recentes no que respeita a sua origem, por vezes inventadas propositadamente, ou mesmo em processo de construção permanente (quadro 13, Hobsbawm & Ranger, 1992).

**Quadro 13 - Invenção**

<b>Invenção</b>	
(propositada)	<p><b>E3</b> “...a tradição tem sempre um lado super conservador e isso é, manter as coisas numa redoma exatamente como são, intocáveis e que nos remete para o passado, e que realmente é uma grande tanga e há coisas que são inventadas para ser tradição. Como as saias dos escoceses e por aí adiante. Há coisas que se querem de propósito fazer, e são tradicionais...”</p>
<b>Imaginário Encenação</b>	<p><b>E5</b> “A questão é que muitas vezes há práticas musicais, sobretudo, ou tecnológicas, (...), ou linguísticas, ou coreográficas, que perdem de tal forma a sua aplicabilidade prática na vida do dia-a-dia que acabam numa gaveta ou numa prateleira de um museu ou na sua equivalência simbólica, no imaginário das pessoas sobre o passado. E aí as coisas passam a ser rotuladas como tradição, quando tu dizes assim: “isto era como se fazia antigamente”. E agora, como fazem por exemplo os ranchos folclóricos ou os grupos musicais: vou exercitar esta prática musical ou esta dança, ou esta maneira de fazer bacalhau, num espaço performativo próprio, que já não uso na minha vida no dia-a-dia, mas eu enceno para as outras pessoas verem como era antigamente. Isto é o que eu entendo por tradição, entre aspas. Como algo que já não pertence às nossas práticas, mas nós entendemos como algo que pertence às práticas do passado. O problema é que essas práticas do passado, na nossa cabeça, são construídas no nosso imaginário. Ou seja, muitas vezes aquilo que nós entendemos como “tradição” nem sequer tem relevância no passado, ou nunca existiu, ou foi reconstruído de maneira imaginária.”</p> <p>“E portanto a tradição ou o conceito de tradição é uma ficção que vai buscar uma necessidade de legitimação através de uma <u>falsa</u> continuidade histórica. Para afirmar a sua validade...”</p>
<b>Construção</b>	<p><b>E7</b> “Não é necessariamente uma coisa antiga, é uma coisa contemporânea e será validada pela pertinência e pela utilização que as pessoas façam de alguma coisa que se inventou, de alguma coisa que se instituiu.”</p> <p>“A tradição vai-se construindo, a cada momento, vai-se inventando a cada momento. (...) Neste momento nós estamos a construir tradição.”</p>

#### 4.2.4. Dicotomia Rural - Urbano

A tradição, ou as práticas tradicionais são comumente mais relacionadas com contextos rurais, de onde (se considera) são ou eram maioritariamente originárias, seu contexto natural. Mas com as mudanças sociais que ocorreram, principalmente no século passado, a sua “essência” ganhou novas (e múltiplas) influências, dando origem a um paradoxo, estabelecido por esta dicotomia urbano e rural, no que respeita as tradições. Isto considera-se, na medida em que grande parte dos produtos de património tradicional, se criam e institucionalizam a partir de um quadro urbano, mas se identificam, baseiam e fundamentam em meios rurais, estes existentes ou imaginários (Castelo-branco & Branco, 2003). Esta dicotomia pode ser ilustrada nos discursos de alguns dos nossos entrevistados, onde são perceptíveis opiniões contraditórias (quadro 14):

- Desfiguração patente na música tradicional, com base em meios urbanos, motor de condicionamento para uma matriz estética mais do agrado das massas (E2);
- As práticas tradicionais pertencem maioritariamente a meios rurais, e a tradução para cenários urbanos é contrária ao próprio conceito (E4);
- Tradições estabelecidas enquanto práticas de matriz rural, com base em contextos urbanos. Isto é, os meios urbanos consideram que estas práticas são de facto características de meios rurais, quando, por vezes, na realidade, essa associação faz igualmente parte de um imaginário coletivo, que podemos associar à representação social de tradição (E5);
- Interseção entre os dois contextos, isto é, a sua origem pode remeter para cada um dos contextos. Adicionalmente, atende-se igualmente aos diferentes ritmos de mudança de cada meio, que se traduzem conseqüentemente nas suas práticas características. Nas áreas mais cosmopolitas, menos isoladas, as influências mais generalizadas e mesmo globais têm mais peso nas transformações que ocorrem, inclusive nas práticas. Isto é, a sua permanência no tempo estabelece-as enquanto tradicionais, contudo, esta (permanência) molda-se e consolida-se com influências distintas (tanto no que respeita a frequência como o tipo de transformações), para cada um dos contextos (E7).

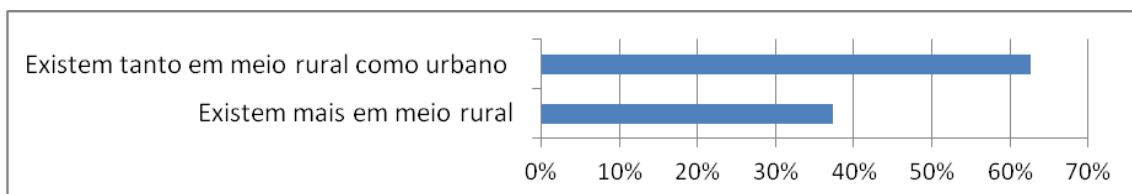
### Quadro 14 - Dicotomia rural e urbano

Unidade de Contexto	Unidades de registo
Dicotomia rural - urbano	E2 “...espartilham a música tradicional (...). Portanto, o pequeno burguês citadino tem um bocado essa arrogância”
	E4 “Práticas tradicionais (...) eu acho mais no meio rural. No meio rural, ou nas aldeias (...) A aldeia vive muito mais essa tradição...” “Isto é fazer realmente, o contrário, da tradição, do rural, da cultura, trazer mais para meios urbanos (...)”
	E5 “a música popular de matriz rural, vamos entendê-la assim, e até me custa usar estes termos, porque são demasiado redutores, porque o meio rural não é nada daquilo que nós imaginamos ou criamos como imaginário fantasioso (...) em meios urbanos.”
	E7 “Todos os sítios têm as suas tradições, umas são urbanas e umas são rurais...” “Se calhar no rural as tradições mantêm-se é mais tempo, porque não há outras influências, enquanto o meio urbano, é mais cosmopolita e portanto está mais infetado no bom sentido.”

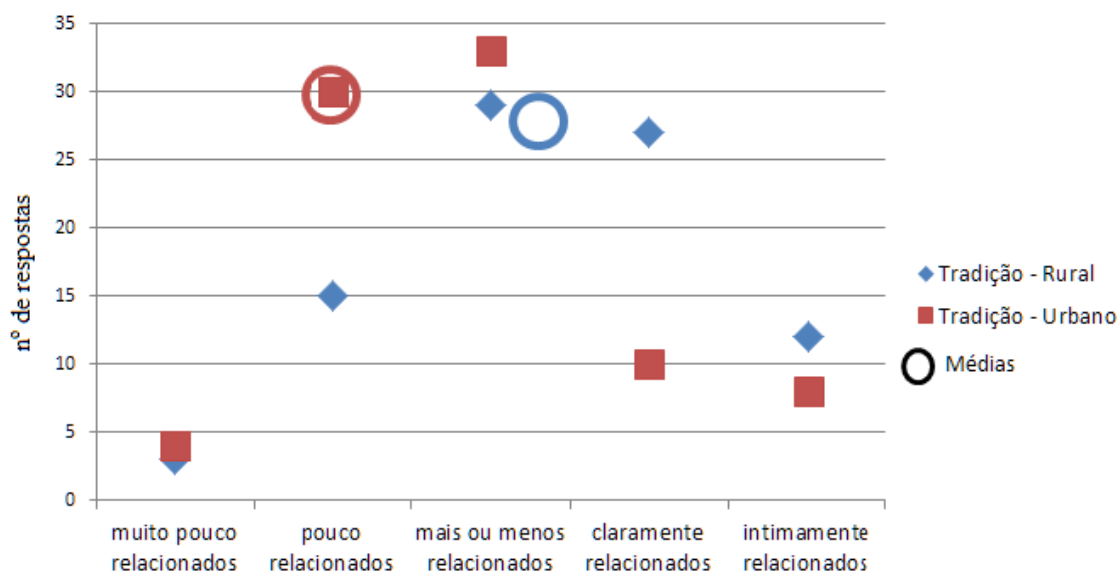
A ambiguidade patente no que respeita a relação da tradição com meios urbanos ou rurais destaca-se igualmente quando analisados alguns dados quantitativos:

- Na figura 8, quando colocados perante a escolha caracterizar a tradição como mais existente em meio rural ou de modo equivalente entre os dois meios, a maioria dos inquiridos (63%) escolhe a última opção;
- No entanto, ao observar a figura 9 (adiante), com base na avaliação numérica de conceitos, é possível constatar uma menor relação da tradição com meios urbanos, com a maioria a considerar que são *pouco relacionados*, do que relativamente à sua relação com meio rural, cuja média se encontra entre *mais ou menos relacionados* e *claramente relacionados*.

**Figura 8 - Percentagens da pergunta de escolha múltipla sobre relação do conceito tradição com os meios, rural e urbano**



**Figura 9 - Associação Numérica de relações entre os conceitos tradição, urbano e rural, por valores médios**



### 4.3. Valorização e Identidade

Enquanto ator social, cada indivíduo cria referências que orientam o seu comportamento dentro de determinado quadro de ação. Desta forma, as tradições enquanto modelos legítimos, coletivamente partilhados, constituem parte destas referências, centrais para a sua identidade pessoal e grupal (Silva, 2000).

A exploração realizada neste trabalho passou pela reflexão sobre a valorização pessoal da tradição enquanto recurso, revelando a questão da identidade. Desta forma, afiguram-se alguns aspetos, principalmente no que respeita as questões da valorização: gosto pessoal e interesse profissional, responsabilidade, respeito e admiração; e da identidade: estas tendencialmente mais relacionadas com a nação ou família, mas também descrita como uma forma de autoconhecimento (E1: “conhecemo-nos nisso”) e sentida de forma profundamente intrínseca (E6: “faz mesmo parte de mim”).

**Quadro 15 - Valorização e Identidade**

	<b>Unidades de Contexto</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Identidade</b>	<b>Nação</b>	<b>E1</b> “O que hoje nós temos é raízes, raízes identitárias...” “...as nossas músicas que por mais que não se queira, automaticamente dizem logo alguma coisa às pessoas. EA: Podes explicar melhor porque é que dizem alguma coisa às pessoas? E1: (...) porque, pronto, somos portugueses. Em algum momento da nossa vida já ouvimos ou tivemos familiares...conhecemo-nos nisso. É perguntar porque é que as pessoas são diferentes (...) porque é que os povos são diferentes. É a nossa cena...”
	<b>Família</b>	<b>E6</b> “...a tradição para mim tem sempre dois lados, ou três lados... O que é passado pela família, que é muito forte. Aquilo que é passado pelos amigos e aquilo que se constrói no dia-a-dia.” “...dancei músicas portuguesas com uma roupagem nova, aprendi a dançar coisas francesas, aprendi a dançar coisas inglesas, coisas italianas, etc. Uma infinidade de coisas, com as suas tradições próprias, (...), e isso foi uma coisa muito marcante. Ou seja começar a pensar (...) fogo, isto faz mesmo parte de mim...”
<b>Valorização pessoal</b>	<b>Gosto pessoal</b> <b>Responsabilidade pessoal</b> (enquanto músico e português)	<b>E1</b> “A primeira razão óbvia porque é o que gostamos de fazer. Depois há as razões (...) que têm a ver com o facto de acharmos que esse trabalho deve ser feito. Era muito mais fácil fazermos outro estilo de música...” “...pegar no que é nosso e dar-lhe um sentido contemporaneamente”
	<b>Respeito e admiração</b> <b>Família</b>	<b>E2</b> “...é algo que, que como o qual nos habituamos a conviver mas se a rejeitarmos deixa de ser tradição. Isso. Um filho de um alentejano que esteja aqui, que tenha vindo trabalhar para aqui. Um alentejano de 2º ou 3º geração, está-se borrifando para aquilo e portanto, é capaz de chamar um palavrão qualquer à música que o pai e a mãe cantam. E diz que isto não é nada de tradição, não é nada. De pendem muito do respeito e admiração que cada geração tenha em relação àquilo que é dado (...) anteriormente...”
	<b>Interesse profissional</b> <b>Gosto pessoal</b>	<b>E3</b> “A minha vida é isso. É descobrir as práticas musicais (...) gravá-las, registá-las...” “...interessa-me documentar como essas coisas ainda se processam no meio do caos todo. Isso é uma coisa que me interessa a mim. Eu gosto.”
	<b>Gosto/ interesse pessoal</b>	<b>E5</b> “...apelam ao meu sentido estético” “na gaita transmontana porque são temas em que me divirto a tocar e que são musicalmente interessantes”
	<b>Gosto pessoal e profissional</b> (promotor de associação cultural)	<b>E6</b> “E como nós conhecemos o lado das danças tradicionais com uma roupagem – que eu chamo roupagem – mais moderna (...) roupagens novas...”

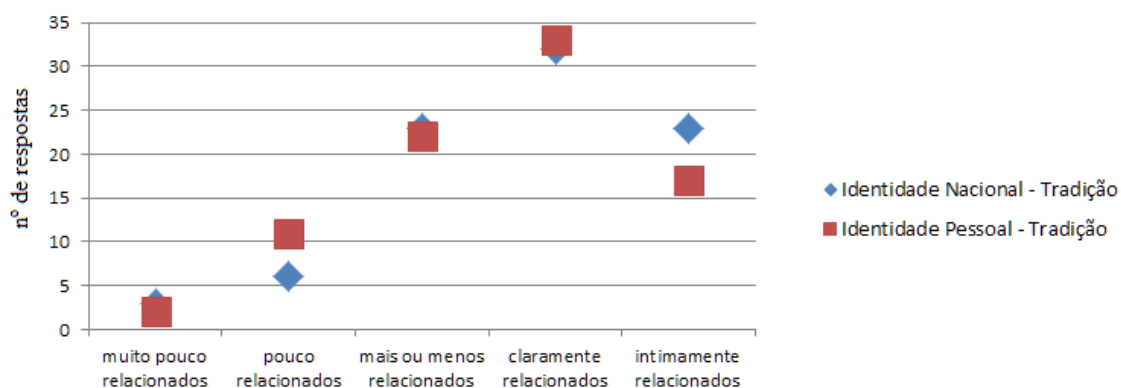
No que diz respeito às questões da identidade, podemos acrescentar uma correlação significativa entre os inquiridos cuja profissão se relaciona com tradição, e dados das razões para a participação, nomeadamente a responsabilidade em manter estas práticas (valor  $\chi^2 = 0.003$ , muito relevante – quadro 16). 69,4% dos participantes que responderam que a responsabilidade social é uma das razões para criar/ participar em eventos ligados à música e dança popular/ tradicional portuguesa, têm uma ocupação profissional relacionada com estas. Tal correlação assinala o peso na identidade pessoal das pessoas envolvidas nas questões referentes ao conceito-processo tradição, estas sentindo a responsabilidade de manter estas práticas.

**Quadro 16 - Tabela de Contingência entre a ocupação profissional relacionada com práticas tradicionais e a responsabilidade social**

		Responsabilidade Social		
		Não	Sim	
Ocupação profissional relacionada com práticas tradicionais	Sim	N	23	16
		% Resp. Soc.	30,6%	69,4,0%
	Não	N	45	8
		% Resp. Soc.	66,2%	32,0%

De modo complementar, ao considerar a avaliação das relações tradição – identidade nacional – identidade pessoal, podemos observar (figura 10), com base na avaliação numérica da relação entre conceitos, a consistência das respostas em *claramente relacionados*.

**Figura 10 - Associação Numérica de relações entre os conceitos tradição, identidade nacional e identidade pessoal**



#### **4.4. Institucionalização de práticas**

Uma das dimensões que pretendemos abordar de forma específica, foram os (vários) processos de institucionalização de práticas, enquanto elementos tradicionais. Essencialmente, estabelecemos dois focos que, segundo as nossas fontes teóricas, cremos ser os mais preponderantes no que respeita este tipo de movimentos, designadamente os de institucionalização que ocorreram no período do Estado Novo e aqueles que acontecem atualmente.

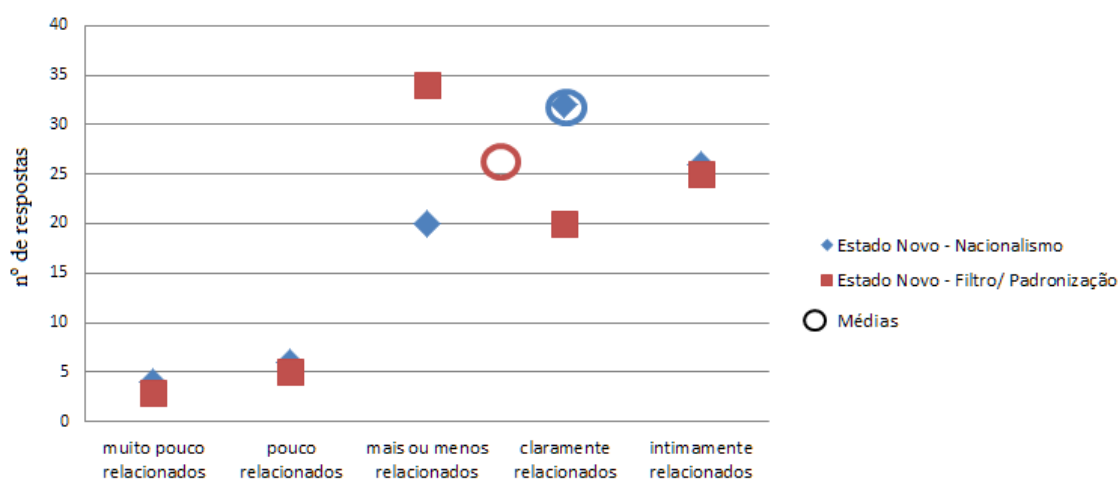
O movimento de institucionalização da cultura popular no período do Estado Novo fez parte de um programa político fundamentado por ulteriores ideais fascistas que emergiram um pouco por toda a Europa. Deste programa, como nos seus “paralelos” europeus, fez parte uma grande campanha para enaltecer de um modo geral a nação, neste caso particular, o povo português. Dada a distinção da música em geral, enquanto veículo de informação e comunicação com clara e facilitada visibilidade, a música popular/ tradicional portuguesa, foi elevada ao estatuto de assunto de estado, participando na campanha de propaganda nacionalista (Castelo-Branco & Branco, 2003). São vários os aspetos referidos pelos entrevistados no que toca a toda a parafernália que envolveu o programa de institucionalização de práticas tradicionais pelo Estado Novo. Podemos destacar alguns dos aspetos, tais como a conotação política que consideram ainda adquirir muitas das práticas tradicionais, institucionalizadas ou não no período do Estado Novo (maioritariamente negativa, fascista, mas também nos movimentos de resistência, e relativamente ao programa de propaganda nacional – E1, E2, E3 e E7, quadro 17); a padronização e filtro das práticas que, consideram, caracterizou o processo; e a promoção da perda de aplicabilidade prática, que transferiu práticas sociais para uma dinâmica de performance (E3, E4, E6 e E7). Todavia, são igualmente referidos aspetos positivos da institucionalização estado novista, tal como a atual existência de uma fonte rica em recursos (ranchos e outros registos – E1 e E6, quadro 17).

## Quadro 17 - Síntese das respostas relativas ao Estado Novo

Unidades de Contexto	Unidades de Registo
<b>Veículo de ideologias políticas</b>	<b>E5</b> “E é esse movimento que perdurou até (...), após o 25 de Abril e um bocadinho antes (...) pegam nas práticas musicais que consideram mais relevantes dentro da sua ideologia política...”
	<b>E1</b> “...as consequências são óbvias. É que ainda hoje é conotado com... tudo o que se faça de tradicional e conotado com o Estado Novo.”
<b>Princípio político: Conotação com o fascismo</b>	<b>E2</b> “...o fascismo revelou-se em muitas coisas, na mentalidade também. As pessoas mesmo democráticas e liberais no fundo estavam dominadas por determinado quadro que tinha pouca liberdades, (...) 48 anos de habitação a um quadro quibesco, não é...”
	<b>E3</b> “E na verdade o que era preciso era ter uma política cultural para a cultura popular (...) como a do António Ferro. Mas é um sacrilégio dizer isso porque acham que és fascista...”
	<b>E7</b> “...o tratamento da forma que o folclore deu à cultura tradicional... tornou-a pejorativa perante o grande público...”
<b>Prática social transformada em performance</b>	<b>E4</b> “...o folclore ficou mais (...) esterilizado (...) fazem só espetáculos...”
	<b>E6</b> “E esse é o lado negativo dos ranchos. As coisas são para ser vistas. E se são para ser vistas passam a ser coreografadas (...) passou a ser uma coisa que se passava ali no palco...” “O folclore é uma coisa que foi (...) é como se fosse uma fotografia, uma fotografia tirada naquele momento e pronto, representa essa fotografia mil vezes...”
<b>Padronização, categorização, filtro de práticas</b>	<b>E7</b> “...não utiliza o folclore e as décadas do Estado Novo como ferramenta porque é uma distorção, é uma formatação do que era a cultura. Do ponto de vista museológico (...) tirou-se uma fotografia, e agora é para sempre assim (...) Portanto tentou-se padronizar...”
<b>Registo/</b>	<b>E6</b> “...o lado positivo é que se não fossem os ranchos se calhar não teríamos os registos das danças populares...”
<b>Recurso</b>	<b>E1</b> “Eu pelo menos trato como um recurso espetacular para trabalhar nisso. Como músico, como tudo...”
<b>Política nacionalista:</b>	<b>E5</b> “Chamar atenção para a música tradicional, a música tradicional, tinha, na minha opinião, a vontade de afirmar o nacionalismo (...) Afirmar a nação face a outras nações.”
(padronização)	<b>E3</b> “De certa forma o que aconteceu com o 25 de Abril foi querer pôr as coisas todas em caixinhas. E há coisas que não se podem pôr em caixinhas. Eles punham em caixinhas, mas eles punham em caixinhas como coisa estética. Isso tem muito a ver com os governos de propaganda...”
<b>Música nacional como propaganda</b>	<b>E5</b> “...emergência (...) de uma teoria nacionalista, da construção de um imaginário popular que está ligado à construção de uma continuidade histórica das práticas musicais, populares, linguísticas, etc., para a constituição do estado-nação...” “O que o Estado Novo fez foi refinar esse processo e usar os órgãos de propaganda do Estado para criar esse imaginário...”

De modo complementar, ao considerar a avaliação numérica das relações Estado-Novo, nacionalismo e filtro/padronização (figura 11), podemos observar a sua caracterização como *claramente relacionados*. Apesar de uma grande parcela dos participantes caracterizar a relação entre o Estado Novo e a padronização de práticas, a média de avaliação é, aproximadamente, 3.6, o que confirma a tendência para a avaliação acima referida.

**Figura 11 - Associação Numérica de relações entre Estado Novo, Nacionalismo e Padronização**



Quanto aos movimentos de institucionalização atualmente podemos nomear a preocupação com a institucionalização do fado como património da humanidade<sup>29</sup>, no sentido em que vem tirar protagonismo a outras práticas musicais igualmente meritórias (E1 e E3). E3 analisa ainda o protagonismo do fado como um condicionamento proporcionado pela sua maioritária presença em meio urbano, o que condicionou a sua maior visibilidade internacional (quadro 18). Por sua vez, E7 conota como negativa a institucionalização de práticas, pelo perigo da sua formatação, já compreendida como menos benéfica devido ao desgaste a que está sujeita uma prática que está impedida de se transformar, caminhando no sentido de se tornar, paradoxalmente, um registo museológico sem aplicabilidade prática.

<sup>29</sup> Distinção concedida pela UNESCO

**Quadro 18 - Síntese das respostas relativas aos processos de institucionalização atualmente, por entrevistado**

Unidades de Contexto	Unidades de Registo
	<b>E1</b> “...mas que o que agora está a acontecer é que a única coisa que tem esse reconhecimento, que é o fado, irrita um bocado, até pensava que iria ser benéfico e acho que não está a ser. Porque por um lado só dá fado (...) o fado de Lisboa relativamente aos outros fados está a esmagar completamente.”
<b>Protagonismo do Fado</b>	<b>E3</b> “O próprio fado, esmaga muitas práticas culturais, não é. Agora o canto alentejano tá em guerra (...) porque sabe que sempre foi esmagado um pouco pelo fado e agora quer a mesma relevância. Não vão conseguir.”  “A cultura popular musical, não é um símbolo e podia ser. E esse símbolo não tem que ser o fado. É essa a questão. Não tem, porque não é verdade! Portugal musicalmente começou (?) Até o pimba é mais do que o fado! (EA: (...)) Se calhar até a fatia mais pequena?) É a fatia de certa forma mais urbana. Mais presente em Lisboa.”
<b>Necessidade de atualização constante</b>	<b>E7</b> “...tentou-se padronizar e isso tirou frescura e tirou a dinâmica que a cultura tradicional encerra. Quando as coisas se tornam tradição, tornam-se porque as pessoas usam e fazem (...) E quando se formata, as pessoas deixam de gostar, porque desgasta” (...) EA: “E atualmente (...)”? E7: Já menos, porque toda a gente é inteligente e percebe que para algum modelo vingar, tem de ser em plena atualização e dinâmica crescente...”

## 4.5. Acesso e Divulgação

Um aspeto adicional que pretendemos explorar na entrevista realizada, foi as conceções sobre a divulgação de práticas consideradas tradicionais portuguesas e o consequente nível de adesão dos públicos. Das respostas dadas, destacamos diferentes e variadas dimensões, que considerámos as mais pertinentes:

- A existência de duas diferentes realidades no que respeita a divulgação pelos órgãos de comunicação habituais (rádio e televisão, em particular), uma com centralidade em Lisboa e outra sendo o restante país. Caracterizando esta centralidade Lisboa E1 considera que é transmitida uma imagem que não é representativa da realidade nacional, dando o exemplo do protagonismo dado às festas dos santos populares de Lisboa, comparativamente a outras manifestações de classe. De forma complementar a esta ideia E5 refere os filtros que representam os intermediários da comunicação/ informação, sendo que estes se encontram igualmente presentes no caso da divulgação de práticas musicais. Adicionalmente, é interessante a análise das relações de poder que E5 situa no cerne desta questão, sendo que estas relações

adquirem um papel preponderante no que respeita a hegemonia de determinadas representações sociais (quadro 19).

- E3 e E4 têm perspetivas mais positivas no que respeita a existência de divulgação, contudo caracterizando este universo como intrinsecamente dependente das tendências económicas (E3), e dando especial relevo ao desenvolvimento promovido pelos “recentes” meios de divulgação que se podem encontrar, recorrendo à internet (E4) (quadro 19).
- Por fim, E7 refere uma outra questão interessante que é a garantia do acesso pela fidelidade de determinado público, embora considere que a área é minoritária no que respeita a divulgação nos órgãos de comunicação habituais. Fazendo parte da promoção e organização de eventos de uma Associação Cultural (A5, consultar quadro 1, p. 46), vê como determinante a fidelidade de um público específico, acrescentando que, se por vezes se deparam com eventos que não têm acesso significativo é porque talvez, estes não sejam avaliados como suficientemente pertinentes pelo próprio público (E7, quadro 19).

#### Quadro 19 - Síntese das respostas relativas à divulgação e acesso a práticas

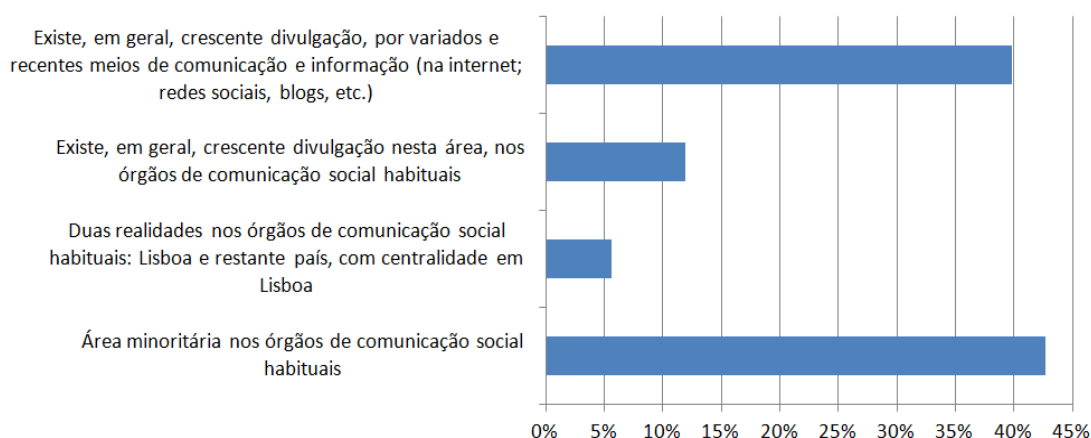
Unidades de Contexto	Unidades de Registo
<p><b>Duas realidades:</b> centralidade em Lisboa</p> <p><b>Expressão mediática de determinadas práticas, muito menor relativamente à sua prática real</b></p>	<p><b>E1</b> “...há duas realidades há uma nacional que é Lisboa e há o resto do país (...) os media (...) estão muito centrados em Lisboa e tão muito centrados num conceito de país que não é o país real...” “...um exemplo muito simples, a única coisa que passa na televisão é os santos de Lisboa que é deste tipo de manifestação da classe, se calhar o mais fraquinho, e o mais pobre de todos. (...) a senhora dos remédios, ou a senhora da agonia, (...) é muito mais rico, mas como é fora de Lisboa não passa...”</p>
<p><b>Filtros intrínsecos</b> (de classes, maioritariamente) nos agentes intermediários</p>	<p><b>E5</b> “Acho que os media de massas (...) estão dominados (...) por agentes, por gate keepers, por intermediários da comunicação que agem como filtros das práticas musicais que eles consideram relevantes...” “Depois é preciso entender os processos sociais e as relações sobretudo, as relações de poder entre as classes sociais e entre os intermediários dos órgãos de comunicação social e que controlam as representações sobre as práticas musicais.”</p>
<p><b>Existe divulgação -</b> tendência para o economicismo</p>	<p><b>E3</b> “É divulgado. Mas o problema é que isto está tudo feito para o mercantilismo e para o economicismo. Portanto tudo aquilo que não dá dinheiro, tudo aquilo... não interessa...”</p>
<p><b>Existe divulgação, de modo crescente, principalmente pela internet</b></p>	<p><b>E4</b> “Mas em termos de divulgação cá para fora, está a sair bem, está a sair bem, acho que está... e com as redes sociais... é muito mais fácil, muito mais fácil...”</p>

Unidades de Contexto	Unidades de Registo
<p><b>Área minoritária</b> na comunicação social</p> <p><b>Divulgação e acesso</b> (do público) <b>garantido pela fidelidade do público</b>, porém, o facto de não ter aderentes, pode advir da falta de pertinência social do evento</p>	<p><b>E7</b> “Ainda é uma área, (...) minoritária, muito, não é mainstream, não tem as grandes massas, não tem os grandes meios, não tem a grande visibilidade e portanto é muito complicado conseguir qualquer foco de atenção, qualquer tempo de antena para aquilo que fazemos. Fazemos com muito esforço e criando a fidelidade do nosso próprio público que é o maior garante da sua divulgação. Claro que também, se não conseguirmos divulgação, se não conseguirmos fidelidade é porque a atividade também se calhar não tem pertinência.”</p>

À luz das respostas dadas em entrevista, decidimos sobre a adicional exploração de quatro diferentes dimensões, no inquérito por questionário: existe, em geral, crescente divulgação, por variados e recentes meios de comunicação e informação, sobretudo na internet (por exemplo redes sociais, blogs, etc.); existe, em geral, crescente divulgação nesta área, nos órgãos de comunicação social habituais; duas realidades, no que respeita a divulgação nos órgãos de comunicação social habituais, que se caracteriza pela centralidade em Lisboa; e a divulgação de práticas tidas por tradicionais, é ainda uma área minoritária os órgãos de comunicação habituais (figura 12, abaixo).

Com base nas respostas ao inquérito por questionário, podemos destacar duas tendências principais, com 43% das respostas dos inquiridos a apontar para uma divulgação minoritária de práticas tidas por tradicionais, nos órgãos de comunicação social, e 40% a considerar crescente a divulgação por meios alternativos.

**Figura 12 - Acesso e divulgação, percentagens de respostas em inquérito por questionário, por dimensão\***



\*Havendo mais do que uma resposta/ opção possível as percentagens somam mais de 100%

## **4.6. Preocupações e investimentos na música e dança tradicional**

Quanto a preocupações e investimentos, no que respeita a música e dança tradicional, as respostas em entrevista mostram-se mais concordantes. Desta forma, distinguimos 5 campos diferentes:

- Preocupações referentes a uma rede de cooperação entre associações, grupos e pessoas;
- Educação e formação na área;
- Relativas à disponibilidade de registos;
- Relativas à utilização (ações e eventos) com base nestes mesmos registos;
- E por fim, as de ordem mais conceptual, que se prendem com a comunicação, discussão e debate sobre os conceitos vigentes relativos à tradição.

### **4.6.1. Rede**

A questão da rede coloca-se como uma estratégia para dar mais visibilidade aos que trabalham na área da música e da dança tradicional (associações culturais, músicos, etc.), promovendo o trabalho em conjunto, criando redes cooperativas entre particulares e associações.

---

**E1** “...devia-se investir na visibilidade”; “...a segunda coisa é a questão da rede, portanto toda a gente se conhecer e promover o trabalho em conjunto.”

---

**E6** “Aquilo que se pode fazer é redes cooperativas (...) cooperação entre várias associações”

---

### **4.6.2. Educação e Formação**

Investimento na Educação e Formação em várias instituições a diferentes níveis de instrução:

---

**E1** “...que acho muito importante é a (...) educação e formação, seja nas escolas a nível primário seja utilizando os recursos dos instrumentos portugueses, seja depois na parte das escolas de música (...) escolas e conservatórios e ensino superior com música tradicional”

---

**E2** “Quando eu falei sobre esse aspeto que era importante não só este trabalho que se está a fazer agora, mas aparecer uma universidade dedicada à música tradicional.”

---

Com base na análise dos dados quantitativos, distinguimos uma relação significativa entre dois dos investimentos, designadamente, Educação e Formação na área dos conteúdos tradicionais e a construção de um arquivo geral (teste do qui-quadrado  $\chi^2 = 0.000$ , muito significativo), com 75% dos inquiridos a escolher estas duas opções em simultâneo (quadro 20). Estes dados podem apontar para a relevância da existência de um arquivo geral, de acesso aberto, enquanto um grande fator da promoção do ensino de conteúdos tidos por tradicionais, em vários espaços de educação.

**Quadro 20 - Preocupação sobre a presença de conteúdos tradicionais na Educação e Formação e a Construção de um Arquivo**

		Arquivos		Total*
		Não	Sim	
Educação e Formação	Não	N	7	36
		% N Ed.Form.	19,4%	100,0%
	Sim	N	39	52
		% N Ed.Form.	75,0%	100,0%

\*Um dos participantes não sabe/ não responde

### 4.6.3. Arquivos e registos

A questão dos arquivos está clara e intimamente ligada à questão da reutilização (página 65), que gera a preocupação sobre a necessidade de disponibilizar os primeiros à generalidade da população, para que possam ser utilizados e, desta forma, preservadas e vividas as práticas. No entanto, apesar da coerência (entre os entrevistados) na perceção de que existem registos vários, as opiniões em relação à sua *real* disponibilização diferem bastante. Neste sentido, um dos investimentos distinguido no discurso de diferentes sujeitos (nomeadamente, E3 e E6) é a criação de um arquivo generalizado em termos de metodologias de recolha (áudio, vídeo, partituras e outros registos escritos) e de acesso aberto a toda a gente.

---

**E3** “Os arquivos é fundamental. (...) Com metodologias que não sejam baseadas só nas científicas (...) e que as pessoas tenham acesso aos arquivos...”

---

**E6** “Eu só tenho pena é de não estarem disponíveis e de haverem pessoas que os guardam lá nas suas gavetas. Isso devia estar tudo online para toda a gente usar. Todas essas gravações. Há coisas no museu de etnologia que não se usa, porque estão lá escondidas e não veem cá para fora. Eu queria era ver isso tudo online, todas as coisas, se fosse possíveis e se não fosse livros caríssimos como há alguns livros de recolhas...”

“Era essencial que estivesse um arquivo disponível na internet assim de catadupas de informação. Toda a gente que tivesse pusesse lá.”

---

No que respeita a análise dos dados quantitativos, distingue-se uma relação significativa entre a ocupação profissional dos inquiridos (relacionada com tradição) e a preocupação sobre a transformação e recriação de registos e práticas (teste do qui-quadrado  $\chi^2 = 0.03$  – quadro 21). Dos inquiridos cuja ocupação profissional se cruza com práticas tradicionais, 64,1% escolheram como uma das suas preocupações, a transformação e recriação. De forma simétrica, 59,2% daqueles que não se ocupam com práticas tradicionais não consideram o investimento na transformação e recriação. Com base nestes dados podemos presumir que os indivíduos cuja ocupação profissional se relaciona com práticas tradicionais, e a utilizam como um recurso da sua ação nas suas associações culturais, grupos musicais, no ensino de dança e música, etc., consideram a transformação e recriação (e, de forma decorrente, a sua transformação) natural constituinte destas.

**Quadro 21 - Ocupação profissional relacionada com a tradição e a sua relação com a transformação e recriação de registos e práticas**

		Transformação e Recriação		Total*	
		Não	Sim		
<b>Ocupação Profissional relacionada com tradição</b>	<b>Sim</b>	N	14	25	39
		% N O.P. Relacionada	35,9%	64,1%	100,0%
		% Total	15,9%	28,4%	44,3%
	<b>Não</b>	N	29	20	49
		% N O.P. Não relacionada	59,2%	40,8%	100,0%
		% Total	33,0%	22,7%	55,7%

\*Um dos inquiridos não sabe/ não responde

#### 4.6.4. Compreensão do conceito

Inicialmente, quando questionados sobre a definição de tradição, todos os entrevistados tiveram momentos de reflexão, com durações diferentes, o que revela igualmente, julgamos, essa dificuldade de imediatamente atribuir a este conceito uma definição concisa e concreta, sem quaisquer tipos de ambiguidades. Deste modo, de forma tão natural como as razões que conduziram à própria formulação deste trabalho, surgiu entre os entrevistados a preocupação sobre a clarificação da definição de partida.

---

**E2** “...há muitos aspetos que precisam de um estudo sério e científico sobre isso.” “E que não tenha preconceitos.”

---

**E5** “a primeira coisa que temos a fazer é rever todos esses conceitos de alto a baixo...”

---

#### 4.6.5. Ações e eventos

No que respeita a tradição, a permanência das práticas, sua continuação enquanto uso, vivência continuada, é colocada à partida em destaque por parte dos entrevistados nas suas associações (adicionalmente referidas em entrevista, abaixo). De forma análoga, quando analisadas as respostas aos questionários (cujas questões foram retiradas de uma inicial análise das entrevistas), podemos verificar que a principal preocupação é de facto a continuação da vivência das práticas, nomeadamente pela promoção e realização de eventos relacionados com a música popular/ tradicional portuguesa (figura 13, abaixo)

---

**E4** “Ir ter com... concelhos ou com ranchos ou com entidades que tenham danças tradicionais que estão dentro do meio, dentro do folclore e trazê-los para o nosso lado...”

---

**E7** “A cultura tradicional, ela vive como as pessoas a fazem ” “...que nos quer formatar a todos e padronizar, eu acho que a cultura tradicional é uma forma de perverter isso.”

---

Com base nos dados quantitativos (nomeadamente, as perguntas de escolha múltipla), e de forma a obtermos um panorama geral no que respeita às preocupações, podemos observar a figura 13, que nos mostra a frequência absoluta de cada uma das preocupações apresentadas. A promoção e realização de eventos relacionados com a música popular/ tradicional, coloca-se como a preocupação mais selecionada, abrangendo 23% dos inquiridos, seguida pela criação de uma rede entre associações e músicos (18%).

**Figura 13 - Respostas em questionário relativas a preocupações e investimentos\***



\*Havendo mais do que uma resposta/ opção as percentagens somam mais de 100%

## 4.7. Núcleo e periferia das Representações Sociais de Tradição

Com base no marco teórico sobre as diferentes ideias de tradição, ilustradas em diferentes dimensões, e na própria teoria das representações sociais, a nossa pesquisa tentou clarificar que tendências apresentam as representações sociais de tradição num determinado universo, no nosso caso, diferentes protagonistas e agentes socioculturais, maioritariamente na grande área (urbana) de Lisboa e especificamente para a música e dança. Baseamo-nos neste ponto na teoria do núcleo central das representações sociais sendo que este nos permite perceber as ligações manifestas entre todos os pequenos elementos e estruturas que formam uma representação (Vala & Monteiro, 2010).

Os elementos que compõe o núcleo devem ser diretamente relacionáveis com o objeto – neste caso, a tradição – ou fazer parte deste. Adicionalmente, esses elementos que constituem o núcleo, apresentam algumas características essenciais:

- Relacionam-se com o contexto histórico, social e ideológico com base nos quais foram criados e, conseqüentemente são fortemente marcados pela ideia coletiva do grupo e/ou valores a que fazem referência;
- Têm uma funcionalidade de trazer unanimidade ao grupo social de referência, definindo simultaneamente a sua homogeneidade (endógena), e a sua diferença na situação de interação com outros grupos;
- São estáveis e sólidos, resistindo assim à mudança e garantindo de forma conseqüente o nível da permanência e continuidade da representação. Deste modo, são adicionalmente independentes do material e contexto imediate a que se reportam (Abric, 1994)

Nesta análise, deve-se lembrar que sendo aqui o nosso acesso ao objeto de pesquisa realizado através do discurso dos participantes apenas, talvez seja efetivamente impossível saber se as palavras associadas “são realmente indícios de representações ou se foram produzidas em função apenas de estímulos ou estados psicológicos momentâneos” (Sá, 1998, p.49).

### 4.7.1. Associação Livre de Conceitos

Como já referido, a utilização da técnica de associação livre de conceitos, possibilitou uma análise das aproximações semânticas entre diferentes conceitos, por sua vez considerados próximos do conceito que pretendemos aprofundar – tradição. Dados 6 conceitos, foi pedido aos inquiridos que associassem 5 palavras ou frases (no mínimo, preferencialmente, ou mais) a cada um deles. Os conceitos dados para a associação foram: Tradição; Cultura; Português/Portugal; Folclore; Passado; e Transmissão. Estes foram selecionados com base nas entrevistas e em concordância com os temas abordados na reflexão teórica sobre o conceito de tradição.

O procedimento utilizado para verificar a estrutura que as representações sociais de tradição apresentam, realizou-se de forma incremental, considerando, inicialmente, todas as palavras referidas para cada conceito dado, seguida pelo registo da frequência da repetição de termos, tendo posteriormente sido feito um relacionamento entre diferentes conceitos (referidos de forma livre, para diferentes expressões), de forma a formar conceitos-chave, ou nuvens da mesma família. A partir deste tratamento foi possível observar que elementos presumivelmente se associam, de forma mais direta, ao núcleo da representação, e os que se encontram numa zona mais periférica. Como já referido, num primeiro momento foram consideradas as palavras que tinham 10 ou mais repetições, e foram agrupadas palavras em famílias/ grupos, sendo feita referência a esta soma de diferentes repetições (quadro 22).

**Quadro 22 - Principais palavras e número de repetições resultantes da associação livre de conceitos**

<b>TRADIÇÃO</b>		<b>TRANSMISSÃO</b>		<b>PASSADO</b>	
raiz	24	tempo	11	educação	23
identidade	43	continuidade	15	conhecimento	29
história	26	comunicação	29	caminho	11
passado	26	partilha	29	gerações	22
cultura	45	passagem	22	história de Portugal	20
povo	24	oralidade	17	história	25
gerações	13	escrita	6*	testemunho	21
práticas várias	50	mudança	13	memória	28
costume	24	tradições	12	práticas	16

TRADIÇÃO		TRANSMISSÃO		PASSADO	
património	21	gerações	13	identidade	10
permanência	14	conhecimento	32	raízes	10
		educação	25	base	17
		cultura	20	tempo	45
		dados transmissíveis	45	tradição	14
				esquecido	13
PORTUGUÊS/ PORTUGAL		FOLCLORE		CULTURA	
mar	26	música	40	expressão	12
sol	22	dança	58	artes	41
geografia	26	rancho	15	práticas várias	66
práticas e expressões	56	traje	25	intelecto	18
família	13	povo	27	história	12
povo	11	performance	10	tradição	12
pátria	25	tradições	40	valores	14
cultura	12	cultura	24	povo	16
tradição	14			educação	27
identidade	14			comunicação	16
história	16			saber	17
adj. negativos	19			conhecimento	33
adj. positivos	100			identidade	28
				riqueza	11
(produtos de somas destacados com uma cor de fundo)					
*com uma relação relevante com transmissão (adiante)					

As principais repetições agrupadas nas expressões resultantes de somas foram as seguintes (entre parênteses encontra-se o número de repetições):

### TRADIÇÃO

- **Permanência:** perpetuação (5); continuidade (4); preservar (5);
- **Práticas várias:** folclore (8); artesanato (2); arte (5); gastronomia (6); música (7); linguagem (3); literatura (5); dança (10); expressão (4)

### TRANSMISSÃO

- **Dados transmissíveis:** costumes (4); valores (5); ideias (4); arte (4); experiências (6); práticas (5); contos (6); música (5); dança (2).

## PASSADO

- **História de Portugal:** descobrimentos (2); ditadura (2); monarquia (5), etc.
- **Educação:** formação (1); estudo (3); ensinamento (4); aprendizagem (15)

## PORTUGUÊS/ PORTUGAL

- **Caraterização positiva (adjetivos):** beleza (10); saudade (13); alegria (7); diversidade (12), etc.
- **Caraterização negativa (adjetivos):** atraso (2); crise (11); irresponsabilidade (4); ignorante (2)
- **Geografia:** europa (4); terra (3); natureza (5); paisagem (4); clima (3); mar (26); sol (22), etc.
- **Práticas e expressões:** fado (14); música (7); gastronomia (12); folclore (2); língua (8); património (3).

## FOLCLORE

- **Povo:** popular (13); povo (9); português (2); comunidade (3)
- **Performance:** exibição (2); palco (3); espetáculo (1); performance (2); cenário (1); ensaio (1)

## CULTURA

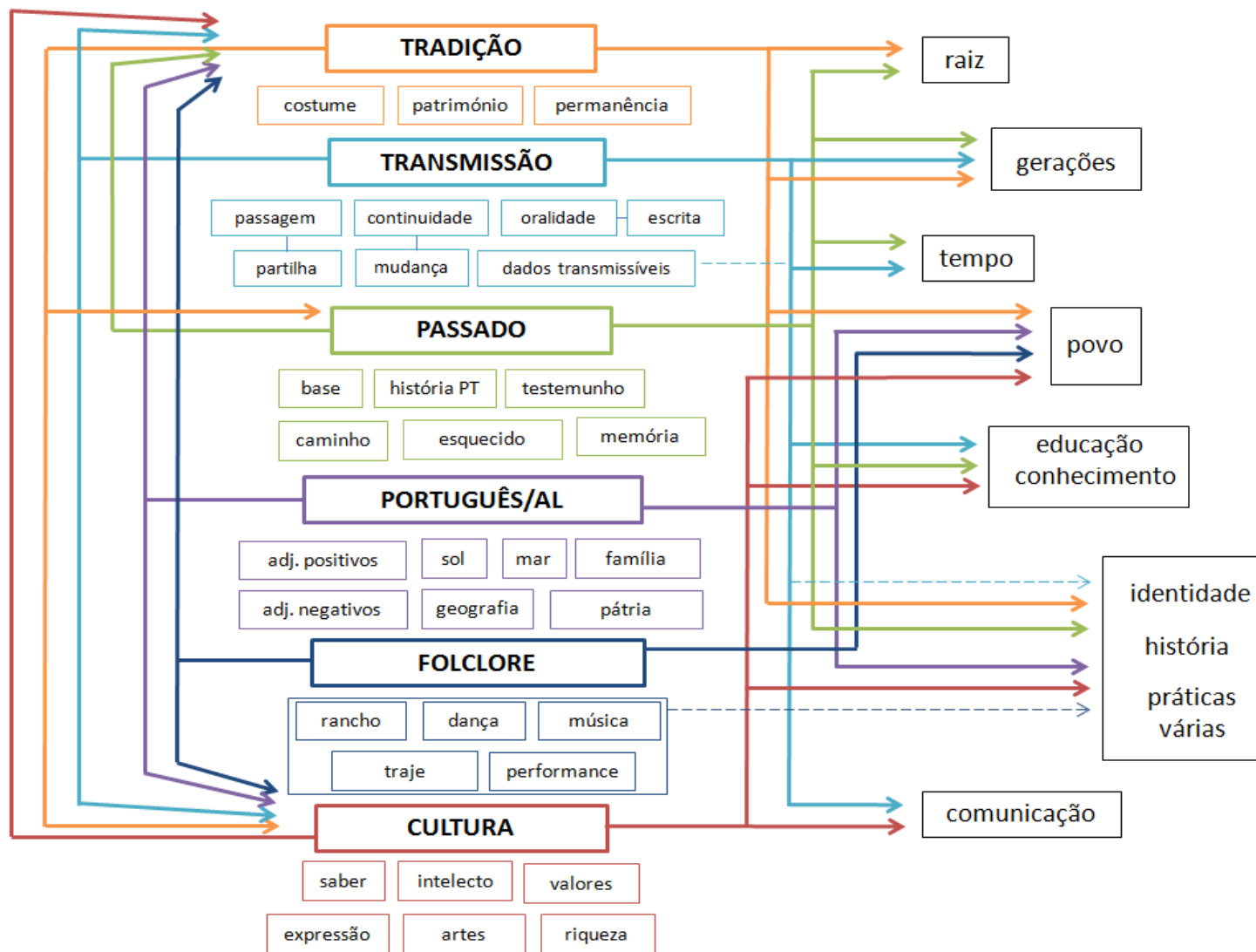
- **Práticas várias:** dança (11); teatro (7); literatura (10); cinema (2); música (17); gastronomia (5); costumes (4); língua (7), etc.

Considerando as diferentes *práticas* presentes nos conceitos dados: **cultura** e **português/ Portugal** e **tradição**, adicionalmente aos “dados transmissíveis” (no conceito dado de **transmissão**) e a palavras soltas relacionadas de forma livre com **folclore** (nomeadamente, música, dança, rancho e traje), foi formulada uma nova categoria – *práticas várias* – de modo a inserir esta dimensão no quadro geral das relações entre conceitos (abaixo), de uma forma mais clara.

Na figura de **síntese geral da associação escrita de conceitos** (figura 14, página 87), tal como no quadro 22, apresentam-se todos os conceitos com 10 ou mais repetições, ligados, designadamente, a cada um dos conceitos-chave a que foram associados no teste. Contudo, são destacadas as expressões que são associadas a mais do que um dos conceitos dados (lado direito), podendo-se verificar as que se relacionam com dois:

- *Raiz* (relacionada com tradição e passado); *Tempo* (relacionada com passado e transmissão); e *Comunicação* (relacionada com transmissão e cultura)

Figura 14 - Síntese Geral do teste de Associação escrita de Conceitos



Relacionadas simultaneamente a três conceitos-chave:

- *Gerações* (tradição, passado e transmissão), *Educação* e *Conhecimento* (transmissão, passado e cultura);

Relacionadas simultaneamente com quatro ou mais conceitos-chave:

- *Povo* (tradição, português, folclore e cultura); *Identidade*, *História* (tradição, passado, português e cultura) e *Práticas várias* (todos os conceitos chave – considerando as somas que foram feitas e acima apresentadas, nomeadamente, *dados transmissíveis* e palavras associadas ao *folclore*)

Adicionalmente a estas expressões, também os conceitos dados foram repetidos livremente pelos participantes, resultando em interligações entre estes (à esquerda, figura 14, p. 87): a todos os conceitos dados foi associada a palavra *tradição*; a *tradição*, *transmissão*, *português* e *folclore*, foi associada a palavra *cultura*; e ao conceito *tradição* foi associado à palavra *passado*<sup>30</sup>.

De forma a condensar os elementos com uma maior aproximação ao núcleo da representação social de tradição, foram ainda calculadas:

- A frequência das repetições de palavras associadas a mais do que um conceito-chave, ou de conceitos chave interrelacionados, por ordem crescente (figura 15);
- A frequência das repetições de todas as palavras apresentadas na figura 14 de síntese geral (figura 16).
- Análise de correspondência entre os conceitos chave e as palavras associadas (figura 17)

Consideramos que os conceitos apresentados na figura 15 (frequência das repetições de palavras associadas a mais do que um conceito-chave, e da relação entre conceitos-chave) são, de um modo geral, os que apresentam a maior probabilidade de se estabelecerem como o núcleo da representação social de tradição, visto que são referidos de forma cruzada entre vários dos conceitos-chave, à partida mais aproximados ao conceito de tradição (com base na análise de conteúdo das entrevistas) e apresentam, adicionalmente, as frequências de repetição mais elevadas.

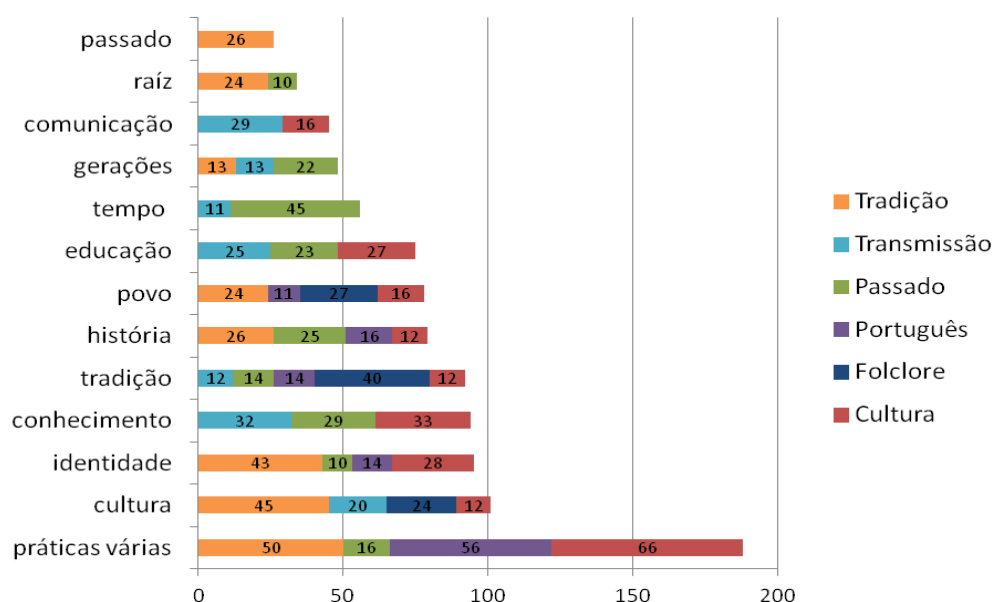
---

<sup>30</sup> Remete para uma consideração do ponto 4.2.3. dimensões da passagem do tempo, p. 63.

A frequência das *várias práticas* nomeadas livremente, foi, naturalmente, a maior, visto que esta soma foi a mais variada e transversal a todos os conceitos-chave. No entanto, considerando o conjunto de todos os conceitos chave, as maiores somas de práticas expressivas (apresentadas entre parenteses) foram:

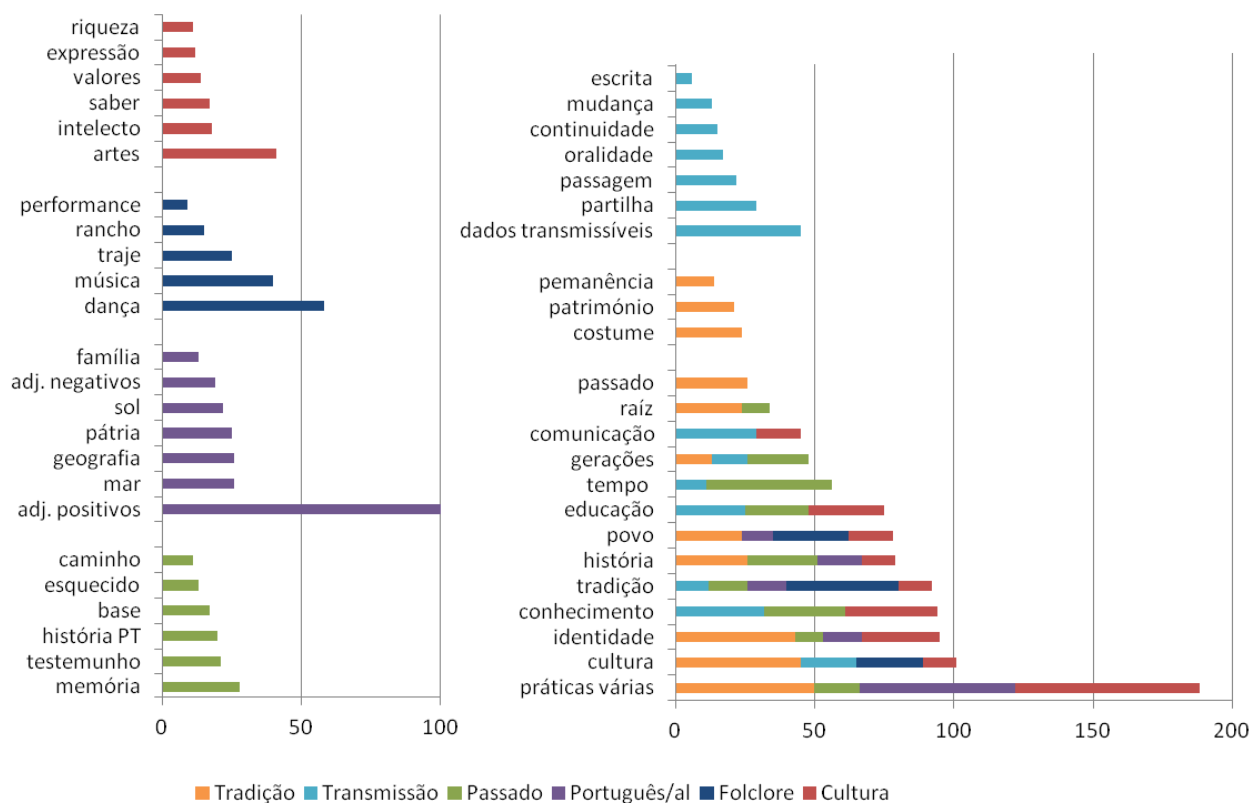
- Dança (80)
- Música (78)
- Gastronomia (17)
- Arte (16)
- Literatura (15)
- Língua (15)

**Figura 15 - Frequência das repetições de palavras associadas a mais do que um conceito-chave, ou conceitos chave, interrelacionados, por ordem crescente**



Denote-se igualmente que todas as palavras da figura 15, que não aparecem diretamente ligadas ao conceito tradição, relacionam-se a transmissão, sua referência mais forte no que respeita a sua determinação enquanto processo de transmissão de um conjunto de dados culturais, de um antecedente a um conseqüente (Romano, 1997). Por sua vez, todas as palavras associadas a cada um dos conceitos-chave, mas sem interligação entre estes (figuras 14 e 16), estabelecem-se possivelmente como elementos periféricos da representação. Contudo, apresentam igualmente diferentes aproximações, que julgamos expressas no número de repetições por parte dos participantes. Apresentamos estas aproximações, embora periféricas, por conceito-chave, de modo crescente, na figura 16.

**Figura 16 - Frequências absolutas dos conceitos referidos no teste de Associação Escrita de Conceitos, separados por conceito-chave**



#### 4.7.1.1. Análise de correspondência

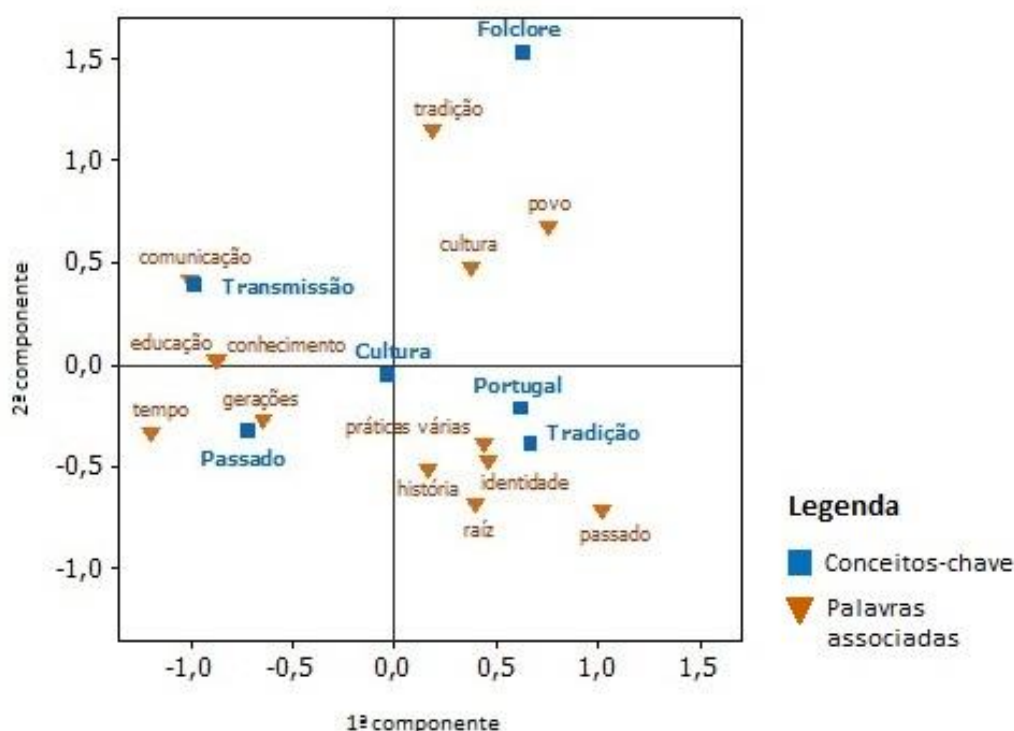
Na análise de correspondência realizada aos conceitos-chave e às palavras associadas (com mais de 10 repetições), as primeiras duas dimensões explicam 66% da variância, com o primeiro eixo responsável por 39% e o segundo 27%.

Com base no primeiro eixo (que explica 39% da variância) podemos observar a associação entre diferentes conceitos-chave (a azul) e palavras associadas (a laranja).

No lado positivo deste eixo (horizontal) é exposta a relação entre os conceitos-chave *Portugal*, *Tradição* e *Folclore*. As palavras *tradição*, *cultura* e *povo* são mais associadas pelos participantes ao conceito de *Folclore*, e, por sua vez, *práticas várias*, *identidade*, *história*, *raíz* e *passado* associam-se com maior proximidade aos conceitos *Tradição* e *Portugal*. Adicionalmente, no lado negativo do eixo horizontal estão representados os conceitos-chave *Transmissão* e *Passado*. A palavra *comunicação* aparece claramente associada a *Transmissão*, e *tempo* e *gerações* mais próximas de *Passado*. Todavia,

observando atentamente as palavras *educação* e *comunicação* verifica-se a sua sobreposição, ilustrando a sua relação similar com os conceitos-chave *Transmissão* e *Passado*. Podemos ainda observar a sobreposição do conceito *Transmissão* e a palavra associada *comunicação*, sendo que esta última se apresenta precisamente como uma forma de transmissão de informação. Adicionalmente, considerando a figura 14, pág. 87 vemos associadas a *Transmissão* as palavras *oralidade* e *escrita*, que atestam à coerência da proximidade acima exposta.

**Figura 17 - Análise de correspondência entre conceitos-chave e palavras associadas**



No segundo eixo (vertical), onde está representada 27% da variância, curiosamente atentando aos conceitos-chave, *Folclore* separa-se de *Tradição* e *Portugal*, estando estes dois últimos numa posição muito mais próxima. No entanto, ao observar as palavras associadas com maior proximidade destaca-se *tradição* (a laranja) relativamente a *Folclore*. Assim verifica-se que as palavras mais associadas a *Tradição* (conceito-chave) diferem bastante das relacionadas a *Folclore*, mas contudo, a este último conceito é associada a palavra *tradição*. Possivelmente, esta informação significa que os participantes tendem a ver o folclore como mais um dos dados pertencentes ao conjunto de práticas que caracterizam como tradicionais, contudo, não apresentando uma ligação de grande proximidade conceptual. Ou seja, apesar do folclore ser considerado como

dado cultural pertencente ao conjunto específico das tradições, este não se coloca como uma parcela especialmente significativa do conceito. Adicionalmente, se consideramos o distanciamento apresentado entre *identidade* e *folclore*, confirma-se o distanciamento destas práticas institucionalizadas, a uma legitimidade promovida pela identidade.

O conceito de *Cultura*, situado no centro do gráfico, apresenta uma ligação a praticamente todas as palavras associadas. Podemos interpretar esta posição central relativamente em concordância com o marco teórico acima realizado, na medida em que cultura se apresenta como um agregado de todos os conceitos-chave. Compreendendo o carácter global que a cultura apresenta, como “conjunto de todas as obras do homem” é natural que surja numa posição central, relativamente a conteúdos mais específicos.

Tendo em conta o quadrante onde se encontram os conceitos-chave *Tradição* e *Portugal* e as palavras associadas: *história*, *identidade*, *práticas várias*, *raiz* e *passado*, destacamos este “*cluster*” na sua associação principal com a identidade cultural dos participantes<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Tema abordado acima, ponto 4.3. valorização e identidade, p.70.

## CONCLUSÕES

Conscientes da plataforma de partida em que se apresenta o fenómeno da globalização, particularmente cultural, que assumiu especial relevo no contexto das ciências sociais, partimos para a exploração de um conceito que se encontra no cruzamento entre a mudança e a continuidade. A polissemia que caracteriza o conceito-processo de tradição conduziu à prossecução de um caminho decomposto em múltiplas abordagens, com as quais se procurou construir um encaixe das várias dimensões exploradas que se crê, permitiu uma mais profunda reflexão e compreensão das representações sociais, aqui, com foco nos elementos abstratos, do conceito.

Dado que a génese de qualquer processo social se encontra inerente a um contexto específico, sendo estruturado de uma forma singular com base nas intersecções entre grupos, também o conceito de tradição exhibe as marcas de um grupo social particular. Tomámos assim, como ponto de partida, agentes de associações culturais, animados por programas e projetos, que atuam diretamente na referida interseção, promovendo uma alteração deliberada de certos aspetos da sua estrutura e práticas sociais, e participantes em eventos vários que, pela sua constante vivência, constituem o “motor” da mudança.

À luz dos dados analisados, considerando a tradição em vários parâmetros, tal como qualquer outro processo social podemos, de forma sucinta, distinguir as seguintes características: a tradição é um processo dinâmico, sempre em movimento, jogando entre a mudança e a manutenção de forças de diferentes índoles; esta dimensão ativa é, paralelamente, diacrónica, ou seja, este constante movimento ocorre em vários e simultâneos eixos temporais, em diferentes espaços. Além destas dimensões gerais há que pensar aquelas que, pela sua direta relação com um contexto específico, têm aspetos de relatividade. Primeiro, as transformações que ocorrem (nos processos sociais em geral e, em particular no que respeita a tradição) têm diferentes amplitudes que podemos intitular, mormente, micro e macro. Micro, são por exemplo aquelas que se dão ao nível das associações culturais/ organizações/ instituições sociais, e macro, aquelas que por exemplo, envolvem sociedades na sua generalidade, a globalidade do sistema mundial, ou mesmo a totalidade do sistema representativo em determinados grupos. Assim, relativamente aos planos para a investigação de determinado processo social, a escala admitida (micro/ macro, e em que contexto, por exemplo) configurará, de forma semelhante a uma lente objetiva, o fenómeno em estudo. Assim, importa

adicionalmente esclarecer sempre, e de forma clara, sob que lente se realiza a análise; no nosso caso, a abordagem utilizada com foco no panorama da tradição na música e dança portuguesa, especialmente no que respeita a um cenário urbano, particularmente lisboeta. Há que considerar ainda, para cada contexto, as supraditas ações intencionais dos atores movidos por via de projetos ou programas que encerram alterações refletidas em determinados aspetos das práticas sociais, como por exemplo aqueles levados a cabo por associações culturais, como aquelas às quais pertencem os nossos entrevistados.

Importa também salientar que, apesar de se crer ter sido atingida uma condensação dos principais elementos abstratos da representação do conceito de tradição, a justificação da utilização do recurso particular música e dança nas ações destas associações culturais poderia ter atingido maior profundidade. No entanto, acredita-se que, face às circunstâncias particulares da pesquisa, necessariamente limitada em tempo e de expressão física bem balizada, tal aprofundamento levaria à perda de capacidade exploratória de outros segmentos deste estudo, considerados pertinentes para o entendimento da matéria central.

Partindo dos resultados reunidos a partir do trabalho realizado com os dados obtidos, podemos afirmar que a tradição se traduz no processo de transmissão de dados culturais, que ocorre na passagem do tempo e em tempos simultâneos, em diferentes lugares, nos quais se perdem e se ganham fragmentos (de diferentes dimensões) de elementos constitutivos da cultura. Isto, devido ao “atrito natural” que acontece neste processo, em que os protagonistas são o conjunto dos atores e agentes envolvidos na passagem, em diferentes contextos.

Revelámos, assim, a presença de um olhar não tradicionalista da tradição, com base em diferentes protagonistas (agentes / participantes), especificamente, no contexto analisado. Considera-se que, na essência, não desprezando a vinculação histórica da tradição ao passado, a força da harmonia do “tapete rolante” em que se configuram as sucessivas gerações, esses atores destacam a multiplicidade das tradições, reconhecendo a sua natureza dinâmica, conflituosa, que sucede da troca em múltiplos espaços e tempos, onde se ganham, dissolvem, renovam diferentes aquisições.

A complexidade e permanente manutenção do conceito verifica-se verdadeiramente no discurso dos entrevistados, podendo-se destacar alguns planos onde a sua reflexão se mostrou mais “inflamada”. A posição transversal do conceito de tradição quanto ao

meio rural e urbano é analisada de forma clara entre os participantes neste estudo. Tal como a relação do conceito/ processo de tradição com o passado, apesar da patente contradição de opiniões, a expressão é relacionada de forma mais direta com os meios rurais. Nos meios urbanos pode-se de facto identificar um maior índice de trocas e cruzamentos vários que ocorrem. Assim, por oposição, é natural que as tradições, enquanto dados culturais com maior permanência no tempo, sejam relacionadas com o meio rural, onde as trocas acontecem mais espaçadamente, e as transformações se dão (ou davam) a um ritmo mais lento. Porém, não obstante a ruralidade que caracteriza as práticas tradicionais, os processos através dos quais esta se institucionaliza acontecem, na verdade, com base em cenários urbanos. Tomemos o exemplo (aqui dado pelos entrevistados) do fado. Esta prática, que ganhou grande visibilidade e projeção mundial, através da sua distinção como património imaterial da humanidade, caracteriza-se pelas fortes ligações ao meio urbano. Assim, considera-se que a exposição ao meio urbano proporcionou tanto a distinção positiva e elevação a um património cuja responsabilidade de proteger é agora exaltada a um nível global, como promove de forma simétrica o parcial desvanecimento de práticas que tendem a perder, gradualmente, os seus praticantes, como é dado o exemplo do cante alentejano.

Adicionalmente, tendo em consideração vários processos de institucionalização, pode-se salientar em Portugal, principalmente a partir do final dos anos 30 do séc. XX, o acelerado (e visível) desenvolvimento das práticas tidas por tradicionais com base na ação do governo de então, que promoveu a concentração dessas práticas num domínio específico do conhecimento – o folclore. No esforço de propaganda para exaltar uma certa identidade nacional, emerge a necessidade de institucionalizar estas práticas, que produz numa “normalização” da tradição e a sua conseqüente transformação dentro de novos/ específicos moldes. Adaptando as práticas a experiências sociais, costumes, valores e ideais dominantes, num novo quadro conceptual diferente do original, a tradição passa a estar registada e, em certa medida, autenticada enquanto prática. Surge neste período alguma crítica à política cultural do Estado Novo, em particular aos órgãos responsáveis pela folclorização, por parte dos grupos urbanos de recriação, dando-se um passo na discussão do próprio conceito de tradicional. Abre-se o debate acerca da origem das práticas e sua autenticidade, que culmina, talvez, na atual desconformidade com o conceito de tradição/ práticas tradicionais, nomeadamente no que respeita à música e à dança. Efetivamente, distinguimos associado ao folclore um debate sobre a perda de legitimidade fundada principalmente no que os participantes

consideram uma desfiguração das práticas institucionalizadas relativamente ao que era o seu uso real, como por exemplo, a sua transferência para um carácter de performance/espetáculo por oposição à sua vivência quotidiana. Uma possibilidade onde recaiu a reflexão, baseada neste “afastamento” relativamente ao folclore, é se, em certa medida, o processo de institucionalização de práticas não as conduzirá mais rapidamente à sua constituição enquanto resquício de uma realidade, por oposição à aceitação de uma transformação implícita e incessante, que mantenha as práticas “vivas” no quotidiano. De modo contraditório, qual será o peso das transformações “admitido” até que as práticas tradicionais, legitimadas pela sua continuidade (e permanência) no tempo, percam a sua ligação implícita a uma identidade coletiva remota. Realça-se assim uma importante relação de equilíbrio: até que ponto a influência dos processos de institucionalização levará mais rapidamente à produção de registos museológicos, e qual a medida “permitida” de transformações a práticas até que estas percam a sua legitimidade concedida pela sua relação com o passado? A tradição é assim um processo que, de facto, é referente ao passado que, construído no presente, funciona intrinsecamente em função de determinados futuros possíveis (nas suas vastas possibilidades).

Face à heterogeneidade e diversidade de vozes expressas neste trabalho, no que concerne ao conceito-processo de tradição e, de forma adicional, considerando o formato pessoal que determinados aspetos podem até apresentar, distinguimos em especial o investimento importante na criação de condições para este debate. É necessário criar os tempos e os espaços para esta discussão, criar momentos de comunicação que promovam a clarificação do conceito, partindo dos próprios agentes que, diariamente, o utilizam como uma das ferramentas essenciais da sua profissão. De forma relacionada, revela-se nas preocupações dos participantes a importância da disponibilidade dos recursos, tanto pelo acesso a um arquivo generalizado, como à educação e formação na área. Consideramos também que a atenção dada a tais investimentos se fundamenta no argumento de que mantendo as práticas vivas hoje, ao ritmo das mudanças do tempo presente, se garante a sua existência num tempo futuro.

Tendo em conta que existiu neste estudo a opção de priorizar as representações abstractas do conceito de tradição, admite-se que seria, em complementaridade, bastante interessante perceber que representações práticas e figurativas tem a tradição, visto este ser adicionalmente parte do processo de estruturação e formação cognitiva das representações (naturalização).

Aprecia-se, ainda, que um dos aspetos que seria interessante abordar no que respeita às representações sociais de tradição, mas que, por apenas ter sido identificado numa fase mais tardia, não tivemos neste trabalho a oportunidade de o fazer, são as representações sociais das representações dos outros. Isto é, aquando da exploração do conceito, constatou-se que todos os participantes em entrevistas, quando identificavam a sua posição na questão, referiam-se à opinião que “os outros” têm da tradição. Considerando que a realização de uma avaliação endógena (no sentido de introspeção) é de facto mais complexa do que qualquer análise externa, consideramos que uma das dimensões que teria sido interessante explorar prende-se com as representações que os entrevistados têm da representação social de tradição, em geral e do(s) outro(s). Tal seria de considerar, na medida em que esta reflexão poderia permitir uma mais concreta comparação entre uma realidade teórica, uma “existência vivida” e outra “observada”.

Como nota final, relevamos que no presente estudo se decidiu sobre a amostra, no sentido desta compor dois grupos representados por características o mais homogêneas possível, tendo em conta a exequibilidade do projeto, em concordância com a prioridade dada à triangulação de metodologias (qualitativa e quantitativa). Sendo assim, consideramos que seria igualmente pertinente uma abordagem a diferentes grupos com características díspares, no sentido de averiguar se a proximidade ao conteúdo se relaciona, em particular, com uma maior proximidade dos termos associados que compõe o núcleo e a periferia da representação social. Ou seja, ao invés de estudar unicamente grupos com proximidade ao conceito-processo de tradição, elaborar uma investigação onde se considere que um grupo se aproxima do conteúdo da representação, e outro se encontre mais afastado de algum debate ou universo onde o conceito é vigorosamente discutido. Deste modo, então, procurar-se-ia posteriormente comparar as estruturas mais particulares da representação de cada grupo.

## BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

- ABRIC, J.C. (1994). *Pratiques sociales et Représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.
- ALGE, B. (2009). *Os mirandeses as 'cultural capital': Galandum Galundaina and the (re)construction of the 'música mirandesa' (Trás-os-Montes, Portugal)*. Actas del X Congreso de la SIBE. Salamanca, Obra Social Caja Duero (pp. 1-17). Acedido em Junho de 2012, de: <http://www.hmt-rostock.de/fileadmin/hmt/Projekte/sibe-artikel.pdf>
- BAPTISTA, I. CARVALHO, A. (2004). *Educação Social: fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. (1976). *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (3ª edição). Petrópolis: Vozes.
- CABECINHAS, R. (2009) Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. (pp.51-66). In M. M. Baptista (ed.), *Cultura: Metodologias e Investigação*. Lisboa: Ver o verso.
- CARNEIRO, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem: 21 ensaios para o século 21* (pp. 259-272). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- CASTELO-BRANCO, S.; BRANCO, J. (2003). Folclorização em Portugal: uma perspetiva, In S. Castelo-Branco & J.F. Branco, *Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal* (pp. 1-21). Oeiras: Celta.
- CASTRO, P. (2002). *Notas para uma leitura das teorias das representações sociais em S. Moscovici*. Revista Análise Social, vol. XXXVII (164). pp. 949-979.
- CATENACCI, V. (2001). *Cultura Popular: entre a tradição e a transformação*. Revista São Paulo em Perspetiva, 15 (2).
- CRESPI, F. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Estampa.
- CUCHE, D. (2003). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa: Fim de Século
- DÍAZ, A. (2006). *Uma aproximação à Pedagogia-Educação Social*. Revista Lusófona de Educação, 7, 91-104.
- FLICK, U (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- GIACOMETTI, M. (1981). *Cancioneiro Popular Português* (pp. 5-11). Lisboa: Círculo de Leitores.

- GIDDENS, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP
- HILGER, T. (2009). *Representações Sociais de Física Quântica*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Física (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (1992). *The Invention of tradition*. Cambridge: Canto edition.
- JODELET, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. MOSCOVICI (direc.), *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LOPES, M.S. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal* (2ª edição). Amarante: Intervenção.
- MELO, D. (2003). A FNAT entre conciliação e fragmentação. In S. Castelo-Branco & J.F. Branco, *Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal* (pp 37-57). Lisboa: Celta.
- MOSCOVICI, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son publique*. Presses Universitaires de France. Paris.
- NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. (2000) *Psicologia Social, representações sociais e métodos*. Temas em psicologia da SBP, 8(3), 287-299.
- ROMANO, R. (1997) *Vida/Morte-Tradições-Gerações*. In Enciclopédia Einaudi. (Vol. 36, pp. 166-197) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SÁ, C.P. (1998) *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- SERRANO, G. P. (2007) *Modelos de Investigación Cualitativa en Educación Social y Animación Sociocultural - Aplicaciones Prácticas* (4ª edición). Madrid: Narcea.
- SILVA, A. S. (2000). *Cultura e Desenvolvimento. Estudos sobre a relação entre ser e agir* (pp. 1-41). Oeiras: Celta.
- TRILLA, J. (coord.). (2004). *Animação Sociocultural - Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FORTUNA, c. SILVA, A. (2001) A cidade ao lado da cultura: Espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In B. SANTOS, *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* (pp. 407-456). Porto: Afrontamento.
- VALA, J.; MONTEIRO M. B. (coord.). (2010). *Psicologia social*. 8ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Sociedade, Contexto, Indivíduo e Pensamento.....	26
Figura 2 - Relação: representação, estímulo e resposta.....	28
Figura 3 - Processos-chave na formulação e funcionamento das Representações Sociais .....	34
Figura 4 - Linhas de força que pressionam no sentido da Hegemonia e Homogeneização de determinadas Representações Sociais (RS) .....	39
Figura 5 – Idade, Sexo e Área de Residência dos participantes .....	56
Figura 6 - Opções de escolha múltipla para a definição do conceito de tradição.....	59
Figura 7 - Avaliação numérica de relações entre conceitos: tradição, passado, presente e legitimidade .....	64
Figura 8 - Percentagens da pergunta de escolha múltipla sobre relação do conceito tradição com os meios, rural e urbano .....	69
Figura 9 - Associação Numérica de relações entre os conceitos tradição, urbano e rural, por valores médios.....	70
Figura 10 - Associação Numérica de relações entre os conceitos tradição, identidade nacional e identidade pessoal .....	72
Figura 11 - Associação Numérica de relações entre Estado Novo, Nacionalismo e Padronização.....	75
Figura 12 - Acesso e divulgação, percentagens de respostas em inquérito por questionário, por dimensão* .....	78
Figura 13 - Respostas em questionário relativas a preocupações e investimentos* .....	82
Figura 14 - Síntese Geral do teste de Associação escrita de Conceitos .....	87
Figura 15 - Frequência das repetições de palavras associadas a mais do que um conceito-chave, ou conceitos chave, interrelacionados, por ordem crescente.....	89
Figura 16 - Frequências absolutas dos conceitos referidos no teste de Associação Escrita de Conceitos, separados por conceito-chave .....	90
Figura 17 - Análise de correspondência entre conceitos-chave e palavras associadas ..	91

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos entrevistados quanto à sua relação com a música popular/ tradicional portuguesa .....	46
Quadro 2 - Delimitação do problema em estudo: grelha de entrevista semiestruturada	49
Quadro 3 - Dimensões e subcategorias nas questões de escolha múltipla .....	53
Quadro 4 – Atividade(s), idades e naturalidade dos entrevistados.....	55
Quadro 5 - Dificuldade de definição .....	57
Quadro 6 - Transmissão.....	58
Quadro 7 - Correlação entre diferentes dimensões da definição do conceito de tradição e práticas tradicionais, utilizando o valor da correlação de Pearson (C.P.) e significância qui-quadrado ( $\chi^2$ ) .....	60
Quadro 8 - Tabela contingência entre a tradição enquanto processo de transmissão e sua condição anacrónica .....	61
Quadro 9 - Tabela contingência entre a tradição enquanto processo de transmissão e a realização de registos como garantia da prática no futuro.....	61
Quadro 10 - Relação da tradição com a passagem do tempo .....	62
Quadro 11 - Tabela de Contingência entre a ocupação profissional relacionada com práticas tradicionais e a ligação da tradição ao passado.....	65
Quadro 12 - Relação tradição e a reutilização de registos como recurso para novas criações .....	66
Quadro 13 - Invenção .....	67
Quadro 14 - Dicotomia rural e urbano .....	69
Quadro 15 - Valorização e Identidade .....	71
Quadro 16 - Tabela de Contingência entre a ocupação profissional relacionada com práticas tradicionais e a responsabilidade social .....	72
Quadro 17 - Síntese das respostas relativas ao Estado Novo .....	74
Quadro 18 - Síntese das respostas relativas aos processos de institucionalização atualmente, por entrevistado.....	76
Quadro 19 - Síntese das respostas relativas à divulgação e acesso a práticas.....	77
Quadro 20 - Preocupação sobre a presença de conteúdos tradicionais na Educação e Formação e a Construção de um Arquivo .....	80
Quadro 21 - Ocupação profissional relacionada com a tradição e a sua relação com a transformação e recriação de registos e práticas .....	81
Quadro 22 - Principais palavras e número de repetições resultantes da associação livre de conceitos .....	84

# ANEXOS

1. Guião da entrevista (-2-)
2. Modelo de Questionário (-3-)
3. Exemplar das autorizações de registo de entrevista (-9-)
4. Técnicas de Análise de dados (-10-)

# 1. Guião de Entrevista

Esta Entrevista insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, centrada em representações sociais de tradição, em associações culturais.

O principal objetivo é conhecer e compreender conceções na utilização de recursos específicos, englobados na cultura popular, nomeadamente práticas tidas por tradicionais, numa intervenção junto do público-alvo.

O anonimato e a confidencialidade das informações obtidas serão devidamente salvaguardados.

## DADOS PESSOAIS

<b>Data;</b>	<b>Local;</b>	<b>Profissão;</b>
<b>Tipo de Associação cultural;</b>	<b>Autorização de gravação;</b>	<b>Como chegou à posição profissional atual?</b>
<b>Hora;</b>	<b>Género;</b>	<b>Outras informações relevantes</b>
<b>Duração;</b>	<b>Idade;</b>	
	<b>Formação Académica;</b>	

## QUESTÕES

1. De modo geral, como define o conceito de tradição?
  - a. Em que circunstâncias/onde experienciar eventos baseados na cultura popular/tradição?
  - b. Considera beneficiar do facto de experienciar estes eventos? Porquê?
    - i. Numa escala de 0 a 5 (sendo 0 o mínimo), onde os colocaria?
2. Considerando a associação cultural da qual faz parte, porque utiliza(m) como recurso da intervenção junto do público, práticas da cultura popular/tradicionais?
  - a. Agora como profissional, numa escala de 0 a 5 (sendo 0 o mínimo), onde o colocaria?
3. Relativamente a este recurso, que potencial considera ter enquanto elemento pedagógico?
  - a. Que resultados se obtêm? Em que aspetos beneficia o público?
4. No período do Estado Novo, vários órgãos do governo institucionalizaram (oficializaram) determinadas práticas da cultura popular, dando um novo estatuto ao folclore. Que consequências, considera, advieram deste movimento?
  - a. E atualmente? Que processos considera existir, no sentido de institucionalizar práticas da cultura popular?
5. A tradição está diretamente relacionada com a passagem do tempo. Na sua opinião, quais as diferenças entre práticas tradicionais mais antigas e a sua prática atualmente?
6. Considerando os vários registos da cultura popular (livros, atlas etnográficos, cancionários, recolhas sonoras, entre outros), qual a sua opinião sobre a sua reapropriação e/ou reutilização em diferentes projetos?
7. Que papel, considera, jogam os meios de informação e comunicação na divulgação de práticas e/ou eventos culturais baseados na tradição, e na consequente adesão do público?
8. Na sua opinião, em que se deveria investir, ou quais deveriam ser, hoje, as principais preocupações em torno das questões da cultura popular/tradição?

**Muito obrigada pela sua colaboração.  
A Entrevistadora, Ana Cordeiro**

## 2. Modelo de questionário

### Questionário para Identificação de Representações Sociais sobre Tradição

Este estudo insere-se numa investigação que visa compreender a importância do recurso-tradição, na Intervenção Comunitária de Associações, nomeadamente no que respeita a música e a dança. Este questionário tem como objetivo recolher dados que permitam identificar possíveis Representações Sociais do conceito de tradição, que diferentes grupos possam ter, dada a sua possível influência na prática e criação de eventos relacionados com práticas tidas por tradicionais. Este questionário constitui-se por 3 páginas, divididas pela tipologia das questões.

#### Dados Pessoais/ Gerais

##### Idade

- < 15
- 15 - 24
- 25 - 34
- 35 - 44
- 45 - 54
- 55 - 64
- > 65

##### Sexo

- Feminino
- Masculino

##### Área de Residência

- Norte
- Centro
- Lisboa
- Alentejo
- Algarve
- Açores
- Madeira

**Formação/ Habilitações**

- Educação
- Artístico/ Entretenimento
- Saúde
- Administração/ Engenharia/ Serviços técnicos
- Tecnologias da Informação
- Ciências Sociais e Humanas
- Ciências Naturais
- Outra:

**Na sua ocupação profissional (mesmo que parcial), relaciona-se directamente com práticas baseadas na cultura tida por tradicional portuguesa?**

- Sim
- Não

**Se sim, especifique**

**Considera ter participado em práticas relacionadas com a música e dança tradicional?**

- Sim
- Não

**Se sim, especifique**

## Associação Escrita de Conceitos

Esta questão destina-se verificar quantas, e que palavras, associa a um conceito. É-lhe dado um conceito e deverá escrever, por baixo deste, outras palavras que a ele associe. Se possível, um mínimo de 5 palavras, podendo elaborar a sua ideia em frases. Exemplo:

DANÇA  
Expressão  
Arte  
Movimento  
Beleza  
Fluidez ...

### TRADIÇÃO

(se possível, um mínimo de 5 conceitos)

### CULTURA

(se possível, um mínimo de 5 conceitos)

### PORTUGUÊS/ PORTUGAL

(se possível, um mínimo de 5 conceitos)

### FOLCLORE

(se possível, um mínimo de 5 conceitos)

### PASSADO

(se possível, um mínimo de 5 conceitos)

### TRANSMISSÃO

(se possível, um mínimo de 5 conceitos)

## Associação Numérica de Conceitos

Avalie os pares de conceitos/ expressões quanto à sua relação. Nesta escala (de 1 a 5), 1 corresponde a uma baixa relação entre os conceitos do par e 5 a um alto grau:

- 1 - Muito pouco/ Nada relacionados
- 2 - Pouco relacionados
- 3 - Relacionam-se mais ou menos
- 4 - Claramente relacionados
- 5 - Muito/ Intimamente relacionados

	1	2	3	4	5
Tradição - Transmissão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Folclore	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estado Novo - Nacionalismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Presente/ Hoje	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito - Passado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Folclore - Retrato Museológico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Passado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identidade Nacional - Tradição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conservadorismo - Tradição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Rural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estado Novo - Filtro/ Padronização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Globalização - Homogeneização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradições do Passado - Legítimo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Urbano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Retrato Museológico - Tradição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradições Hoje - Legítimo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identidade Pessoal - Tradição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tradição - Transformação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Legítimo - Reutilização de registos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Representações Conceptuais

### Porque razões cria/ participa em eventos relacionados com a música e dança popular/tradicional portuguesa?

(pode escolher mais do que uma opção)

- Porque herdei da minha família
- Porque sou português/a
- Porque faz parte da minha região/ província de origem
- Por causa dos momentos de sociabilização
- Porque faz parte da minha profissão
- Porque aprendo mais sobre práticas do meu país, região, língua, etc.
- Porque é musical/ coreograficamente interessante
- Porque é minha responsabilidade manter estas práticas
- Outra:

### De modo geral, como definiria o conceito de tradição?

(pode escolher mais do que uma opção)

- É um conjunto de dados que se reportam unicamente ao passado, mas que são representados hoje
- É um conceito anacrónico (não tem diferenças quanto ao tempo, encontra-se no presente, passado e futuro)
- É um processo de transmissão, constantemente em curso
- É um conceito vago e arbitrário, e portanto tem de ser definido de acordo com um contexto específico
- É um conjunto de dados culturais que estão presentes em tudo o que fazemos
- Outra:

### No que respeita as práticas tidas por tradicionais, de que forma as analisaria?

(pode escolher mais do que uma opção)

- Deveriam ser conservadas e praticadas tal como eram no passado
- Existem mais em meio rural
- É importante fazer registos/ recolhas como garantia da sua prática no futuro
- Existem tanto em meio rural como urbano
- É mais importante a prática do que o registo
- Hoje existe maior diversidade devido ao fenómeno da Globalização e a processos de "reutilização"
- Antigamente tinham maior diversidade, hoje são mais homogéneas
- A sua origem pode ser recente ou antiga
- Práticas mais antigas são mais legítimas/ válidas enquanto tradição
- Práticas mais antigas e que se mantiveram em uso até hoje são mais legítimas /válidas enquanto tradição
- Outra:

**Como classificaria a divulgação nos órgãos de informação e comunicação, de práticas relacionadas com a música e dança popular/ tradicional?**

(pode escolher mais do que uma opção)

- Área minoritária nos órgãos de comunicação social habituais
- Duas realidades nos órgãos de comunicação social habituais: Lisboa e restante país, com centralidade em Lisboa
- Existe, em geral, crescente divulgação nesta área, nos órgãos de comunicação social habituais
- Existe, em geral, crescente divulgação, por variados e recentes meios de comunicação e informação (na internet; redes sociais, blogs, etc.)
- Outra:

**Quais são hoje as preocupações principais, no que respeita a música e dança popular/ tradicional portuguesa?**

(pode escolher mais do que uma opção)

- Criação de uma rede entre associações, músicos, etc. (promover o trabalho em conjunto e facilitar a comunicação)
- Educação e Formação nesta área (ensino público regular, conservatórios, ensino superior, etc.)
- Criação de arquivos com acesso livre e documentação generalizada (texto, audio, video, etc.)
- Transformação e "recriação" de registos e práticas
- Discussão/ debate de conceitos e preconceitos quanto à musica popular/ tradicional portuguesa
- Promoção e realização de eventos relacionados com a música popular/ tradicional portuguesa
- Outra:

**Obrigada pela sua participação!**

Dentro em breve este estudo estará terminado e, quando me for possível, divulgarei para que possas ficar a conhecer o resultado final!

Mais uma vez, Muito Obrigada por ter participado! :)

### 3. Exemplar das autorizações de registo de entrevista

#### AUTORIZAÇÃO PARA FAZER GRAVAÇÃO EM ÁUDIO DA ENTREVISTA<sup>1</sup>

Eu, \_\_\_\_\_, venho por este meio, como entrevistado(a), autorizar a gravação em áudio da entrevista, a realizar pela entrevistadora devidamente identificada para o efeito, com o objectivo de colaborar na sua Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, centrada no tema "representações sociais de tradição em associações culturais".

Declaro ainda que autorizo a utilização das informações obtidas apenas para o efeito atrás mencionado e desde que o anonimato e a confidencialidade das mesmas sejam salvaguardados.

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

\_\_\_\_\_

4.

\_\_\_\_\_  
(data e local)

<sup>1</sup> O(a) entrevistado(a) assina dois exemplares deste documento, um dos quais fica em sua posse.

## 5. Técnicas de análise de dados

### Tabelas de contingência e Correlação de Pearson

As tabelas de contingência são uma das formas mais simples e comuns de mostrar a presença ou ausência de uma associação entre duas variáveis (correlação). Tendo dados relativos a duas variáveis (com diferentes números de valores) estes são cruzados numa tabela de duas entradas. Por sua vez, para percebermos a força e a direção da associação entre um par de variáveis utilizou-se o valor de correlação de Pearson (Bryman & Cramer, 2003)<sup>32</sup>.

### Níveis de Significância estatística: teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ )

No entanto, na análise da relação entre determinadas variáveis, importa perceber se existe de facto uma associação entre estas que tenha significância em termos estatísticos, na população de onde foi retirada. Desta forma, para averiguar a significância das relações entre as variáveis que cruzámos, utilizámos o teste do qui-quadrado (Bryman & Cramer, 2003).

O ponto de partida deste teste baseia-se na existência de uma hipótese nula - que supõe que não existe relação entre as duas variáveis em análise. Para afirmar que existe uma relação entre as duas variáveis na população (de onde foi retirada a amostra) é necessário rejeitar a hipótese nula. A estatística do qui-quadrado é calculada então, comparando frequências observadas em cada célula (de uma tabela de contingência), com as que se esperaria que ocorressem apenas com base no acaso (frequências esperadas). Quanto maior a diferença entre frequências observadas e frequências esperadas, maior será o valor do qui-quadrado, e vice-versa. O passo seguinte é decidir que nível de significância será utilizado, isto é, que risco é aceitável da hipótese nula ser incorretamente rejeitada, ou que probabilidade se admite de se poder estar a fazer uma inferência (à amostra) errada. O nível de significância (mínimo) admitido na nossa comparação de dados foi de 0.05. Isto significa que estamos a afirmar que no máximo, cinco em cada cem amostras aleatórias, retiradas de uma população, possam parecer estar relacionadas quando, na realidade, essa relação não existe na população em geral.

---

<sup>32</sup> BRYMAN, A.; CRAMER, D. (2003). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS para Windows*. Oeiras: Celta.

Existem, no entanto, limites mais estreitos comumente utilizados em relatórios de investigação: nível de significância de 0.01, que admite (no máximo) que uma amostra em cada cem possa figurar uma relação que não exista na população; ou de 0.001, que admite uma amostra errônea em cada mil (idem, 2003).

### **Análise de Correspondência**

A análise de correspondência é uma técnica estatística de análise exploratória multivariada de dados, adequada para estudar tabelas de duas entradas, atentando a algumas medidas de correspondência. Esta análise traduz um conjunto de variáveis correlacionadas num conjunto menor de variáveis independentes, constituído pelas combinações lineares das variáveis de partida, denominadas “componentes principais” (as variáveis são decompostas numa matriz de correlação – relação entre variáveis). Esta técnica pode ser considerada como um caso especial da análise de componentes principais embora destinada em concreto a tabelas de contingência.

A transformação dos dados realiza-se de forma que a primeira componente explique a maior proporção de variância (isto é, quão longe, em geral, os valores se encontram do valor esperado) das variáveis originais, e a componente seguinte explique a maior proporção de variância não explicada pela primeira. Para além da vantagem da redução de dados, esta análise permite resumir a informação de várias variáveis correlacionadas, representando em combinações lineares independentes a maior parte da informação presente nas variáveis originais (Maroco, 2003)<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> MAROCO, J. (2003). *Análise Estatística com utilização do SPSS* (2ª edição). Lisboa: Sílabo.